3 1761 07046068 8

Pimentel, Alberto
Poemas herói-cómicos portugueses

PQ
9077
P55

ALBERTO PIMENTEL

Poemas Herói-Cómicos Portugueses

(VERBÊTES E APOSTILAS)

EDITORES
RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO
ANNUÁRIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

ROBERT E. CALVIN
BOX 2201 STATION A
CHAMPAIGN, ILL. 61820 U.S.A.

Reservados todos os direitos de reprodução nos países que aderiram à Convenção de Berne; Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911; Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912.

POEMAS HERÓI-CÓMICOS PORTUGUESES

DO AUTOR:

Do portal à claraboia, 2.ª edição. 1913.
Memórias do tempo de Camilo. 1913.
Pena de Talião, poema herói-cómico. 1913.
A côrte de D. Pedro IV, 2.ª edição. 1914.
Notas sôbre o «Amor de Perdição». 1915.
O Arco de Vandôma, romance. 1916.
A Praça Nova. 1917.
Terra prometida, romance. 1918.
O melhor casamento, romance. 1921.
O torturado de Seide (Camilo Castelo Branco). 1921.
Poemas herói-cómicos portugueses (Verbêtes e Apostilas).

ALBERTO PIMENTEL

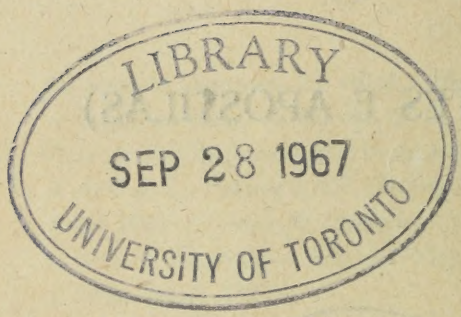
Poemas Herói-Cómicos Portugueses

(VERBÊTES E APOSTILAS)

EDITORES
RENASCENÇA PORTUGUESA — PORTO
ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO

[1922]

PQ
9077
P55



AO LEITOR

PASSEI longínquos anos da vida—e não os choro porque foram os mais felizes —coleccionando fugitivas curiosidades literárias, quási esquecidas, entre elas os nossos poemas herói-cómicos, dos quais apenas um, o *Hissope,* andava na bôca de toda a gente.

Tive ocasião de verificar que não eram tão poucos como eu supunha, nem alguns eram tão valiosos que pudessem justificar a sua raridade.

Passaram. Êste verbo explica muitas coisas inconfessáveis em letra redonda.

Feita a colecção fiz o inventário respec-

tivo, expungindo ùnicamente as torpezas pornográficas, e hoje o dou a lume também como simples curiosidade literária.

Penso que o poema herói-cómico, para que em verdade o seja, deve especializar-se pelo desenvolvimento integral duma acção atribuída a um ou mais indivíduos, e sistemàticamente exagerada com o propósito de fazer rir.

Mas a intenção drolática de qualquer narrativa jocosa, em verso permitir-me há, ao menos por extensão e tolerância, incluí-la na resenha dos poemas herói-cómicos.

A

AGOSTINHEIDA, poema herói-cómico em 9 cantos. Londres, 1817. Há segunda edição feita em Lisboa, menos correcta e limpa; e terceira edição estampada em Barcelos (1876) por iniciativa do dr. Rodrigo Veloso.

O autor foi Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, inimigo irreconciliável do Padre José Agostinho de Macedo, e o assunto é a vida e feitos dêste Padre:

> Eu, que, nos sons de Clio, ou nos de Euterpe,
> Ou já nos de Melpómene cantava
> Prazeres, e paixões, virtude, e gloria;
> Agora, zombeteiro flauteando,
> Canto o *Camões da Rua da Bombarda*
> Que, d'Epico furor doudo varrido,
> *Poz do Velho Camões a calva á-mostra,*
> Expondo aos Mares novamente o Gama.

Êste breve excerto basta a dar medida do tom geral da composição e do seu valor literário, que é incontestável.

A opinião pública tem colocado a *Agostinheida* no segundo lugar dos nossos poemas herói-cómicos, logo depois do *Hissope*. E eu creio que deve ser assim.

Como sátira pessoal, se não sobe ao diapasão inflamado de Bocage, porque Moniz tem menos estro e pulso, sustenta contudo galhardamente o fogo da bateria.

Na obra literária de Moniz como na sua vida particular ou política, encontra-se sempre «um carácter», que não recua deante dum indefesso trabalho de polígrafo, não empalidece de susto deante das arremetidas selvagens do Padre José Agostinho, nem verga ao peso das próprias responsabilidades quando ataca ou quando se defende no livro, no palco e no jornal.

Nisto está em contradição plena com o seu fogoso adversário, que foi sempre «a ausência de um carácter».

Inocêncio, a quem se não póde deixar de reconhecer certa inclinação para José Agostinho — e tanto que escreveu as suas *Memórias* e reüniu materiais para uma edição das suas obras inéditas — diz que na *Agostinheida* há «transposições de tempo, de envolta com asserções tão manifestamente falsas, que tornam sobremaneira duvidoso, se não inacreditavel, o mais que o auctor avança» [1].

Isto escreve Inocêncio a propósito do episódio amoroso do Padre com a freira de Cóz, contado no canto V da *Agostinheida*.

1 *Memórias*, pág. 16.

Que importa que haja transposição de tempo? Um poema herói-cómico não é um calendário nem uma seqüência cronológica de décadas. Tudo quanto possa dar relevo à figura do protagonista, e de algum modo lhe desenhe, pinte e defina o carácter, tem cabimento em qualquer lugar, contanto que lhe não falte um fulcro de verdade ou pelo menos de coerência.

Ora, justamente nas *Memórias* se encontra a notícia de que o Padre José Agostinho, depois dos seus amores com a actriz Maria Inácia da Luz (e é esta uma das páginas mais vergonhosas da biografia do Padre) arrastou a asa a certa freira de Odivelas, à qual atraiçoou com uma *religiosa de Coz*, Maria Cândida do Vale [1], e com esta, que por causa dêle abandonou o convento, viveu em íntimas relações até à morte e a fez herdeira do seu espólio [2].

Aqui temos o facto basilar do episódio da *Agostinheida:* pouco importa a transposição da época.

Hoje, que estão publicadas as *Memórias* e as *Obras inéditas* coligidas por Inocêncio, se as confrontarmos com a *Agostinheida*, reconhece-se que Pato Moniz foi mais verdadeiro do que era de esperar numa sátira violenta.

1 *Memórias*, pág. 103.

2 É notável êste último facto, tanto mais que o Padre, nos últimos anos de vida, em correspondência amorosa com uma freira do Rato, metia a ridículo Maria Cândida por causa dos unguentos e trapos com que ela pensava um aneurisma no pescoço.

Que flagrantes e revoltantes contradições!

ANTONIO CARO, poema heroe-cómico por Souza Portugal e Mauricio d'Athayde. — Lisboa — 1879.

Esta composição prometia ser a primeira de uma série sob o título geral de *Charlatães contemporâneos.*

O protagonista é o ilustre homem de estado Antonio Maria de Fontes Pereira de Melo.

Numa carta preliminar conta Sousa Portugal que, tendo sido sargento do exército e requerendo a sua readmissão no serviço militar, Fontes lha negara. Acrescenta que durante 13 anos teve esta dívida em aberto, mas que, encontrando um colaborador no seu amigo Maurício de Ataíde, resolve pagá-la com um poema herói-cómico, — embora, «em verso de pé quebrado», palavras suas.

São 5 cantos — em 97 páginas.

B

BALÃO (O) aos habitantes da lua. Poema, heroi-comico em hum só canto. Por José Daniel Rodrigues da Costa. Lisboa, na Impressão Régia. Ano 1819.

Compõe-se de um prólogo em verso decassílabo pareado e de 80 estâncias.

O assunto é a viagem de um aeronauta à lua e a descrição dos usos e costumes estabelecidos entre os habitantes daquele planeta.

A graça do poema — e alguma tem realmente —

está em passar-se na lua justamente o contrário do que se passa na terra.

Por exemplo:

Temos quem nos governe com respeito,
Com justas Leis, que sobre nós impérão,
Tudo, quanto se manda, he logo feito,
Porque as Leis do paiz nunca se altérao.
Este mundo he da Lua, e mui perfeito,
Onde os raios do Sol mais reverbérão;
E por nosso brasão nos nossos planos,
Chamão-se a estes Povos os Lulanos.

O nosso Herói, que ao longe descobria
A Praça, que servia de Ribeira,
Lhe perguntou se sempre se comia
Peixe fresco da mão da vendedeira?
Disserão-lhe que sim, porque ha vigia,
Que manda o peixe podre á montureira;
Que o dono soffre á força esta differença;
Mas que o Povo não compra uma doença.

Que nos açougues ha igual revista,
Nas tendas, padarias, e nas fructas,
Que estas em sendo verdes, mesmo á vista
De seus donos se pizão sem disputas;
Ninguem com estas cousas se malquista,
Que ha para as regular certas minutas,
Que assim a gente vive satisfeita,
Porque quanto se compra, se aproveita.

José Daniel foi, como se sabe, um gracejador popular e não um escritor ilustrado; mas na sua graça há observação e, por isso, uma eterna oportunidade.

Do *Balão* fez-se uma edição no Brasil em 1821.

BANHEIDA (A) Pôrto, 1849.

Nunca pude encontrar êste poema herói-cómico. Vi-o, apenas, mencionado no catálogo da livraria Moreira Cabral (Pôrto), 2.ª parte, n.º 4834. Aí se diz que é um poema épico e que o autor se inculca *um poeta do Matto (sic)*.

No catálogo da livraria Fernandes Tomás (Lisboa, 1912) *A Banheida* vem classificada como poema herói-cómico, sendo a data e o lugar da impressão os mesmos que no catálogo Moreira Cabral, mas sem referência nenhuma ao pseudónimo que o autor usou.

BATOTEIDA (A) Vi êste poema herói-cómico em manuscrito na Livraria Antiga e Moderna, de Lisboa. Suponho-o inédito; e autógrafo em razão das muitas emendas feitas com a mesma letra do texto.

O poema tem seis cantos em verso sôlto, decassílabo, sem notas e sem nome de autor.

Principia assim:

Eu canto o gran-Batota, o sabio, o illustre
Varão, cuja alma de chicharro pôdre
Illuminou das lettras o arcópago
Como candeia, que, affogada em borras,
Dá fosca luz n'um canto da cozinha.
Musa de Elpino, afina-me a bandurra;
Enchota-me do cerebro as ideias,
Que alapardadas, somnolentas, monas
Lá jazem, como jazem regateiras
Criminosas, do Aljube nos recessos.
Eu cantar não pretendo os Alexandres,

Que os bucephalos bravos esporeiam,
Da guerra meneando o facho ardente.
Heroes-vampiros, que de sangue nutrem,
Merecem maldições e não poemas.
Eu intento cantar, em verso chocho,
Heroe, que inspira gargalhada ás turbas,
Heroe, meão de corpo e de bestuto,
Frascario e tonsurado Dom Quichote,
Pimpão das lettras e tambem das tretas,
Mas pimpão que faz rir!...

Por esta proposição se apura que o herói é um padre dado a trabalhos literários; e como a letra do poema é moderna, certamente do século XIX, dentro deste mesmo século devemos investigar a identidade do herói.

Mas, a breve trecho, surge-nos uma indicação segura:

Quero que consultando Mané Côco,
Do beco do Monete as chinelleiras,
E os annaes de Petisco e Despauterio,
Lances ao prelo diccionario hydropico,
Onde definas a balea-peixe...

Aqui estão trancados a lápis dois versos, mas é fácil ainda lê-los:

Do gen'ro dos mamaes *(sic)* e da ordem
Dos cetaceos (esta ordem é desordem!)

Não contando com aqueles dois versos, que aliás

de tanto auxílio nos foram para descobrirmos o autor, também os seguintes continuam a esclarecer-nos, referindo-se ao dicionário:

Onde de caganita os derivados
Encham nem mais nem menos que mil paginas;
E onde emfim deixes a escorrer em sangue
À lingua e o bom-senso. Mais pretendo
Que original grammatica publiques,
Onde impinjas á infancia incauta e ignara,
Que ha certas orações com dois sujeitos!

Não é preciso mais: está descoberto o herói do poema: é D. José Maria de Almeida e Araújo Corrêa de Lacerda, que foi deão da Sé Patriarcal de Lisboa, deputado em várias legislaturas, sócio da Academia Real das Sciências, etc.

No seu *Diccionario da lingua portugueza*, feito sôbre o de Eduardo de Faria, encontra-se efectivamente a seguinte definição de baleia: «peixe marinho do genero dos mammais e da ordem dos cetáceos, etc.»

Os derivados de *caganita* não ocupam mil páginas como diz jocosamente o autor do poema, mas nenhum fica decerto no tinteiro.

Quanto à gramática, é certo ter D. José de Lacerda composto uma, que serviu de introdução ao dicionário, e foi reproduzida em *separata* no ano de 1859.

Isto pelo que respeita ao herói.

Relativamente ao autor, não sei quem fôsse, mas devia ser homem de letras: metrificava correntemente,

manejava bem a língua portuguesa, e as repetidas emendas representam gosto e apuro.

Alguns episódios teem graça e vivacidade cómica.

BENTEIDA, poema heroi-comico em 3 cantos por Alexandre Antonio de Lima.

A 3.ª edição dêste poema apareceu em Barcelos no ano de 1876, por iniciativa do dr. Rodrigo Veloso.

Na 1.ª edição (1752) [1] o poema tinha o sub-título de «ou nova matamorphose» e dizia-se produção de *Andronio Meliante Laxaed*, que é o anagrama do autor.

Da 2.ª edição dá notícia o bibliógrafo Inocêncio.

A *Benteida*, composta em oitava-rima, tem sido apreciada com favor e desfavor, mas os votos emitidos por José Agostinho de Macedo, Inocêncio, Rebelo da Silva e Teófilo Braga, se não são de aplauso incondicional, são favoráveis ao autor e ao poema.

O assunto peca principalmente por nos ser obscuro hoje.

Segundo o *Argumento*, trata-se de um Bento António, natural de Elvas e grande cultor de Baco, o que dá lugar, melhor do que na *Santarenaida*, a disputas entre Baco e Netuno, aquele propício ao seu devoto, êste irado contra êle.

Bento António foge à família e vem para Lisboa, onde encontra a protecção da condessa de Alva.

Um dia, arrependido de haver adoptado o culto do Baco, acha-se na contingência de ter que sofrer

1 Constantinopla, na Officina (sic) Bigodiana.

não só a cólera do deus da água, mas também a do deus do vinho.

Tanto Netuno como Baco vão pedir a Júpiter que os vingue, mas o Tonante, atenta a alta protecção da condessa, nega-lhes auxílio.

Então Baco converte Bento António em mulher feia, e Júpiter modera êste castigo, permitindo que seja formosa.

Dona Benta chega a ser açafata na côrte.

Tal o *Argumento.*

Quem era Bento António? Trata-se de uma alegoria ou de uma realidade? fere-se uma personagem acusada de inversão sexual ou retrata-se apenas um paranoico popular, que chegou a vestir-se de mulher?

Inclino-me para esta última hipótese, porque, em as notas, aliás pouco elucidativas, que seguem o poema, se diz que Bento António era perseguido pelo rapazio das ruas, que «por zombaria» se lhe mandou passar o alvará de açafata, e que na sua opinião o grilo e a rã cantavam muito bem.

Como quer que seja, à parte os ressaibos da escola gongórica, defeito ainda subsistente naquela época, o poema tem valor.

A descrição de Baco e de Netuno no 1.º canto, o retrato do herói e a sua navegação para Samora no 2.º, o diálogo dos deuses e a metamorfose de Bento António no 3.º são, em verdade, bem tratados, e ainda hoje apreciáveis.

Alexandre António de Lima nasceu em Lisboa nc ano de 1699 e foi sócio de academias.

BISNAGA ESCOLASTICA, composição incluída na *Macarronea latino-portugueza,* do mesmo autor de *Calouriados.*

Canta as antigas batalhas travadas a murro e calhau entre os rapazes do Bairro Alto e Alfama nas encostas da Cotovia em Lisboa.

Musa mihi memora, quae Alfamae causa Ranhêtam,
Ac Bairraltensem Espantam tot volvere seixos,
Insignes marotice tôlos, tot rompere cascos
Impulent. Tantaene animis mamotibus irae!

Veja-se *Macarronea latino-portugueza.*

BÔLHA (A).

A Bôlha (Resposta á Niveleida, ao espectaculo e ao Nivel Academico, três semsaborias distinctas, e nenhuma de geito.)

Sem nome de autor, nem lugar e data de impressão. Mas sabe-se que foi impressa em Coímbra no ano de 1886.

É uma paródia ao canto 1.º dos *Lusiadas.*

E abre assim:

Os grandes paspalhões assignalados, etc.

BRAVO (O) forneiro viajante, Lisboa, 1852.

Apenas conheço êste poema pela menção que faz dêle, entre outros poemas herói-cómicos, o catálogo da livraria Fernandes Tomás (Lisboa, 1912) a pág. 386, n.º 5955.

BURROS (OS) ou o reinado da Sandice, poema heroi-comico, satyrico, em seis cantos, por J. Agostinho de Macedo.

A última edição é do Pôrto, 1902. A primeira fez-se em París, 1827, ainda durante a vida do autor, e saíu profundamente alterada; o mesmo aconteceu à edição de 1835 também feita em París, bem como àquela que principiou a estampar-se em Lisboa no ano de 1837, a qual aliás não passou do 2.º canto.

Assim, pois, dizia Inocêncio em 1860 (tomo IV do *Dicc. Bibl.*) que êste poema podia considerar-se inédito, e que existiam muitas cópias dêle, mas todas discordes entre si.

O livreiro portuense António Rodrigues da Cruz Coutinho possuía uma dessas cópias, e foi sôbre ela que se fez aquela edição de 1902. No *Aviso do editor* pede-se aos possuïdores de outras cópias o favor de darem conhecimento de quaisquer variantes ou correcções.

Esta edição do Pôrto não é, em verdade, isenta de manifestos defeitos.

Todas as elaborações por que o poema tem passado resultaram, a meu vêr, não de êrros acidentais dos copistas, mas das ensanchas que êle deu, e dá, a introduzirem-se-lhe, por espírito de vingança ou malevolência, novas passagens e alusões pessoais.

Os *Burros* são um poema que pode alterar-se ou continuar-se em qualquer época, metendo-se dentro dêle toda a gente a quem qualquer fazedor de verso

solto, dispondo de ánimo bilioso, queira denegrir ou injuriar.

Isso mesmo fez o Padre José Agostinho que, depois de ter escrito o poema, o foi aumentando entre os anos de 1812 a 1814, para que lhe não escapassem mortos e vivos, mulheres e homens, frades e freiras, políticos, padres, médicos, escritores, os amigos dos seus inimigos, e os inimigos não dos seus amigos — mas dêle próprio.

E não só o aumentou, mas também o alterou ao sabor das suas violentas paixões e das circunstâncias de momento.

Daremos um exemplo.

Como houvesse muitos queixosos do poema, a Intendência Geral de Polícia mandou abrir devassa contra o autor.

José Agostinho, sobressaltado, expungiu dos *Burros* os nomes de todas as pessoas de maior valimento, e as mais cruas obscenidades e injúrias.

Depois apresentou na Intendência um exemplar adrede desfigurado, declarando que assim o escrevêra, e não como os seus inimigos lho atribuíam.

Que miserável estratagema! A Intendência fingiu acreditar, graças à intervenção de Ricardo Raimundo Nogueira em favor do Padre, que continuou a servir-se impunemente do poema como de uma navalha de ponta e mola — que ora abria, ora fechava.

Sob êste ponto de vista, *Os Burros* são um poema abominável; e à arte pouco êle deve, porque em verdade se pode considerar uma estopante maçadoria.

Contudo, o Padre José Agostinho, sempre vanglorioso e empavonado, não duvidou dizer:

Se o Sena tem *Lutrios*, tem Lysia os *Burros*.

E na *Prefação* orgulha-se de haver produzido «um verdadeiro poema, de um genero único» e com a «mesma veemência de Juvenal».

O Padre, que até ousou medir-se com Luís de Camões e com Barbosa du Bocage, era um ôdre de vaidade, Deus lhe perdôe.

Nos *Burros* pretendeu nivelar-se com Juvenal; mas apenas igualou qualquer boçal arrieiro, nos sentimentos e na linguagem.

Diz êle que o seu herói é João Bernardo Loureiro da Rocha, porque o julgou o mais asno de todos os asnos; e que as outras suas vítimas figuram apenas como satélites daquela, embora pareçam maiores. Sem embargo, não será fácil dizer qual das personagens é mais azorragada ou menos ferida.

O ódio do Padre Macedo a João Bernardo proveio dêste ter sido liberal, amigo íntimo de Pato Moniz, e ainda talvez da Regência de 1820 o haver nomeado cronista-mór do reino.

O autor dos *Burros* prometeu uma série de notas ao poema, para que os *pósteros* e os *presentes* não pudessem ter dúvidas quanto às personagens e suas acções.

Quem desempenhou essa ingrata tarefa, ainda em vida do autor, foi Francisco de Paula Ferreira da

Costa, seu amigo, que coligiu 1509 notas e também as variantes dos *Burros* em 3 grossos volumes manuscritos.

Parece que era principalmente sôbre êste abundante cabedal que Inocêncio projectava trabalhar uma edição integral do poema.

Mas não chegou a realizar o projecto, porque Ferreira da Costa vendeu os manuscritos ao bibliómano Pereira Merelo, adversário irreconciliável de Inocêncio.

Por morte de Pereira Merelo vendeu-se em leilão a sua livraria. Creio que foi o sr. visconde da Esperança quem arrematou os papeis que diziam respeito a José Agostinho de Macedo.

Vide *Agostinheida, Correiada* e *Mariolada.*

C

CABULOGIA (A).

Compreende, além de outras composições, uma paródia ao canto do *Camões*, de Garrett.

Foi impressa em Coimbra, 1844, um ano antes do autor desta paródia concluir o curso jurídico.

E quem era o seu autor? António Maria do Couto Monteiro, que teve aquela cidade por berço no ano de 1821.

Conheci Couto Monteiro em Lisboa, onde foi aju-

dante do Procurador Geral da Corôa e ministro da Justiça.

Era homem alegre, talentoso e muito ilustrado. Pertenceu à Academia Real das Sciências.

Castilho, na *Revista Universal Lisbonense* (Janeiro de 1845) saudou a aparição da famosa paródia com justo aplauso:

«Não conhecemos o poeta author d'este brinquedo metrico; mas não é necessario ser um adivinhão para dizer que é um estudante não caloiro em poesia, e que não foi hoje nem hontem que se estreou o seu salgado tinteiro».

Assim era, com efeito.

Toda a paródia tem por assunto as torturas e pesadelos da vida académica:

Correi sobre esta meza carunchosa,
lagrimas tristes minhas, borrifae-a,
que o pezo do *Digesto* a tem quebrado.
Cábula minha pachorrenta e gôrda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros?

O viço de meus olhos se ha murchado
nas fadigas, no ardor sévo do estudo;
extranhos nomes, ignoradas trêtas,
bárbara asneira vi, cahi no somno,
penei apoquentado entre maçadas,
vaguei sósinho, em cólicas fervendo,
por essas aulas onde mora o susto.
Tudo soffri na esp'rança de um feriado.
Mas no instante de havel-o, toca o sino,
Cábula minha pachorrenta e gorda,
¿quem entre as folhas te expremeu dos livros?

Longe, á tarde, por margens do Mondego,
na soidão melancólica do Almégre,
ouvi berrando a negregada *cabra*,
e de ouvil-a tremeu minha preguiça.

Êste excerto bastará para dar medida do valor incontestável da composição.

O conselheiro António Maria do Couto Monteiro, que desde 1879 fôra par do reino, faleceu em Lisboa no dia 1 de março de 1896.

Conta Gomes de Amorim que o visconde de Almeida Garrett, quando ouviu pela primeira vez recitar aquela paródia, ficou agradavelmente surpreendido e disse:

— Isso é bom.

Completam a *Cabulogia* alguns sonetos e outros versos de Luís de Bessa Correia, então também estudante de Direito em Coímbra.

CAFRE (O) Dizem-me que o dr. José Carlos Lopes, do Pôrto, adquirira êste poema em manuscrito para a sua livraria; que o autor do poema foi Joaquim da Costa Lima Junior, quando estudante, — depois professor de arquitectura civil na Academia Portuense de Belas Artes e arquitecto da Camara Municipal daquela cidade — e que o protagonista é o então director da mesma Academia, posteriormente nomeado para igual cargo na Academia Politécnica.

O poema, composto em decassílabos pareados, tem valor literário, como pude verificar por um excerto. O autor cultivava as musas com espontaneidade e

correcção. Bosquejou-lhe a biografia António Augusto Teixeira de Vasconcelos e publicou-a com a de outro arquitecto portuense, Manuel José Carneiro, num opúsculo impresso no Pôrto em 1866, tão raro que o não cita Inocêncio, e de que eu apenas tive conhecimento pelo catálogo da livraria do Professor Guilherme António Correia (1908).

Posteriormente pude adquirir um exemplar em Lisboa.

CALOURÍADOS.

É uma das três composições que destacamos da *Macarronea latino-portugueza.*

Pode sem violência considerar-se poema herói-cómico, escrito num só canto, ou mais pròpriamente *cantus unicus,* para conservarmos a mesma linguagem do autor.

O assunto está enunciado no seguinte argumento: *Describitur jornata cujusdam Calouri venientis ad Coimbram, et inde regressus ad suum casalem.*

E o herói é João Fernandes, que personaliza o tipo comum do calouro montezinho.

Sôbre o valor desta, e das outras duas composições, veja-se a rúbrica *Macarronea latino-portugueza.*

CALOURO (O) poema satyrico de costumes—por J. V.— Porto, 1872.

O protagonista é o tipo escolar do Calouro no Pôrto.

O autor foi João António Vieira, natural de Fán-

zeres (concelho de Gondomar), que estudou naquela cidade, primeiro como interno no Colégio dos Órfàos, depois no Liceu Nacional e por último no Seminário Diocesano. Contudo não se ordenou padre. Retirou-se do Pôrto para a sua aldeia, e lá morreu.

O poema, que o autor declara ter sido escrito quando frequentava os estudos teológicos, revela facilidade de composição, mas pouco esmêro literário na factura métrica.

E a revisão tipográfica foi também muito descurada.

CAMÕES EM COIMBRA, por um academico. Coimbra, 1881.

O autor chama-lhe «poema realista». Mas é uma sátira, pessoal e acerba, aos estudantes promotores dos festejos com que a academia de Coimbra comemorou o terceiro centenário da morte de Camões.

CAMPANHA (A) do ôvo — Porto, 1898.

No catálogo da livraria Fernandes Tomás encontrei esta indicação bibliográfica, sob o n.º 3979 (poemas herói-cómicos).

Mas nas livrarias e alfarrabistas do Pôrto ninguém me pôde dar notícia de qualquer poema herói-cómico dêste título.

CARTÍADA (A).

Vi uma cópia dêste poema em Sesimbra. Pertence ao sr. Marques Pólvora, que me permitiu a sua leitura.

O autor subscreve-se *Afonso Mendes d'Odemira e Pina*, mas foi António Maria d'Oliveira Parreira, erudito autor dos *Luso-arabes* e professor do Liceu Camões em Lisboa.

Esta composição jocosa leu-a o autor num *pic-nic* realizado em Azeitão no dia 31 de julho de 1871 e tem por assunto uma porfia entre damas e cavalheiros para fazerem chegar ao seu destino cartas contraditórias que mùtuamente procuram interceptar.

O poema consta de *Canto, Cantão* e *Cantinho* em oitava-rima, e de um *Additamento;* de notas que revelam os verdadeiros nomes das personagens; de um prólogo para a primeira edição «*em letra de penna*, visto não haver nesta terra (Azeitão) imprensa de letra redonda»; e de uma suposta crítica do mestre Clemente José Isidro Mocho ao autor da *Cartiada*.

Esta crítica, também escrita pelo professor Parreira contra si mesmo, ficou incompleta.

A *Cartiada* nunca foi impressa. O seu autor, espírito muito culto, apenas pretendeu produzir um gracejo de ocasião, fingindo-se ignorante de preceitos literários.

Era um homem de valor. Foi êle que me indicou o assunto do romance *Um conflicto na côrte*.

CASAQUEIDA (A).

Conheci êste poema por intermédio do livro *In illo tempore*, do malogrado escritor Trindade Coelho.

O herói era um estudante de Coímbra, natural do Alentejo e de apelido Boavida, que se lembrou de vestir casaca para exibir-se conselheiralmente em certa

soirée realizada no *Club dos lentes*, desdenhando assim a capa e batina escolásticas.

Êste poema, em oitava-rima, constitui um folheto de 8 páginas, com um *Acto Addicional* na última.

Apareceu anónimo, mas Trindade Coelho, que o anotou ao transplantá-lo para o seu livro, diz que o autor fôra o estudante brasileiro Pinto da Rocha.

A *Casaqueida*, causticante facécia coimbrã, era vendida à *Porta Férrea* por 20 reis.

CAXORRÁDA. Manuscrito em poder do dr. Rodrigo Veloso[1]. Consta de 84 oitavas, e canta as façanhas de um cachôrro contra um lôbo.

CEBOLÍADAS (OS) poema heroe-comico (em quatro cantinhos) por Costa Ferreira (Antonio da). Prefaciado por Antonio Aurelio. Lisboa, 1900.

É um poema da vida escolar, escrito por um estudante de anatomia, e que parece dever o título a outro estudante de alcunha — O Cebola.

Às oitava-rimas dos «quatro cantinhos» segue-se um suplemento em quadras.

CERÔTO (O) por Venancio de Matamá. Impresso no Pôrto, creio que em 1898, pois lhe falta a data de impressão.

Consta de quatro cantos em oitava-rima, tendo o princípio de cada canto uma página de ilustração.

1 Não sei quem no leilão da respectiva livraria o adquiriu.

O herói é um boticário, como se depreende do 1.º canto:

As Artes e um artista assignalado,
Que da patria d'Affonso Araducana,
Depois da ponte Pisca ter passado,
Passou ainda alem da de Sant'Anna,
Com muitos saccos d'hervas carregado,
Mais do que permitia a força humana:
E em terras de Pusmil edificou
Botica que elle tanto sublimou.

Pena é que faltem ao poema as notas precisas para desembrulharmos as suas alusões pessoais, maiormente porque a composição tem valor literário.

CHAMORREIDA (A) poema heroi-comico. Lisboa, 1837.

O autor é Pedro Inácio Ribeiro Soares (Vide *Descida de D. Miguel).*

Não se imprimiu mais que o canto 1.º, em verso decassílabo.

«Eram assumpto — diz Inocêncio — as tentativas que inutilmente se fizeram em Belem nos dias 4 e 5 de Novembro de 1836 para restabelecer o governo da Carta, e aniquilar a revolução de 9 de Septembro do mesmo anno».

Nunca vi esta composição.

CHARLATANISMO (O), ou o congresso abolido. Poema heroe (sic) em verso solto. Manuscripto achado n'um canto do Palacio das Necessidades, depois das

côrtes serem abolidas em 5 de junho de 1823. Paris, 1824.

O autor, José Anselmo Correia Henriques, escreveu vários poemas do mesmo género (Vide *Padeira de Aljubarrota, Perodana* e *Mariolada).* Êste pudémos vê-lo ràpidamente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Correia Henriques, que foi ministro de Portugal junto às cidades hanseáticas, e que faleceu em 1831, não se distinguiu como diplomata nem como poeta. Mas tinha o gôsto de escrever, e foi semeando poemas, e outras composições, em vários prelos da Europa.

O *Charlatanismo,* ou o *Congresso abolido,* canta, como o seu título indica, a restauração absolutista de 1823.

Êste poema é uma duplicação, *mutatis mutandis,* da *Perodana,* outro poema herói-cómico de Correia Henriques, impresso em 1819.

Veja o leitor a proposição do assunto no *Charlatanismo,* que diz assim:

> Canto da Inepcia o Reino tenebroso,
> Cantarei burrical, fôfa matilha
> De valentes, acerrimos Quixotes:
> Gentes que, sem saber falar a geito,
> A sandice proclama em toda a parte, etc.

E, confrontando-a com a da *Perodana* (Vide êste vocábulo) há de reconhecer que o autor, apenas com algumas alterações, fez dum poema dois — processo fácil de fazer poemas.

Também deve o leitor confrontar o final de um e outro.

Na *Perodana*, Apólo despede do céu um raio vingador, que reduz a cinzas as obras dos gazeteiros.

No *Charlatanismo* é o infante D. Miguel de Bragança que expulsa a pontapés os deputados liberais, assentando-lhes os pontapés no sítio em que êles costumam dar-se.

Vejamos:

«Voltou a si o Deus Charlatanismo,
Apontando co'o dedo ao fatal quadro,
Indica do seu Reino o triste agouro,
E o fado da boçal Democracia.
Em torno vê erguer todos os olhos
Ao quadro que causou tanto cuidado,
Eis que vê retratada em finas côres,
Do Infante Dom Miguel a vera effigie,
Qual emblema do archanjo do seu nome
Vir ser o serafim da Lusitania.
Já entre as crespas enroladas nuvens,
De fumo da Alfazema que subia,
Aos altos tectos desta salla immensa
Desceu do quadro e vai pousar na meza
O resoluto Heroe da Lusitania;
Com ponta-pés no rabo leva a corja,
Indignado de dar uso á catana,
Manda o Charlatanismo e comitiva,
Outra vez a pastar o duro cardo
E os membros da notavel assembleia
Guardar as cabras e reger Pantana».

O poema tem 5 cantos, e uma dedicatória em prosa.

CHELAIDA (A).

Êste poema inédito, de que existe cópia na Vila da Feira, é atribuído ao dr. Vicente Carlos de Sousa Brandão.

O herói do poema foi miguelista e o autor liberal: donde resulta ser a *Chelaida* uma sátira política.

O título provém de um lugar que na freguesia de Lever, do concelho da Feira, se chama Chelo, porque aí, segundo diz o autor, fôra moleiro o avô do herói.

A maior parte da acção decorre na Vila da Feira, cuja descrição é bem pormenorizada.

Destaca, como nervo da acção, a ânsia com que o herói aguardava a célebre «medalha» conferida por D. Miguel de Bragança aos seus afeiçoados; e o orgulho com que foi recebida, facto que o agraciado solenizou com um baile comemorativo.

CHICOTE (O) poemeto dedicado a todos os preteritos, presentes e futuros subscritores do R. P. Amaro; Pariz, 1829. 16 paginas.

É pròpriamente uma sátira política, posto que tenha um tanto ou quanto de poema herói-cómico, pois aí se cantam as façanhas e proezas do padre Joaquim Ferreira de Freitas, madeirense, geralmente conhecido por *Padre Amaro,* em razão do seu jornal *O Padre Amaro, ou sovela politica.*

O autor dêste poemeto foi o médico José Pinto Rebelo de Carvalho.

CHUMACINHO (O) furtado: epopea jocosa, dedicada á ill.ma e ex.ma sr.a D. Anna Genoveva Ferreira Nobre Rossi, por um Ermitão de Parnaso; 1767.

O autor foi João Pedro Xavier do Monte, médico, natural de Santarém e falecido nos últimos anos do século XVIII [1].

Tanto êste, como outros dois poemas seus do mesmo género (vide *Sapatinhos de setim* e *Logração da Prelasia*) ficaram manuscritos; pelo menos Inocêncio assim o supôs e eu o creio.

Nunca vi deles espia alguma e, por isso, tenho de reportar-me à notícia que Inocêncio estampou no *Dic. Bibl.*, baseada num volume manuscrito, que compreendia os três poemas, e que pertencia a Francisco de Paula Ferreira da Costa [2].

Inocêncio diz — que êsse manuscrito apresentava visos de ser autógrafo.

O *Chumacinho furtado* tem 4 cantos e cada canto 46 oitavas.

Na 1.a oitava do 1.o canto, Xavier do Monte expõe o assunto:

Uma discreta acção, lance jocoso,
Rapina venturosa e engraçada,
Um roubo o mais honrado e glorioso,
Empreza a mais feliz e desejada;

1 Em Santarém não há memória de ter existido ali algum indivíduo ou família daqueles apelidos.

2 Sôbre êste bibliófilo veja-se a referência que lhe fazemos no artigo *Os Burros*.

Um innocente furto, e virtuoso,
Uma sortida bella e delicada,
Contente cantarei com todo o empenho,
Se arte me não faltar, e doce engenho.

Inocêncio comenta: «Não poderei dizer, se o *Roubo do anel de cabelos* de Pope entrou por alguma coisa n'esta composição, que parece assimilhar-se-lhe, quando menos pelo assunto».

Nem Inocêncio nem Teófilo Braga [1] julgam favoràvelmente os poemas de Xavier do Monte.

Contudo, o *Dic. Pop.* diz que êste médico santareno foi «poeta medíocre no género serio [2], mas de *algum merito* no jocoso».

Por minha parte só posso fazer juízo superficial pelo breve excerto que Inocêncio dá: mas, nem a metrificação nem a linguagem me parecem inferiores às de muitos outros poemas da mesma época e género.

*COMMENDAS (AS), poema heroi-comico-satyrico em cinco cantos por **** — Lisboa, 1849.*

Êste poema foi escrito no Pôrto; e também lá impresso, não obstante a indicação de que o fôra em Lisboa.

O *autor*, por um artifício engenhoso, deixou con-

1 *Estudos da idade-media*, pag. 249.

2 *Refere-se à* EGIDEA, *poema heroico ou historia da protentosa* (sic) *vida do grande penitente S. Fr. Gil, portuguez*, que foi impressa em 1788 — Lisboa.

signadas na palavra final do último verso as iniciais do seu nome e apelidos.

À tratar thema igual com mais *afago*.

Decompondo letra a letra a palavra que se vê em itálico, temos: *a* (António); *f* (Frutuoso); *a* (Aires); *g* (Gouveia); *o* (Osório).

Quere dizer: António Frutuoso Aires de Gouveia Osório, mais tarde lente da faculdade de Direito em Coímbra, presidente da Camara dos Deputados, Ministro da Justiça, Par do Reino, Bispo de Betesaida e por fim Arcebispo de Calcedónia.

As *Commendas* são uma rapaziada alegre, como a *Murraça* de Camilo, e porventura originada nas «cavaqueiras» que, sôbre os acontecimentos do Pôrto, faziam estalar risadas na roda literária do *Café Guichard.*

Eram os tempos do *cabralismo,* período de política autoritária, que despertava a reacção liberal dos «novos»; e no Pôrto desenrolava-se então a «época dos barões» — como Camilo lhe chama — que dava supremacia social aos burguêses dinheirosos e *baroneados.*

Nestas circunstâncias, uma lufada revolucionária, *un vent de Fronde,* agitava naturalmente o espírito da mocidade portuense levando-a ao protesto contra o cabralismo no govêrno e contra a plutocracia no Pôrto.

O autor do poema era então um dos rapazes mais

talentosos e ilustrados daquela cidade, amigo íntimo de todos os que se lhe igualavam em dotes intelectuais [1].

Naquela época, Costa Cabral mandara quatro comendas para o Pôrto, consignadas ao presidente da Associação Comercial (que era Arnaldo Vanzeler), a fim de serem distribuídas como recompensa de serviços políticos.

A remessa destas condecorações e as peripécias da sua distribuïção constituem o assunto do poema, que é escrito em verso sôlto.

Nele figura, entre outros barões, o de S. Lourenço (Vide *Ratos (Os) na Alfandega de Pantana).*

O dr. Ricardo Jorge fez, em artigo [2], a seguinte referência ao poema *As comendas* e ao seu autor:

«Antonio Aires de Gouveia, o grande orador, hoje ancião envolto na purpura de arcebispo de Tessalonica [3], quando caixeiro esbelto e poeta romantico, desfecha em verso contra uma carga de comendas, atiradas a granel sôbre os argentarios da invicta, uma pungente satira anonima; fariscada a autoria, escapa uma noite, á saída do teatro, milagrosamente, ao trespasse dum estoque, vibrado á mão tente duma quina da Batalha, e o acinte da perseguição foi tal que teve de largar o livro-caixa e a Porta de Carros

1 Faleceu no Pôrto em 17 de Dezembro de 1916 com 88 anos de idade.

2 Publicado no jornal *A Lucta,* de 22 de outubro de 1915.

3 Aliás Calcedónia.

para refugir-se nos estudos de Coimbra, onde se doutorou e professou, vindo a celebrizar-se por todos os modos; uma espera assassina abriu-lhe a esteira».

Não sei se realmente houve «espera»; sei, porém, ter havido na imprensa jornalística do Pôrto uma azêda polémica entre Camilo Castelo Branco e António Aires sôbre a paternidade dêste poema, a qual António Aires chegou a negar em letra redonda.

Em resumo, as coisas passaram-se assim:

Sendo caixeiro da casa comercial de J. P. Chasseseau, cujo gerente era William Vright, mas dedicado à literatura, Antônio Aires malquistou-se com Camilo Castelo Branco, parece que por causa de rivalidades entre os partidários das cantoras Beloni e Dabedeille.

Apareceram no *Eco Popular* alusões desagradáveis a Camilo, que escrevia no *Jornal do Povo* com o pseudónimo de «Anastacio das Lombrigas» e que em despique atacou o poema *As Comendas*, o qual havia produzido escândalo.

Palavra puxa palavra. Camilo revela o nome do autor. António Aires nega. Camilo enraivece-se e promete analisar detidamente o poema. Intervém apasiguador o pai de António Aires, e Camilo cede, mas pica-o uma carta do adversário procurando intimidá-lo com os tribunais. Então Camilo confirma a revelação que fizera e tosa desapiedadamente o poema.

Abandonando a carreira comercial, António Aires vai para Coímbra estudar preparatórios, e o *Eco Popular* cobre-lhe a retirada afirmando que essa resolução já tinha sido tomada antes da polémica. (Ve-

jam-se *Arq. de Hist. da Medicina Portuguesa*, n.º 5.º do 7.º ano, 1916).

CONQUISTA (A) da cruz por Arcadio Nemorino. Lisboa, 1873.

É um poema herói-cómico, em 7 cantos (com notas).

Assunto: a conquista da gran-cruz da Tôrre e Espada por Fontes Pereira de Melo.

Tive dificuldade em saber quem fôsse Arcadio Nemorino, tanto mais que é uma designação omissa no *Diccionário de Pseudónimos*.

CORREIADA (A).

O Padre José Agostinho de Macedo, no último canto dos *Burros*, prometia um poema herói-cómico — *A Correiada* — de que seria protagonista José Anselmo Correia Henriques.

Esta promessa foi uma das intercalações por êle feitas entre 1812 a 1814, pois que a composição da *Mariolada*, poema herói-cómico de Correia Henriques, em que o Padre Macedo era visado, data de 1813.

Três vezes, nos *Burros*, se refere êste Padre à *Correiada:*

«Filhos, (lhes brada) a besta que alli vêdes
Desejosa de entrar, é minha, é nossa;
Nasceu nas ilhas, parto atravessado...
Foi-lhe incognito o pae, e a mãe foi.....
Espia na Suecia, aqui soldado,
Em toda a parte, em todo o mundo burro:

Mais tolo que o Moniz, e até que o Costa,
Menos patife é Couto, e é menos asno.
Tu, Bernardo, ó sandeu, tu rei dos tolos,
Não és tão besta, como o besta Anselmo.
Se dos *Burros* te fiz protogonista,
Foi porque soube que o cantor dos burros
Tinha escolhido Anselmo, e o tinha feito
Heroe de outro poema a *Correiada,*
Em que os feitos de Anselmo, e as manhas suas,
Desde o bastardo berço em versos canta:
De eterno opprobrio alli será coberto,
Dando ao diabo a estólida baforda [1],
Qual nunca os doidos do hospital disseram».

Mais adiante volta ao assunto:

...Os seculos não viram
Inda no mundo geribanda d'estas:
Bons dous cantos [2] tem já da *Correiada.*
À par d'isto, ó sandeus, são nada *Os Burros.*

Finalmente, ainda se refere o Padre Macedo ao seu novo poema quando, sempre falando de José Anselmo, diz:

E c'o rabo entre as pernas se prepara
À aguentar da *Correiada* os raios.

Não me consta que o Padre Macedo publicasse êste prometido poema, ou o deixasse manuscrito.

1 Alusão à *Mariolada.*

2 À edição do Pôrto diz *contos;* e a sua pontuação é defeituosa nesta passagem, como em outras muitas.

Faziam parte dêle 14 sonetos que, sob a indicação de *Correadas*, encontrei descritas no catálogo da livraria Fernandes Tomás (Lisboa, 1912) com esta rúbrica: «Quatorze virulentos sonetos, contra José Anselmo Corrêa Henriques. *Original, ineditos*»?

Virulentos? Então bem podem ser acendalhas que o Padre José Agostinho tivesse já de mão para aquecer o fornilho do seu prometido poema.

D

DESCIDA (A) de D. Miguel aos infernos a pedir auxilio, poema heroico-comico em dois cantos, Lisboa, 1833.

O autor é Pedro Inácio Ribeiro Soares, natural de Lisboa (1789-1848) e empregado público.

O poema, que compreende 20 pág., está composto em verso sôlto.

A acção é, como o título indica, a viagem de D. Miguel de Bragança ao reino de Plutão para obter um exército diabólico de centauros, centimanos e gorgonas com que possa salvar ainda a sua causa.

Sendo admitido à presença da potestade infernal, D. Miguel pôde conseguir o que desejava, e com essa legião auxiliar, que destina ao comando de Bourmont, marcha trabalhosamente em direcção ao Pôrto.

Entram em scena as hostes do Averno, fére-se a batalha, e os liberais cantam vitória.

D. Miguel vinga-se dos portuenses fazendo correr para o rio Douro os preciosos vinhos armazenados em Vila Nova de Gaia.

Satisfeito da vingança deita-se o vencido príncipe a dormir. Teles Jordão aparece-lhe em sonhos e anuncia-lhe a ruína da causa absolutista no sul. D. Miguel acorda atónito, e resolve correr sôbre Lisboa para tentar os últimos recursos: as guerrilhas e a fuga.

Todo êste poema herói-cómico é ditado pela violência da paixão política própria daquela época, e acerba nas represálias, de parte a parte.

Os versos são correntios, mas carecem de elevação literária, como tantos outros que se escreveram para ferir ou para elogiar D. Miguel e D. Pedro.

DESERTOR (O). Poema heroi-comico por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, na Arcadia Ultramarina Alcindo Palmireno.

O autor, português-brasileiro, nasceu na província de Minas-Gerais, e veio cursar a faculdade de Direito na Universidade de Coímbra, formando-se em 1776 ou 1777.

Foi durante a formatura que êle imprimiu (1774) na Real Oficina da Universidade êste seu poema, em cinco cantos e verso decassílabo sôlto.

O *Desertor* tornou-se muito raro no mercado.

Daí, por falta de conhecimento directo, algumas inexactidões que andam impressas a seu respeito.

O autor teve em vista glorificar a reforma da Universidade pelo Marquês de Pombal, mas para o conseguir procurou um processo engenhoso e indirecto.

Assustados com o maior esfôrço de aplicação e estudo que a reforma impunha, alguns estudantes cábulas resolvem abandonar a vida académica, e recolher-se a penates.

> Já o invicto Marquez com regia pompa
> Da risonha Cidade [1] avista os muros.
> Já toca a larga ponte em aureo côche.

Entre os apóstatas da sciência avulta, como protagonista, certo estudante de nome Gonçalo, que vai procurar as sôpas de um tio, em Mioselha.

O éxodo realiza-se no meio de complicações interessantes. A mãe de uma tricana, enganada pelo estudante Gonçalo, prega a revolta contra os fugitivos e logra reünir gente com que lhes aparece no caminho a pedir contas ao sedutor da filha. Trava-se combate rijo. Gonçalo fica derreado neste prélio, mas, sem querer ouvir os conselhos do tio, continua a madracear em devoto culto à ralaça Ignorância.

> Ella reina em seu peito, e se contenta
> De ter roubado aos muros de Minerva
> De fracos Cidadãos o preço inutil.

O elemento feminino aviventa a fabulação do poema, com vantagem, nêste ponto, sôbre o *Hissope*.

1 Coimbra.

O *Desertor* revela os méritos de Silva Alvarenga como homem de letras que foi.

E as freqüentes comparações procuradas na fauna e flora brasileiras clamam, por sua vez, a região natal do poeta.

DIABO COXO (O) epopea. Editor C. A. Zagalo. Um folheto.

DOIS JOÕES (OS) poema em varios cantos por Mac. — Lisboa, 1889.

Eu possuo a 3.ª edição.

O protagonista dêste poema é João Burnai, acusado de, em correspondência oficial, ter preguntado e respondido a si mesmo sôbre um assunto relativo à exploração do caminho de ferro do Transwaal.

Tem graça, e labor literário.

Consta de 15 cantos e um epílogo. — 32 pág.

O autor foi Alfredo Morais Pinto, o chistoso *Pantarântula,* redactor do *Pimpão.*

DOURI-VINHADA: poema epico-borlesco, offerecido aos lavradores do Vinho do Alto Douro, por B. J. S. P. C. — Porto, na Imp. do Gandra, 1822, 8.º de 40 pag.

Não possuo êste poema nem sequer o vi.

O autor é o dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, que foi lente de direito em Coímbra, e faleceu em 1867.

Compôs êste poema — em 3 cantos e oitava rima — aos 16 anos de idade.

Toda a composição, segundo informa Inocêncio, abrange 40 pág.

Vide *Farfuncia.*

E

EPIPHANEIDA (A) Brincadeira minha, de que sairam algumas oitavas no *Diario Illustrado,* de Lisboa, quando eu ali redigia, além de outras, uma secção metrificada sob o título — *Kalendario alegre.*

O protagonista era o então professor do Liceu Nacional de Lisboa, e depois do Curso Superior de Letras, Augusto Epifánio da Silva Dias, terror dos examinandos e dos respectivos pais.

Não sei se o irritante professor me desculparia esta *badinage* jornalística, mas tive certas razões para supôr que não.

ESCOLÍADAS.

Letra de El-Gardeble (vulgo Bell) publicada por ocasião da festa carnavalesca dos estudantes da Escóla Médico-Cirúrgica de Lisboa, em fevereiro de 1901.

Apenas o 1.º canto, composto de 23 estâncias. As duas primeiras propõem o assunto:

As doutoras e varões assignalados
Que, da Medica Escola a Portaria,
Com livros nunca d'antes folheados,
Passaram inda alem d'Anatomia;

Em perigos d'exames esfalfados
Mais do que no bestunto lhes cabia,
Entre povos mais tarde architectaram
Doenças que jámais ali passaram:

E tambem as tiradas gloriosas
D'esses mestres que foram dilatando
O miolo, e com phrases vigorosas
No miolo o juizo devastando,
E aquelles que, por espigas ruidosas,
Se vão ainda em vida eternisando,
Cantando espalharei por toda a Escola
Se a tanto me ajudar engenho e *tóla*.

Estas e outras estâncias escritas com menos arte que mocidade, recordam-nos o conhecido provérbio: *Il faut que jeunesse se passe* ou, ainda melhor, a conceituosa frase do pintor Marcel no famoso romance de Murger: *La jeunesse n'a qu'un temps.*

ESPANTOSAS ACÇÕES D'ANTÃO BROEGA, memoravel narigudo, poema por Manoel Maria de Barbosa du Bocage. Lisboa, 1835. Folhêto de 24 páginas.

No fim da 1.ª parte, lê-se esta advertência: «Bocage não fez a segunda parte promettida; e he por isso, que outro Poeta a dá á luz a fim de se concluir o Poema, ainda que menos favorecido das Musas».

Ora o «outro Poeta» foi José Joaquim Bordalo, professor de instrução primária em Lisboa, e pai do escritor Francisco Maria Bordalo.

Neste poema, todo êle composto em quadras, celebram-se as proezas fantásticas de um nariz monstruoso

Tem-se discutido se a Bocage pertencem ou não as quadras da 1.ª parte. Inocêncio não as incluiu na edição das *Poesias* que coligiu e fez publicar, porque não acreditava que tal «destampatório» fosse obra daquele poeta [1]. José Feliciano de Castilho na *Livraria classica* [2], e depois na refundição do estudo sôbre Bocage e as suas obras [3], entende e teima que se não deve negar a *Elmano* a paternidade de tais quadras.

Quanto a mim, julgo-as apócrifas; uma das várias publicações, que, sem escrúpulo, foram lançadas no mercado, à sombra do nome do popularíssimo poeta.

A pouca sonoridade dos versos e a incorrecção de alguns deles, a pobreza de rima, a assonância de palavras dentro da mesma quadra, atraiçoam nesta composição os dotes naturais de Bocage, sempre espontâneos e fluentes, ainda quando não procurava aprimorar o seu estro.

Assim, pois, não posso crer que Bocage contasse como redondilhas de sete sílabas êstes dois versos, que aliás são de oito:.

Ao ver a maquina estupenda
Façanha bem maravilhosa;

nem que compusesse esta quadra em que monòtonamente predomina a vogal — *a* —:

1 *Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage*, tom. VI, pág. 409.

2 Tom. XXII, pág. 69.

3 Tom. II, págs. 117 e 258.

O bruto recem-parido,
Dizem que logo quiz mama,
E para matar-lhe a rafa
Correu d'improviso a Ama.

Um dos predicados que realçavam a harmonia em Bocage era, bem pelo contrário, a variedade de vogais dentro de cada verso.

Descontando o que possa haver de incorrecção tipográfica — como em tantas outras composições atribuídas a Bocage — eu não creio que êste poema seja dele, ainda admitindo que para o povo o compusesse.

A última quadra da 1.ª parte é salientemente corriqueira e nem por gracejo se pode imputar a *Elmano:*

Por ora venhão os cobres,
Senhor povo, que eu com arte,
O que lá fez o Broega
Direi na segunda Parte.

Encontrei uma referência de Sousa Bandeira — o chistoso jornalista conhecido por *Braz Tisana* — a outra obra de J. J. Bordalo, «colecção de cartas alfabéticas e vocabulosas *(sic)* para guia completa dos meninos e meninas».

Nessa referência informa Bandeira que os redactores da *Semana* depenaram sofrìvelmente o autor das cartas alfabéticas e vocabulosas e depois acrescenta:

«O mestre Bordalo, desconfiando que a sublimidade de alguma palavra não fosse percebida pelos seus amaveis leitores, apresenta a versão delas e diz —

Têz — quer dizer superficie *corporea! Cerviz* — escravidão! *Calo* — o que molesta os pés! *Kilo,* medida e peso. Vella — a de cebo, cera, e tambem a de navio. — Digerir — quer dizer, consumir no ventre!! Já se vê que o homem merece os dous patacos!» [1].

ESTOLEIDA (A).

Sei que dêste poema herói-cómico, o qual ainda não pude vêr, foi autor o português-brasileiro padre João Pereira da Silva, depois cónego e mais tarde nomeado monsenhor da capela real no Rio de Janeiro, cargo de que não chegou a tomar posse.

Também sei por informação de um ilustre escritor fluminense, meu bom amigo, que o cónego Januário da Cunha Barbosa transcreveu no seu *Parnaso* algumas oitavas do canto 2.º, as quais compreendem a descrição do Pão de Assucar e do sítio de Botafogo.

Nada mais posso acrescentar.

F

FARFUNCIA (A) poema heroe-comico offerecido aos senhores do Douro por B. J. S. P. C. Porto, 1823, 60 pags. em 8.º.

O autor foi o dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, lente da faculdade de Direito na Universi-

1 *Escriptos humoristicos,* tomo II, pág. 208.

dade de Coímbra, muito conhecido pelos seus compêndios escolares, hoje postos de parte.

Quando compôs êste poema herói-cómico, Bernardino Carneiro tinha apenas dezassete anos de idade.

Farfúncia, vocábulo que se autoriza com a lição de Filinto Elísio, é sinónimo de farfalhice ou farfância. O autor personifica nesta palavra o gôsto, a mania das famílias durienses pelos chás, danças, jogos de prendas e de roda, modinhas, batota, etc.

Farfuncia (assim se chama); mas té gora
Nenhum Apelles soube desenhalla;
Ou lhe dêm corpo, e talhe de senhora,
Ou queirão c'os insectos comparalla:
Em nenhum domicilio se demora;
Como immensa no Douro se assignala;
Pois que he todo o seu spirito subido
O frenesim das sucias [1] conhecido.

Ella a deosa se diz, a divindade,
(Das Magas continua a mesma historia;)
Que invisivel preside a sociedade
Nos dias de prazer, noites de gloria;
Ella, quem Frazões faz em toda idade;
No pimponismo induz gente da escoria.
Ella, as modas inventa, ella farfante,
Namoros origina a todo o instante.

Como se vê, o poema (dividido em 4 cantos) é composto em oitava-rima; e de medíocre valor literá-

1 Significando assembleias, partidas de jogo ou dança, em casas particulares. Ainda na minha infância assim se dizia no Pôrto.

rio, uma rapaziada apenas, alegre e incorrecta — até na revisão tipográfica.

Contudo não se lhe pode negar fidelidade na pintura dos costumes sociáveis daquela província, especialmente no Alto Douro; e não digo daquela época, porque êsses costumes teem ali mudado pouco ou nada.

Sob êste ponto de vista, ainda hoje *A Farfuncia* é verdadeira.

Quanto ao seu autor, contarei que, sendo já velho, os alunos lhe chamavam «Doutor Balandrino» e judiavam com êle.

Um ano, no primeiro dia de aula, dia apenas de «cavaco», segundo a expressão escolar, um aluno, que lhe imitava perfeitamente a voz fanhosa e rouca, lembrou-se de fazer eco a tudo quanto o professor dissesse.

Sentou-se na cátedra o doutor *Balandrino* e disse:

— Meus senhores:

Logo o eco repetiu:

— «Meus senhores».

E então, todo o curso, mordendo o beiço ou guinchando rizinhos, assistiu a esta vivacíssima scena cómica:

Lente — Vamos começar os nossos trabalhos.

Eco — Vamos começar os nossos trabalhos.

Lente — Aqui há-i-eco?!

Eco — Aqui há-i-eco?!

Lente — Há-i-há!

*

Eco — Há-i-há!

Doutor *Balandrino* tocou a campainha, veio o bedel e êle disse-lhe:

— Ó seu Galião.

Eco — Ó seu Galião.

Lente — Vá pedir outra aula.

Eco — Vá pedir outra aula.

Lente — Que esta tem eco.

Eco — Que esta tem eco.

Lente — Não está ouvindo?

Eco — Não está ouvindo?

Bedel — Parece...

Eco — Parece...

Lente — Pois não ouve, com todos os diabos?!

Eco — Pois não ouve, com todos os diabos?!

Lente — Vá dizer ao reitor e eu vou-me embora.

Eco — Vá dizer ao reitor e eu vou-me embora.

Vide *Douri-Vinhada.*

FESTA (A) de Baldo, poema mixto, em 8 cantos, por Alvaro Teixeira de Macedo, impresso em Lisboa, 1847, na tipografia de Antonio José da Rocha. Segunda edição, Lisboa, Tipografia das Horas Romanticas, 1888. Esta edição é o volume 12.º da *Bibliotheca Universal antiga e moderna;* traz uma notícia biográfica do autor e uma carta de Garrett.

Álvaro Teixeira de Macedo é português-brasileiro, pois nasceu no Recife de Pernambuco, em 1807, quando o Brasil estava ainda no seu período colonial.

Em 1834 o imperador D. Pedro II nomeou-o secretário (adido) da legação brasileira em Lisboa, onde o irmão mais novo de Macedo veio exercer as funções de encarregado de negócios. Macedo casou em Lisboa com a filha de um negociante, neta de inglês; e faleceu na Bélgica, em dezembro de 1849, quando ali representava o Brasil como encarregado de negócios.

O poema *Festa de Baldo* deve ter sido escrito em Lisboa, depois que Álvaro casou, porque nele faz elogiosa referência à esposa:

> Feliz eu, que alcancei das mãos da sorte
> A mulher que meu Baldo procurava;

Antes do ano de 1843, voltou a Lisboa para se tratar de um grave padecimento, em casa da família de sua mulher, padecimento que não deixou jàmais de o afligir, roubando-lhe o bom humor de que era dotado.

Contudo a acção do poema decorre em Pernambuco, na então vila de Goiana, por uma natural revivescência saüdosa das recordações que o prendiam à província em que nascera.

Garrett diz na carta ao autor que todas as personagens do poema falam em *português sincero,* ornado sem exagerações e *puro.* É verdade. E isto dá mais um quilate lusitano à elaboração do poema, posto que o assunto seja brasileiro.

A *Festa de Baldo* canta com delicadeza, e por ve-

zes com graça, as conseqüências incómodas que podem advir, para famílias pacatas, da tentação de trocarem o remanso doméstico pela convivência mundana.

De vez em quando assombream o bom humor de Teixeira Macedo algumas nuvens resultantes da injustiça com que foi preterido na sua carreira diplomática, e perpassam quaisquer alusões políticas, aliás mansas e discretas.

Todo o poema foi composto em verso branco, não isento de algumas falhas na metrificação.

Da 1.ª edição só vi até hoje um exemplar, na biblioteca do sr. capitão de artilharia Ferreira de Lima.

Compreende 93 páginas, sendo uma de dedicatória e outra de breve prefação ao «Leitor benigno».

FILENAIDA, por A. B. de C. — Coimbra, 1822.

O catálogo da livraria Moreira Cabral (Pôrto) 2.ª parte, n.º 5052, designa-o como poema erótico.

Não sei se será herói-cómico ou não. Ainda o não encontrei. Os livreiros de Coímbra não me puderam dar notícia dêle. Nem a Biblioteca da Universidade o possui.

FOGUETARIO (O) poema heroico ao muito sordido, fétido e torrido [1] *Deos do fogo, o grande Vulcano, Senhor dos Ferreiros, Erector* [2] *das fumaças, Espalhador*

1 *Torrido*, segundo Inocêncio; *temido*, segundo Mendes dos Remedios.

2 *Erector*, seg. I; *Director*, seg. M. R.

das faiscas, Imperador dos fogoens, espirros e escorvas [1]: *pelo mesmo* [2] *heroi do poema, o muito* [3] *reverendo conego Erostato Fogacho, Assoprador dos murroens da torre da polvora* [4], *Thesoureiro mór das buchas, Procurador* [5] *das escorias, Capataz e Director da presente torre do fogo dos Balbazes* [6]. *Dado á luz* [7] *pelo Mordomo-mór dos Cien-fuegos, censor das girandolas, qualificador dos montantes, e sacabuchas geral de todo o artificio foguetal* [8]. *Na Officina dos Cyclopes* [9].

Êste poema, a que o autor chamou heróico por antífrase, é atribuído a Pedro de Azevedo Tojal, bacharel em cánones, o qual, depois de ter enviüvado duas vezes, seguiu a vida eclesiástica, e faleccu em 1742 na quinta das Romeiras, em Santo António do Tojal, arrabalde de Lisboa.

Do *Foguetário* existiam várias cópias manuscritas, algumas incompletas. Em 1884 o dr. Rodrigo Veloso planeou fazer imprimir em Barcelos êste poema; mas a impressão não chegou a concluir-se. Em 1904 o editor França Amado, de Coímbra, estampou uma cópia integral, que o sr. dr. Mendes dos Remédios encon-

1 Seg. M. R. *fogoens, espinhos, escorvas e escórias.*

2 Falta esta palavra na cópia de M. R.

3 Também falta esta palavra.

4 Na cópia de M. R. — *Consumidor da torre da polvora.*

5 Na cópia de M. R. — *Provedor.*

6 Na cópia de M. R. — *Torre de fogo,* sem as duas seguintes palavras.

7 *Composto pelo,* na cópia de M. R.

8 Na cópia de M. R. — *de fogo.*

9 Segundo a cópia de I.

trou na Biblioteca da Universidade, reviu e precedeu de um erudito antelóquio.

Consta o *Foguetário* de 6 cantos, em oitava-rima.

O seu assunto é o fogo de artifício, obra de um cónego, pirotécnico-amador, que foi queimado por ocasião dos magnificentes festejos com que no ano de 1729 quis D. João V solenizar em Lisboa os desposórios do príncipe do Brasil, D. José — depois rei dêste nome — com a infanta espanhola D. Mariana Vitória; — festejos que também ficaram assinalados por um grande temporal.

O poema é chistoso; mas a metrificação não isenta de defeitos, alguns dos quais talvez sejam da responsabilidade dos antigos copistas.

No castelo de Lisboa armara o cónego pirotécnico uma tôrre que êle devia incendiar, e cuja altura teria dado rebate no olimpo, por se arrecearem os deuses de que fôsse uma nova tentativa revolucionária dos Titans [1].

O autor dessa gigantesca máquina foi denunciado a Júpiter por Juno e condenado a degrêdo no Etna, com trabalhos forçados nas forjas de Vulcano, deus do fogo.

¿Quem se prestou a conduzi-lo à Sicília, não por mar, mas por outro meio de transporte?

Foi o famoso padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, dito o *Voador*, também chamado *o da Passarola*,

1 Êste assunto também foi cantado por Tomás Pinto Brandão na silva *Relação nova do fogo do Castello*, 1729.

em razão das tentativas aerostáticas por êle realizadas na cidade de Lisboa, 74 anos antes dos irmãos Montgolfier terem feito ascenções em França.

É incontestàvelmente uma *trouvaille*, que reforça o interesse da acção e a côr histórica do poema.

O *Voador* não saiu bem tratado das mãos satíricas de Pedro Tojal, como também não saiu das de Tomás Pinto Brandão, e outros humoristas da época.

Pobre padre! êle foi um malhadeiro como todos os inventores, e o peor é que teve de expatriar-se para fugir às garras da Inquisição e de ir morrer miseràvelmente num hospital de Toledo.

Vénus toma a defesa do cónego-pirotécnico, e consegue que Júpiter Tonante, ouvido o conselho dos deuses, lhe perdôe finalmente.

Então, já livre, o Foguetário é reconduzido à pátria no mesmo veículo aéreo.

Emquanto os densos ares navegárão,
Alternadamente forão conversando
Nos infortunios, que até ali passárão,
Cada qual respondendo e perguntando,
Té que com vento prospero chegarão
À Val de Cavallinhos, e deixando
Ahi o Nauta ao Padre, em tom violento
Deu hum estouro, e foi varando o vento.

Restituído à pátria, o feliz cónego, herói da pirotecnia nacional, embasbaca as gentes alfacinhas fazendo queimar o seu fogo de vistas e reabilitando-se

do fiasco originado pela chuva nas primeiras noites dos festejos reais.

Em todo o poema, são freqüentes as liberdades de expressão, sobretudo as que se filiam nas freqüêntes comparações entre os estrondos do fogo de artifício e outros.

O *Foguetário,* escrito entre 1729 e 1742, é, portanto, anterior ao *Hissope,* que António Denis compôs em Elvas entre 1770 e 1772.

António Maria do Couto designa o poema de Tojal pelo Título de *Foguetaida.*

FRADALHADA (A) poema alvar devidido (sic) *em trez cantos — Janeirada, Possidonio o Crú, a Borrada ou a Burrada, por ***. Lisboa, 1869.*

Esta sátira — pois assim deve classificar-se — tem por objecto os acontecimentos da política portuguesa em 1868: os tumultos do mês de janeiro no Pôrto e Lisboa; a queda do ministério da Fusão; a chamada do conde de Ávila ao poder, e logo depois a do ministério presidido por Sá da Bandeira mas substancialmente caracterizado pelo bispo de Viseu (D. António Alves Martins), o qual tomou a chefatura do novo partido que saiu dêsses acontecimentos políticos com o nome de — *reformista.*

A *Fradalhada* carece de valor literário e graça.

Também da mesma época (1867-1869) conheço outra sátira política — *Os heroes da epoca* (Porto, 1869) igualmente insignificante.

G

GATICANEA, ou cruelissima guerra entre os cães, e os gatos, decidida em huma sanguinolenta batalha na grande Praça da Real Villa de Mafra. Escripta por João Jorge de Carvalho. Lisboa, 1781.

Fizeram-se mais duas edições — 1817 e 1828.

Êste poema, em decassílabos pareados, tem 4 cantos, e o seu assunto está claramente expresso no título.

Não devemos atribuir ao autor a pretensão de querer imitar a *Batrachomyomachia ou guerra dos ratos e das rans,* que seria um bocejo de Homero (porque êle dormitava às vezes) se de Homero fôsse. A *Batrachomyomachia,* não podendo nós penetrar o sentido simbólico que porventura a valorize, é uma sensaboria inçada de nomes gregos, e mal avisado andaria quem se lembrasse de imitá-la.

Não, João Jorge de Carvalho não teve esse despropositado intento, antes se inspirou, como confessa na Prefação, que é também *Argumento,* num caso que um seu amigo lhe recomendou como bom assunto para uma epopeia jocosa.

João Jorge desempenhou-se menos mal do encargo, sem esfôrço, e por vezes com graça: quanto a metrificação, salvou dignamente a honra do convento.

Ferida a grande batalha entre as hostes caninas e gatescas, são os cães que retornam vencedores.

Uma das curiosas particularidades dêste poema é, no canto 3.º, a descrição do convento de Mafra:

Elle tem quatro frentes , ou fachadas,
Com janellas tão grandes, e rasgadas,
E feitas com tal arte, que por bellas
Hum portico parece qualquer dellas.

Em duas ordens postas em redondo
Tão bella perspectiva vão compondo,
Que na primeira vista o pasmo ordena,
Que nem as louve a voz, nem pinte a penna.
Tal cumprimento tem qualquer dos lados
Que os grandes Canzarões mais alentados,
Vistos d'hũ n'outro extremo mais, ou menos
Cachorrinhos parecem mui pequenos.

No frontispicio a bella arquitectura
Brilha com tão distincta formosura,
Que julgo ser (e nisto bem me fundo)
Maravilha maior de todo o Mundo.

Às ordens tosca Dorica, e Composta,
À Jonica, a Corinthia bem disposta,
Tudo se vê com gosto executado
No gráu mais singular, mais levantado.

Columnas de grandeza portentosa
No pórtico maior a vista goza
Nas tres portas soberbas, que na entrada
À perspectiva fórmão da fachada.

Mil estatuas de marmores polidos,
O chão todo em xadrez com embutidos,

Ás torres, que nos lados vão subindo,
Mil sinos pelos ares retinindo,
Que sendo por mão destra ali tocados,
Os minuetes fôrmão bem trinados.
Distinguem-se tambem nesta fachada,
Por maravilha grande, e sublimada,
Dois grandes torreões, que na grandeza
Outros não tem a vasta redondeza.
Hum zimborio soberbo, e sumptuoso,
Que na Região Etherea do ventoso,
E sublime hemisferio vai tocando
Ás nuvens, que nos ares vão girando.
De festões adornado, e bellas flores
Formadas em diversas lindas cores,
De pedras muito finas, e polidas,
Na Região do vento suspendidas.

O Senhor, que erigio este Edificio,
Nos mesmos torreões do frontispicio
Mandou, que Paço Regio se fizesse,
Que a seu grande poder correspondesse;
No qual respira, sem contradição,
Á grandeza de hum Regio coração,
Que a fama ha de cantar cõ gosto, e gloria,
Emquanto neste mundo houver memoria.

Quem era João Jorge de Carvalho? Nada se sabe a êste respeito. Inocêncio baldou quantas diligências fez para averiguá-lo, e eu não fui mais feliz.

Vê-se que era homem regularmente instruído, porque intercala no texto versos franceses e espanhóis. Também se vê que conhecia bem a Beira-Baixa, Coímbra, Mafra, Ericeira e os arredores destas duas povoações; mas não é lícito concluir do poema que o autor

fôsse natural ou habitante de Mafra, antes me parece dever inferir-se de uma nota (a pág. 84 da 1.ª edição) que compusera a *Gaticanea* longe dali, talvez em Lisboa.

Por intermédio de um amigo meu, o amável pároco de Mafra rebuscou o registo dos óbitos daquela freguesia e apenas apurou que num dos lugares mais afastados da vila houve um João Jorge, que faleceu em 1769 e era viúvo de Antónia Rodrigues, o qual teve um sobrinho, cujo nome se não menciona.

Seria arrojada hipótese supôr que êste sobrinho fôsse homónimo do tio e autor do poema, tanto mais que a tradição oral em Mafra não conserva memória alguma do autor da *Gaticanea.*

GENEALOGIA PAPERIFERA, ou verdadeira arvore da geração do ill.mo snr. D. Papel; Lisboa, 1811.

O autor, João Pinheiro Freire da Cunha, foi professor de gramática latina e portuguesa em Lisboa, sua pátria, onde instituiu uma Academia Órtográfica

GRAVES NADAS, poema heroi-comico, sequencia do Hyssope, por Teophilo Braga: na 2.ª edição das *Folhas verdes,* Porto, 1869.

O assunto é tirado da 2.ª parte do «Argumento» do *Hissope* — isto é, relativo ao tempo em que o sobrinho do Deão, sucedendo-lhe neste cargo, continuou o pleito até que o Bispo, cheio de terror, se retratou.

O poema, em verso sôlto, abrange 4 cantos; nêle figuram algumas das personagens do *Hissope.*

Teófilo Braga elaborou-o antes de 1860, e chama-lhe «velleidade de criança».

Aditou-o com várias notas extraídas do Ms. da Universidade a que nos referimos no *Hissope*, quando mencionamos a edição dêste poema feita pelo dr. Rodrigo Veloso.

GREGOREIDA ou Aventuras d'um filho d'Alijó dos Vinhos em Lisboa, durante as festas do centenario de Camões. Poema em oitava-rima composto e escrito por Gregorio Antunes Falcão, substituto do escrivão do juiz ordinario d'aquella importante comarca e copiado do original manuscripto pelos siamezes do Occidente, Castor & Pollux. Lisboa, 1880.

Êste poema conta as supostas impressões do seu autor na visita que fez à capital por motivo do tricentenário de Camões. Contém 57 oitavas, em boa metrificação, e com benigna maledicência.

Refere-se ao cortejo cívico e a algumas individualidades do mundo político e literário.

Numa só oitava inclui a comissão executiva das festas camoneanas em Lisboa:

> A toda a gente causa grande espanto
> Do Eduardinho [1] a calva monstruosa,
> Do Luciano [2] o queixo a vêr-se tanto,
> Do Chagas [3] as bochechas côr de rosa;

1 Eduardo Coelho.
2 Luciano Cordeiro.
3 Pinheiro Chagas.

Do Pequito [1] o nariz que põe ao canto,
Lá do Egypto a pyramide famosa;
E a muitos inda dá no goto hoje
Ramalho [2] ir côr de burro quando foge.

Ironiza o facto do ministério progressista não se ter encorporado no cortejo:

Ministros nem por sombras, o governo,
Que rege e manda em cousas do paiz,
Foi de Camões amigo para o inverno,
Descer dos altos solios jámais quiz.
Nem Barros [3] da fazenda de olhar terno,
Nem outro que Luciano [4] aqui se diz,
Que em cousas d'esta ordem não são finos
E mais do que estadistas são Calinos.

Contrapõe àquele estranho facto o procedimento do estimado e popular presidente da câmara municipal, José Gregório da Rosa Araujo:

Mas quem levou a palma foi o illustre
Gregorio que tambem se diz José [5];
Se a Musa da epopeia me der lustre
Em verso hei de mostrar o que elle é.
Mas porque a minha penna não deslustre
Outros que nada valem d'elle ao pé,
Apenas eu direi que a presidencia
Viu tudo desfilar em continencia.

1 Rodrigo Afonso Pequito.
2 Ramalho Ortigão, que trajava um fato cinzento, de passeio.
3 Henrique de Barros Gomes.
4 José Luciano de Castro.
5 José Gregorio da Rosa Araujo, que teve a alcunha de *Côcó*.

Por entre os *kodaks* das pessoas em evidência nesse dia e nessa época, deslizam, como exigua acção, as peripécias, as aventuras da viagem do autor, arvorado em protagonista.

Finalmente, êle regressa à sua imaginária terra natal, Alijó dos Vinhos, despedindo-se do leitor:

> Esta noite lá volto pr'a botica,
> Mas um grande poema ahi lhes fica.

H

HERCULEIDA (A) por Antonio Gomes de Oliveira.

O sr. Ramos Coelho (*Hyss.* 1879) menciona êste poema como satírico ou herói-cómico. Inocêncio não lhe dá a mesma classificação.

Pela cópia do 1.º canto que existe na biblioteca da Academia das Sciências, parece-nos que se trata de um poema mitológico, no gôsto da fábula de *Polifemo e Galatea,* ou de outros poemas seiscentistas.

O autor, que era natural de Torres Novas e seguiu a carreira das armas, cultivou a poesia e a língua castelhana, que é aquela em que se propôs escrever a *Herculeida.*

Damos como eloqüente amostra da semsaboria do poema a sua 1.ª oitava:

Ardor Pierio me encendió la mente
para cantar el Principe Thebano,
que armado el pecho de valor ardiente,
armó de clava la robusta mano:
Aquel justo, aquel fuerte, aquel prudente
debelador de monstros Soberano;
que la gran patria libertó oprimida,
y con Hebe merece immortal vida.

HOSTIA (A) de oiro, poema heroi-comico por J. Simões Dias. Elvas, 1869.

Consta de 10 cantos, em verso sôlto.

O intento do autor foi «combater principalmente o vicio da avareza personalisado em Paulino Segisberto, que se nos afigurou nas sociedades modernas um typo obnoxio, condemnado pela economia que permittindo a usura reprova o monopolio, e pela caridade christã, que manda repartir pelos necessitados as sobras dos nossos haveres».

Simões Dias foi, não há dúvida, um notável poeta, principalmente lírico; por isso *A hostia de oiro* não é, nem podia ser, o seu melhor livro.

Coincidência interessante: êste poema foi escrito em Elvas, a mesma cidade onde António Denis compôs o *Hissope*, e até na mesma rua, a de S. Francisco, em que Denis residira.

Os dois prédios ficam fronteiros um ao outro.

Aquele em que Simões Dias habitou tem o n.º 10-A.

HISSOPE (*O*), poema heroi-cómico de António Denis da Cruz e Silva.

A 1.ª edição, impressa em Paris, 1802 (e não em Londres como se declara no frontispício) três anos depois da morte do autor, foi proïbida pelo govêrno português, mas alguns exemplares escaparam, e eu possuí um.

Em 1808, sob o domínio da primeira invasão francesa, fez o livreiro Rolland uma 2.ª edição, em Lisboa, para o que obteve *licença* do govêrno intruso. Mas depois da retirada de Junot a polícia portuguesa manteve a proïbição do *Hissope*. Desta 2.ª edição, que é a reprodução da 1.ª, também possuí um exemplar. Ela não escapou a Inocêncio, como supôs o meu ilustre amigo Sr. João Ribeiro (Vide *Dic. Bib.*, tomo I, pág. 125).

Seguiram-se as edições de Paris em 1817 e 1821, ambas revistas, prefaciadas e anotadas pelo erudito Timóteo Lecussam Verdier, que foi contemporâneo de António Denis, pois nasceu em 1754 e faleceu em 1831.

Estas duas edições são ilustradas com a mesma estampa, que representa a entrega do hissope ao Bispo pelo Deão.

A de 1817 corrigiu-a Verdier sôbre a de 1802; e a de 1821 sôbre a de 1817 e pelo confronto com algumas cópias, que o autor mandara tirar para satisfazer pedidos, mas faltou, como base segura, o manuscrito originário.

Tanto a edição de 1817 como a de 1821, espe-

cialmente a última, mereceram a estimação dos bibliófilos, e não é fácil encontrá-las.

Em 1834 fez-se em Paris a 5.ª edição do *Hissope*, microscópica, in 32, sob a direcção de José da Fonseca e incluída no tomo VI do *Parnaso Lusitano*, que é o dos *Satyricos Portuguezes*.

No mesmo ano o livreiro Nunes Esteves imprimiu em Lisboa uma edição bordalenga, cópia incorrecta da de 1808.

Em 1876 o ilustre bibliógrafo dr. Rodrigo Veloso reproduziu em Barcelos a edição de 1817, enriquecida não só com as notas de Verdier, mas também com outras extraídas da cópia (Ms. 402) existente na Biblioteca da Universidade de Coímbra e da cópia que possuiu o dr. Augusto Filipe Simões, além de algumas outras notas da própria lavra de Veloso.

Em 1879 o sr. José Ramos Coelho publicou em Lisboa a 8.ª edição, chamada *grande*, e, segundo declara, alterou o texto do *Hissope* em mais de 250 lugares; mas prefaciou e anotou esta edição crítica[1] proficientemente, e fê-la acompanhar de desenhos ilustrativos.

Em 1886 estampou-se no Pôrto (Imprensa Real, Praça de Santa Teresa) uma edição popular, a tostão. É cópia da de 1802.

Em 1910 a casa Garnier, do Rio de Janeiro, deu

1 Inocêncio Francisco da Silva e o dr. Francisco de Paula Santa Clara (elvense) morreram sem ter chegado a publicar as edições críticas do *Hissope*, que dedicadamente preparavam.

a lume uma nova edição dos *Satyricos portuguezes*, na qual vem incluído o *Hissope*, conforme a edição de 1834, mas valorizado por importantes anotações de João Ribeiro.

Em 1911 publicou-se em Coímbra uma edição escolar do *Hissope*, prefaciada, revista e anotada por Adriano A. Gomes, professor do liceu central daquela cidade.

Nada adianta.

Uma enumeração completa *das edições do Hissope* há de o leitor encontrá-la, sob êste mesmo título, na escrupulosa monografia do sr. general Francisco Augusto Martins de Carvalho — 1921, Coímbra.

O *Hissope* não pode deixar de ser apreciado na sua relação de subseqüência e de género com o *Lutrin* (Estante do côro), que lhe serviu de modêlo e cujos últimos cantos foram publicados mais de 80 anos antes, contados não até à 1.ª edição do poema português, mas até à época em que António Denis foi para Elvas, onde o compôs.

Procuraremos, pois, apreciar os dois poemas tanto nessa relação comparativa, como também no valor intrínseco de um e outro.

Lima Leitão reputava a *Estante do côro* como o «*non plus ultra*» dos poemas joco-sérios.

Rebelo da Silva [1], considerando o *Hissope* como livre imitação do *Lutrin* (não no sentido de cópia, mas de analogia por sugestão), nota que o desenho das

1 *O Panorama*, XIII, pág. 291.

fisionomias e dos costumes oferece rasgos e atrevimentos que abonam sem parcialidade os louvores geralmente conferidos a António Denis: por isso o classifica de primeiro poema cómico português, como já Garrett o tinha classificado.

Teófilo Braga assinala «a riqueza dos typos e das anecdotas» [1] que António Denis agrupou no seu poema. Em outro lugar, o mesmo escritor «classifica de maravilha de gosto e de talento o *Hissope*» [2].

Percebemos esta opinião, pôsto que a palavra maravilha seja excessiva; mas já não percebemos a razão por que diz ser a falta de decôro a «pequena macula» do *Hissope* [3]. Falta de decôro! Em que? Na linguagem ou nas situações?

Poderá haver uma ou outra liberdade de expressão — só nos lembramos de uma única no canto 1.º — mas falta de decôro nas situações é censura que não poderá demonstrar-se documentalmente.

Pela minha parte direi — já que me encontro em frente dêste assunto — que só reconheço no *Lutrin*, em relação ao *Hissope*, duas espécies de vantagens:

A primeira é a da precedência cronológica, o que aliás não envolve a ideia de originalidade, porque Boileau inspirou-se, pelo menos, na *Batrachomyomachia* mal atribuída a Homero e no *Balde roubado* de Tassoni, a que êle próprio se refere no seu poema:

1 *A Arcadia Lusitana*, pág. 577.

2 *Estudos da idade-média*, 237.

3 Mesma obra, pág. 246.

Ó toi qui, sur ces bords qu'une eau dormante mouille,
Vis combatre autrefois le rat, et la grenouille;
Qui, par les traits hardis d'un bizarre pinceau,
Mis l'Italie en feu pour la perte d'un seau;
Muse, prête à ma bouche une voix plus sauvage...

Por sua vez António Denis inspirou-se no *Lutrin*, o que leal e francamente indica no canto I quando diz:

Musa, tu, que nas margens aprazíveis,
Que o Sena borda de arvores viçosas,
Do famoso Boileau a fertil mente
Abrazaste benigna, tu me inflamma.

A segunda vantagem é pròpriamente o labor literário, mais perfeito em Boileau, que foi, como Horácio e Castilho, um mestre de Poética.

António Denis não se esmera na metrificação: o verso corre naturalmente, mas às vezes frouxo e obrigado a hiatos.

Já não quero imputar-lhe a culpa de algum verso mais infeliz, como aquele, violento e cacofónico do canto V:

Com 'strondo se assoa e dobrado o colhe,

porque nem êste verso, nem os seis antecedentes e os quatro subseqüentes estavam na cópia que serviu à 1.ª edição: por isso não sei se é do autor ou de outrem a paternidade dêsse verso realmente desastroso.

Alguma razão teve Camilo para acoimar a «frou-

xidão prosaica»[1] dos versos do *Hissope*, ainda que seja certo não morrer Camilo de amores por António Denis.

Mas não padece dúvida que há espontaneidade métrica nêste poeta, fluência natural, como não lhe deixou de reconhecer o maledicente Padre José Agostinho nos seus rancorosos *Burros*, circunstâncias que tornam insuspeito o juízo:

> Algum tom liberal guarda nos versos,
> Parece que lhe caem de facil veia.

E Garrett, depois de ter falado de Garção, compara António Denis a «mais *caudalosa*, porém menos pura torrente»[2].

Quanto à linguagem, melhor direi ao vocabulário, nota-se-lhe pobreza de adjectivação: um dos epítetos que êle mais repete em todos os cantos do *Hissope* é o adjectivo — grande.

Verdade seja que fica em boa companhia, porque Luís de Camões, Bocage e Garrett tiveram também o seu adjectivo — bordão[3].

Admitindo que transitem em julgado as duas vantagens já reconhecidas ao *Lutrin* sôbre o *Hissope*, teremos ainda a compensá-las a consideração de que no poema português, escrito inicialmente duma assentada em dezassete dias, há mais unidade de arquitetura e

1 *Curso de lit. portg.*, pág. 187.
2 *Bosquejo da hist. da poesia e lingua portg.*, pág. 205.
3 Camilo, *Curso*, pág. 259 e 353.

acção, mais correntia naturalidade que no poema francês, o que deve atribuir-se ao facto de Boileau ter composto os quatro primeiros cantos entre os anos de 1672-1674 e os dois últimos em 1683.

Assim, pois, suponho que o mérito total do *Hissope* e o mérito total do *Lutrin* se equilibram por considerações compensadoras em favor de um e outro — dando-se a cada um o que lhe pertence de melhor.

Em alguns episódios António Denis sobreleva o mérito de Boileau.

No do Jardim dos Capuchos (canto V) atingiu uma graça bem sua própria e bem portuguesa.

Rebelo da Silva acha êste episódio extenso, mas convém recordar a abundância de estátuas de pedra que embonecavam os nossos antigos jardins monásticos e fidalgos: as referências não nos parecem demasiadas.

No assunto do poema manifestamente Denis aproveitou o conflito de Elvas por sugestão de Boileau, o qual, pela sua parte, colheu a acção do *Lutrin* numa conversação em que certo provincial contou a anedota da estante do côro.

Daquela sugestão resultou que no *Hissope* temos a mesma briga entre dignitários da Igreja: o que se passa entre o Chantre e o Bispo de Coutances no *Lutrin* passa-se entre o Deão e o Bispo Lencastre no poema de António Denis.

O pômo da discórdia é lá a estante do côro; aqui é o hissope.

Em ambos os poemas falta o elemento feminino acompanhando a acção; apenas no *Hissope* aparecem

fugazmente a ama do Deão e a mulher do escrivão Gonçalves, à qual corresponde no *Lutrin* a mulher do cabeleireiro Amour.

Vários episódios de carácter maravilhoso, que no século XVIII se julgava ainda ser indispensável nos poemas dêste género, compensam-se numa e outra composição.

Bastará mencionar no *Lutrin* a consulta à Sibila Chicana e no *Hissope* a consulta ao astrólogo Abracadabro; o episódio do grilo profético no *Hissope* e do môcho sinistro no *Lutrin;* e em ambos a personificação da Discórdia; as moles séstas, as fartas comesainas e os pressagos sonhos dos reverendos, etc.

Não há dúvida, como observou Rebelo da Silva, que os comparsas do *Hissope* são numerosos, e bem desenhados, ainda quando o sejam ràpidamente.

Mas António Denis não ficou inferior, nem talvez superior, à galeria de figurantes do *Lutrin.*

Agora, onde Denis se avantajou a Boileau, incontestàvelmente — e isto é mais uma compensação para manter o equilíbrio entre os dois — foi no último canto, que no *Lutrin* é frio e grave, conhecendo-se o esfôrço do autor, por êle próprio confessado para concluir a sua emprêsa; ao passo que o 8.º canto do *Hissope* é vivo e rico de incidentes cómicos.

Em conclusão, julgo que injustamente afronta António Denis quem reputa o *Lutrin o non plus ultra* dos poemas joco-sérios; e que injustamente agravaria Boileau quem se lembrasse de colocar o *Hissope* num plano absolutamente superior ao do *Lutrin.*

Por outro lado, a acusação de plagiário vibrada contra Denis não tem razão de ser; o dr. Carl Reinhardstrettner, alemão, cujo voto é autorizado e não pode ser suspeito, repeliu em 1877 essa acusação injusta.

Sugestão é uma coisa; e o plagiato é outra coisa, aliás bem diferente.

Assim como nós, os portugueses, fizemos honra ao poema de Boileau, que já encontrou em Portugal três tradutores [1], também a França fez honra ao *Hissope*, que foi traduzido em francês por J. F. Boissonade — sendo para notar que esta tradução conta três edições [2], a última revista por Ferdinand Denis.

Apreciado o *Hissope* exclusivamente em relação à literatura portuguesa, deve reconhecer-se que, na cotação dos méritos, êle é o nosso primeiro poema herói-cómico, posto o não seja cronològicamente, porque o precederam a *Monoclea*, o *Foguetário* e a *Benteida*.

Vide *Graves nadas*.

*

Li [3] que o erudito António Luís Ferreira Girão, quando estudante em Coímbra, compuzera sôbre discórdias académicas, uma paródia ao *Hissope*, que teria

1 O dr. Lima Leitão, 1834; o visconde de Vilarinho de S. Romão, 1834, e J. S. S. (Braga, 1839).

2 *Le Goupillon*, Paris, 1828; Paris, 1867; Paris, 1876.

3 *O Tripeiro* de 1 de Maio de 1919.

sido publicada num jornal de Coímbra, mas da qual suponho não se haver feito separata.

*

O sr. general Martins de Carvalho publicou em apenso ao seu opúsculo *As edições do Hyssope* um *post scriptum* contendo rectificações, tamanho foi sempre o seu escrúpulo de bibliógrafo.

*

O sr. Edgar Prestage publicou uma tradução em inglês do canto V do *Hissope:* Manchester, 1876.

J

JANTAREIDA (A).
Vide *Lusíadas* (paródias aos).

JERICADA (A) poemeto heroico-burlesco em 4 cantinhos, dedicado ás banhistas de Matosinhos — Setembro — 1884. 30 páginas — 8.º.

Em quadras rimadas; com ilustrações caricaturais. O exemplar que eu consultei, pertence ao sr. capitão Ferreira de Lima. Não indica o lugar de impressão.

Principia êste poema descrevendo um passeio em jericos desde Matozinhos à praia de Arnosa de Pampelido, onde se levanta a chamada «memória do Mindêlo».

Vão senhoras e homens em alegre companhia, rindo dos habituais episódios da locomoção asinina — principalmente os infalíveis trambolhões.

À volta comem o seu farnel no adro da capela da Boa Nova, passeiam depois à beira-mar, trepam ao mais alto penedo — bons equilibristas! — mas o autor do poema e um companheiro adormecem, o que indigna as damas.

Fomos alvo da troça das donzelas.
Dormir ao pé das damas é peccado,
que nenhuma que eu saiba ha perdoado.
Se temos por dever velar por elas!

O regresso dos piqueniques é sempre mais acidentado do que a partida, sobretudo quando os burros pôdres acham maior o pêso da carga e a alijam.

Foi o que aconteceu.

Finalmente, os improvisados cavaleiros e amazonas entram em Leça da Palmeira, e são recebidos com uma ovação, a ponto do autor nos dizer:

Então julguei-me rei. Fiz imponente
parar a cavalgada num momento,
exclamando do alto do jumento:
«Obrigado meu povo! Estou contente!»

O poema termina pela defesa do burro; menos um, que é zurzido nas três últimas quadras.

Como *post-scriptum*, vem ainda alguns versos do seu amigo Teófilo Faria [1], lançando-lhe a responsabilidade de ter feito que o poema viesse a público.

Ora o autor, segundo pude averiguar, foi o bacharel em direito António Lúcio Tavares Crespo, conservador do registo predial no 1.º bairro do Pôrto e deputado às côrtes nas legislaturas de 1865-1868, 1880--1881, 1887-1889, 1890 (sessão única).

Das suas aptidões literárias e humorísticas deu testemunho, antes da publicação dêste poema, um trecho do discurso que pronunciou na sessão de 19 de março de 1880, quando na câmara electiva se discutia o projecto de alterações à lei do sêlo.

Eu o ouvi, êsse trecho, e o reproduzo dos anais parlamentares:

«No regulamento de 14 de maio de 1878 vejo o nome illustre do meu sympathico amigo, o sr. Thomás Ribeiro.

«Estão ali assignados os srs. Fontes Pereira de Mello, presidente do conselho da situação transacta, Sampaio, Barjona de Freitas, Serpa, Thomás Ribeiro, Corvo e Lourenço de Carvalho. Quando vi o nome do meu antigo amigo o sr. Thomás Ribeiro assignado n'aquelle regulamento, lembrei-me dos maviosissimos versos do seu livro intitulado *D. Jayme*, versos que peço licença para recordar à camara, a fim de nos es-

1 Teófilo Leal de Faria faleceu em 24 de Junho de 1915, na casa da sua residência, estrada de Bemfica.

quecermos por um pouco das agruras e da monotonia destas questões jurídicas.

«O sr. Thomás Ribeiro, descrevendo o amor filial, acariciando um pae valetudinario, comparou-o á hera que se enrosca nos muros e que, com vigor extraordinario, suspende á beira do precipicio as velhas muralhas de um castello ermo e derrocado. Feliz imagem e felicissimos versos!

«São como a hera viçosa
«Os filhos do nosso amor!

«Pois, sr. presidente, lembrei-me de parodiar os versos do meu illustre amigo sr. Thomás Ribeiro. S. ex.ª disse-nos em excellentes estrophes, com aquella intelligencia que o distingue, com aquella frase elevada que todos lhe conhecemos, o seguinte:

A hera, filha do muro,
Foi-se alargando e cresceu;
Em cada cantinho escuro
Cada raiz se prendeu.
Entre cada fenda estreita,
Nova vergontea se ageita.
Do muro em toda a largura
Contorce a altiva espessura
Gira, enrosca-se e venceu;

«Não affirmo se a reproducção dos versos estará fiel, porque os cito de memoria.

«Será como a hera, filha do muro, o sêllo, filho do fisco?

«Peço ao meu illustre amigo que me desculpe o gracejo innocente da parodia, que apenas exprime o meu respeito pelos elevados dotes intellectuaes do illustre deputado.

«Digo eu tambem:

O sêllo, filho do fisco
Foi-se engrossando e cresceu;
Em cada papel *arisco*
Cada verba se metteu.
Em cada escriptura feita
Nova estampilha se ageita.
Do fisco em toda a grandeza
Tributa o povo e a nobreza.
E o *deficit*... não morreu!...»

(Risos).

Tavares Crespo faleceu em abril de 1905.

Veja-se a seu respeito *O bacharel António Lúcio Tavares Crespo, fotografado por João Borges.* Pôrto, 1890.

JORNADA AO DOURO (UMA), poema em três cantos por F. A. M. S. Porto, 1855.

O assunto dêste poema está enunciado no título; e o protagonista é o seu próprio autor.

Os episódios das antigas jornadas a cavalo, a descomodidade e carestia das estalagens, as noites mal dormidas pelo assalto de parasitas ferozes, os perigos dos caminhos ainda maiores que os das estalagens, sobretudo na penhascosa província duriense, acidentam còmicamente esta longa odisseia desde o Pôrto até Ervedosa do Douro, a par de outros episódios de pura

fantasia, tais como o congresso de taberneiros para o autor saber qual o vinho que deve preferir, a aparição mitológica do deus Baco, que descavalga de uma pipa para do alto de um monte mostrar toda a vastidão dos seus domínios e, finalmente, a descriçao do suntuoso palácio da mesma divindade, onde brotam de fontes abundantes os mais preciosos vinhos.

Êste poema, todo compôsto em oitava-rima, tem no fim a seguinte data: *Santo Thyrso, 26 de Junho de 1854.*

Pelo texto da primeira estância do canto primeiro parece dever supôr-se que o autor foi desde Santo Tirso, onde residiria, ao Pôrto para daí seguir por Valongo, Penafiel, Amarante até à Régua, e depois a Ervedosa.

Na instância final do último canto, o autor, cuja identidade aliás não pude descobrir, inculca-se como pessoa de poucos haveres:

Adeos vos digo agora, meus leitores,
Que o estomago quer lhe deite um calço;
A vossa protecção, nobres senhores,
Prestai a um cidadão de pé descalço;
Acreditar podeis meus dissabores,
Que nada aqui vos diz que seja falso,
Quem se viu ao findar jornada tal
Sem burro, sem calçado e sem real.

E, realmente, se o autor dispusesse de recursos pecuniários, bem se poderia ter dispensado de fazer parte da jornada em bucéfalo, porque já então havia carreiras regulares de diligência entre o Pôrto e a Régua para os viajantes que tinham medo ao rio Douro.

Pois a verdade é que o poema, conquanto não seja isento de defeitos, vale mais do que a algibeira do autor valia.

*

Já depois de escrito êste artigo, um tirsense meu amigo comunicou-me que o autor deve ter sido um Francisco Moreira, em tempo residente na vila de Santo Tirso, homem de aptidões poéticas, e ali bem visto, o que lhe permitiu viver, «apesar de pobre e modesto, na roda dos engravatados».

Era aparentado, diz o meu informador, com a família dos Wenceslaus brasileiros.

Francisco Moreira morreu tuberculoso.

Ùltimamente descobri em uma das notas do livro *Penafiel*, do sr. Coriolano de Freitas Beça, algumas notícias interessantes àcerca do poema *Uma jornada ao Douro*.

O sr. Beça indica aquele mesmo Francisco Moreira (Francisco António Moreira da Silva) como autor do poema, posto não tenha absoluta certeza, pois que ao nome do suposto autor acrescenta um sinal interrogativo.

Mas diz-nos aí que seu pai, dr. Rodrigo Beça, espirituoso folhetinista [1] do antigo jornal portuense *Porto e Carta*, publicara nesse jornal uma chistosa crítica sôbre o autor e o poema; bem assim que Faus-

1 Com o pseudónimo de *Padre Serapião d'Algures*.

tino Xavier de Novais chasqueara o autor com esta excessiva troça:

Poemas, que tenho visto,
Por costume um heroe cantam;
Mas neste *dons* se levantam —
Burro e vate! Eu gosto disto.
Mas ainda assim não resisto,
Chamem-me embora casmurro,
A perguntar se este zurro,
Este grande disparate,
Nos mostra que o burro é vate
Ou prova que o vate é burro?!

JORNADA ás côrtes do Parnaso por Diogo Camacho.

Com êste pseudónimo se mascarou Diogo de Sousa, que era natural de uma povoação do bispado de Coímbra e do qual apenas se sabe que procedia de família distinta, freqüentou a Universidade e exerceu a advocacia naquela comarca.

A *Jornada* andava encorporada na *Fenix Renascida*, tomo V, e só em 1749 foi impressa em separado.

Pode considerar-se poema heroi-cómico, como outros poemas dêste género, cuja acção é a narrativa humorística de viagens; mas a oitava-rima foi substituída por tercêtos, com acentuada feição literária.

O autor, percorrendo imaginàriamente diversos países da Europa, descreve os costumes dêsses países naquela época, especialmente os literários (culteranismo).

*

Mas, superior aos defeitos dos gongoristas, ri-se dêles, e evita-os.

D. Francisco Manuel, no *Hospital das lettras*, inclui Diogo de Sousa entre os poetas de «conhecido e levantado espirito», que não chegaram a vêr impressas suas obras.

Portanto, a morte de Sousa deve ter ocorrido antes de 1728, que é a data do V tomo da *Fenix Renascida*.

Costa e Silva considera a *Jornada* a mais bela composição que possuímos no estilo burlesco.

Pinheiro Chagas [1] e Teófilo Braga [2] fazem elogios à obra e ao autor.

Finalmente, Camilo Castelo Branco, no *Curso de litteratura*, aprecia com louvor a *Jornada* dizendo: «O boleio da phrase é seiscentista, na melhor monção das musas d'esse cyclo. O seculo transcurrido, desde a eschola florentina até á corrupção importada de Castella, parece que lhe opulentou o thesouro linguistico, ensinando-lhe o meneio e a malleabilidade d'aquellas phrases rijas e asperas dos Ferreiras e Caminhas. Ha ahi versos que se fazem admirar, a um tempo, pela agudeza do chiste e pela vernacula adjectivação».

Depois queixa-se dos êrros grosseiros das cópias, pelo confronto com o manuscrito original que possuía, em partes alterado pelo autor.

1 *Jornal do Commercio* n.os 3952 e 3953.

2 *Estudos da idade-média*, pág. 243.

JUIZO (O) final e o sonho do inferno, poema em 3 cantos por C. F. B. C. Branco — Porto, 1845.

O autor foi Camilo Castelo-Branco (Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco).

O assunto é fantástico — o sonho de uma viagem ao inferno, num tom de critica irónica, mas benigna.

> Recorda-te, leitor, que eu fui levado
> No cerro do dragão ao negro abysmo:
> — De tudo quanto vi te darei parte
> S'o animo t'ajudar p'ra tanto ouvires.

Não se encontra nêste poemeto, bem como nos *Pundonores desagravados*, a promessa de que o autor viesse a ser um dos maiores escritores de que Portugal se ufana.

Vide *Pundonores desagravados.*

L

LAZARETO (O) DE LISBOA, poema heroi-cómico em 5 cantos por Ludovicus. Lisboa, em 8.º.

Êste poema, a julgar pelo texto da 1.ª oitava do canto quinto, foi compôsto por um jornalista português, mas certamente residente no Brasil durante longo tempo, pois são freqüentes na sua linguagem os brasileirismos.

O autor conta galhofeiramente os horrores por que passavam os quarentenários no lazareto de Lisboa.

Êle próprio foi uma das vítimas dêsses horrores, e vinga-se recordando-os em alegre oitava-rima, nem sempre feliz e correcta—especialmente nas consoantes.

Apenas o prólogo, que o autor chama *Annuncio*, é escrito em estrofes de quatro versos:

Eu canto o Lazareto, os seus mysterios,
Fedores e extorsão;
Meus versos são por vezes joco-sérios,
Outras vezes não são.

Dos serventes eu canto as gentilezas,
E dos guardas tambem;
Canto as gordas propinas e espertezas
Que a empreza mantém.

Tambem canto as torturas que lá dentro
Oito dias soffri;
As môscas na comida em vez de coentro,
E tudo o que eu lá vi.

Etc.

É um desenfado de viajante inteligente, sem o «veneno da maldade» e apenas com propósitos galhofeiros, como o autor declara na última oitava.

Êle não quis de modo nenhum denegrir Lisboa à conta do Lazareto.

LOBINHO (O) PHILOLOGICO, poemeto jocoserio por Affonso Gayo. (Com um prefacio e o retrato do auctor). Lisboa, 1897.

O autor conta, no *Prefácio*, como desabafara em quatro cantos de decassílabos rimados, e em não maior espaço de tempo que um mês, o tédio que lhe

causaram as lições de Filologia no Curso Superior de Letras.

Não visa no poema a atacar a competência do professor, nem a utilidade da sciência; condena apenas o método, que reporta excessivamente pesado e asfixiante.

O quarto canto, durante o qual a aula de Filologia funciona, é o mais interessante de todos — pelo movimento e pela variedade.

LOGRAÇÃO DA PRELASIA REGULAR DE SANTAREM: Epopea faceta, por um Sacerdote de Apollo, Bacharel na Sé das Musas. Dedicada ao M. R. P. Fr. Antonio do Espirito Sancto, Prior no convento dos Grillos, em Santarem. 1769.

O autor é João Pedro Xavier do Monte. Veja-se o que dêle dissemos no artigo *Chumacinho furtado.*

A *Logração* consta de 6 cantos, tendo ao todo 191 oitavas.

Proposição do assunto:

Cantem outros varões assignalados
Grandes de Santarem, que antigamente
Em perigos e guerras esforçados
Um brazão lhe fizeram permanente:
Eu canto agora o logro dos prelados,
Que nesta villa vivem santamente;
Cante lá quem quizer altas façanhas,
Que eu cantarei diversas, mas tamanhas.

Eu canto um prior sabio e circumspecto,
Que na fina invasão da ratonice,

Com manha mui sagaz, peito discreto,
Dos golpes escapou da ladroice:
Que na *Arte de furtar* posto no recto,
Contravenida usou, que não cahisse,
Quando outros do seu cargo lamentaram
Cortejos, e dinheiro que largaram.

Vide *Sapatos de setim.*

LONGUINHEIDA (A). O rabequista portuense Augusto Marques Pinto, estando em Braga com Guilherme Braga, escreveu por desfastio dois cantos de um poema herói-cómico assim chamado.

O assunto, como o título indica, era a estátua equestre de Longuinhos, no santuário do Bom Jesus do Monte.

No cimo das escadas portentosas,
De soberbas capellas adornadas,
Cercado d'altas arvores frondosas
Que antes do mundo haver foram plantadas,
Chegando co'as orelhas altanosas
Ás nuvens *nunca d'antes navegadas,*
Montado, e não a pé como os vizinhos
Judeus como elle, avulta o bom Longuinhos.

Deixo transcrita uma graciosa amostra do 1.º canto do poema, cujo original o próprio autor me emprestou no Pôrto, e do qual eu transcrevi logo algumas oitavas no periódico portuense *Mocidade, semanario d'instrucção e recreio.*

Faziam parte da biografia, que eu ali publicara,

de Marques Pinto, e que, modificada, trasladei primeiro para o livro *Esboços e episódios*, e depois para o 2.º vol. da *Seára em flôr*.

LUSA (A) BAMBOCHATA, poema triste em verso alegre por Joannico C. Mila (João Pereira da Costa Lima). Lisboa, 1885.

A edição, da casa Tavares Cardoso & Irmão, é luxuosa, e foi amplamente ilustrada por Bordalo Pinheiro (Rafael).

O poema consta de sete cantos em variado metro.

É herói-cómico, posto se denomine apenas «poema triste em verso alegre»: canta o estadista Fontes Pereira de Melo como centro de uma constelação planetária de políticos da época.

Diz o autor:

> Pintar tantos herois a tinta duradoira;
> Pintal-os em relevo e a traços de vassoira;
> Deixar aos do-futuro-em tela colorida...
> Da raça do-presente-a récua patricida,
> Eis todo o meu empenho.

É uma *charge* que navega a todo o pano da veia humorística do autor.

Fontes, a maior figura política do seu tempo, foi muito alvejado pela sátira, que por vezes o tratou cruelmente.

Contudo êle serviu a pátria com dedicação e desinterêsse... porque morreu pobre.

LUSIADAS (parodia aos).

Consagrada a importância literária e política da epopeia de Camões, natural parecia que surgissem desde logo tentativas de imitação ou paródia, pelo sentimento de admiração que impele os espíritos para o rastro luminoso das obras notáveis, e ainda pela ambição de lucros ou celebridade.

Contudo, a própria grandeza monumental dos *Lusíadas* poderá explicar talvez o número relativamente deminuto de imitações ou paródias que teem aparecido.

Quanto a imitações — entendendo por esta palavra a escolha do mesmo assunto no mesmo género com um propósito de rivalidade — apenas temos a mencionar o *Oriente* do padre José Agostinho de Macedo, que não preencheu os intuitos audaciosos do seu autor.

Pelo que respeita a paródias, a mais antiga de que temos notícia é a que Soares Toscano e outros escritores atribuem a quatro estudantes da Universidade de Évora e colocam no ano de 1589.

Êsses quatro estudantes seriam Manuel do Vale, Manuel Luís Freire, principal colaborador, Bartolomeu Varela e Luís Mendes de Vasconcelos, que contribuiu apenas com um verso.

Todos êstes estudantes eram alunos de teologia e dos mais ortodoxos.

Durante dois meses saiam da cidade pela porta de Machede e iam juntos esconder-se num ferrageal, onde em segredo compunham a paródia aos *Lusíadas,*

que não abrangeu mais que o canto primeiro, e que foi muito festejada quando se tornou conhecida.

O padre Ferrer, jesuita castelhano, chegou a dizer que seria esta paródia a melhor obra que nunca saira nem vira, se não fôsse tão suja.

Pelo que a Companhia não terá que ufanar-se de haver sido mãe espiritual do padre Ferrer.

Diz-se que a paródia anda alterada por emendas da lavra de vários copistas ou leitores.

Mas uma das cópias parece merecer maior fé, porque pertenceu a um dos autores, o licenceado Bartolomeu Varela, e depois ao chantre da Sé de Évora — Manuel Severim de Faria.

É esta cópia a que foi reproduzida em Lisboa no ano de 1880 num folheto de 36 páginas.

O assunto da paródia funda-se na bebedice de alguns eborences então mais notòriamente pinguleiros.

Borrachos, borrachões assignalados,
Que de Alcochête junto a Villa Franca,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram inda alem de Peramanca: [1]
Em pagodes [2] e ceias esforçados,
Mais do que permitte a gente branca,
Em Evora cidade se alojaram,
Onde pipas e quartos despejaram.

[1] Peramanca é o nome de uma herdade na freguesia da Tourega; concelho de Évora.

[2] Esta palavra encontra-se também com o mesmo sentido de patuscada gastronómica nas comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Os autores da paródia não se preocuparam tanto com a coerência do texto como com a oportunidade das alusões pessoais que lhes iam lembrando.

Era uma chalaça de rapazes, principalmente.

Esta paródia ao canto primeiro dos *Lusíadas* conservou-se inédita até 1845, ano em que foi impressa no 1.º número da *Miscellanea historica e litteraria*, do Pôrto; e daí foi reproduzida no folheto de 1880.

António de Magalhães e Menezes, senhor da Ponte da Barca, escreveu o 2.º canto da paródia, e dêle tirou cópia o sr. António Francisco Barata, que a deu ao prelo em 1895, Lisboa (34 páginas).

Menezes continuou o assunto báquico, mas sem valor algum.

No século XVIII, a propósito da cantora Ana Zamperini, apareceu uma paródia ao episódio do velho do Restêlo [1]. É atribuída a José Basílio da Gama, português-brasileiro.

No século XIX, Faustino Xavier de Novais publicou no periódico *O Futuro*, que apareceu no Rio de Janeiro, uma paródia ao primeiro canto dos *Lusíadas* sob o título *Dinheiro!*

Esta paródia foi encorporada nas *Poesias posthumas* do autor (Pôrto, 1877).

*

F. A. de Almeida — «o Almeida das Pêtas» — parodiou em 1865 (Lisboa) os cantos I, II, III, IV e V

1 Vide *Zamperineida*, Lisboa, 1907.

num volume de 206 páginas, com o título *Os Lusiadas do seculo XIX, poema heroi-comico.*

O assunto da paródia, como o título indica, são os acontecimentos, principalmente políticos, daquele século em Portugal.

Os asnos Figurões assignalados,
Que da classe dos getas e bananas,
Por motivos já bem justificados
Passaram inda alem dos fofos Tanas;
Em certo dia muito apouquentados,
Mais do que julgam almas sempre humanas,
Entre Vianna e Vallada edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles taes, que foram dilatando
A má fé; e as alminhas generosas
Andaram de Lisboa embarrilando:
E esses que por obras cavillosas
Se vão da pelintrice libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

O sr. Almeida era muito conhecido na república das letras, como autor de dicionários, tais como: o das *Sete linguas*, o *Illustrado*, etc.

Em 1884 deu êste autor ao prelo a continuação da paródia, que ficou abrangendo dois tomos.

*

Les Lusiades travesties, parodie en vers burlesques, grotesques et sérieux — Voyage maritime et pédestre du

grrrand portugais Vasco de Gama par J. R. M. Scarron II. Porto, 1883.

É um sumário humorístico dos *Lusíadas.*

Na variante de género é que está o *travestissement.*

O autor tinha o apelido de Mesnier, era já velho, e residia no Pôrto, na rua de Cima de Vila.

Creio que era pai do sr. Gastão Mesnier.

Sua mulher achava-se ausente no Brasil. A ela dedica o autor, saudosamente, êste trabalho literário.

Na invocação dirige-se Mesnier a Camões, cujo auxílio implora:

Et toi, Grand Camoens, exhausse mon désir,
Prête moi ton secours, tu me feras plaisir,
Aide moi dans ce jour, et lance dans ma veine,
Le souffle Olympien, de ta divine haleine!

O texto da paródia é composto em alexandrinos pareados, mas divididos quatro a quatro.

Propõe o autor o assunto dizendo:

Je chante le héros d'un tout petit pays,
Les trois petits bateaux, où pressés, réunis,
Sont cent quarante huit, serrés comme sardines,
Mais tous forts et nerveux, pourvus de bonnes mines.
Pour tout bien, leur valeur, de vigoureux gaillards
Volant à la fortune, aux perils, aux hazards,
Quittérent, un beau jour, les riants bords du Tage,
Pour affronter les mers, la tempête et l'orage.

Il falait bien qu'ils soient comme un certain marin,
Qu' Horace dit avoir le cœur doublé d'airain.
. . . . . .
. . . . . .

Au moment de partir, vient un vieux rabacheur
Qui, je ne sais pourquoi, voudrait leur faire peur;
Il arrive et se tient sur le bord du rivage,
Puis d'une grosse voix, qui fait trembler le Tage,

Il leur dit doucement, etc.

Por uma das poesias líricas, que veem em seguida à paródia, sabe-se que o sr. Mesnier, ao cabo de quarenta anos de residência no Pôrto, foi juntar-se com sua mulher no Brasil.

Despedindo-se enternecidamente daquela cidade, diz êle:

Dans tes murs glorieux, tous mes enfants sont nés,
Dans ton champ de repos, plusieurs sont inhumés!...
C'est après quarante ans de tranquille existence,
Qu'il me faut te laisser, presque sans espérance
De te revoir, un jour...

Alguns cantos do poema *Lusiades travesties* são ilustrados em caricatura por S. S., certamente Sebastião Sanhudo.

*

Em 1893, o sr. Eduardo Maia publicou no Pôrto *A Jantareida*, paródia a algumas estâncias dos *Lusiadas*, oferecida aos alunos do 4.º ano de medicina. Foi estampada na Imprensa Moderna, sendo a tiragem de 100 exemplares, dos quais 28 numerados.

O texto abrange 15 páginas e compreende 20 oitavas.

As duas primeiras anunciam a proposição ou exposição do assunto:

Os rapazes alegres, divertidos,
Que da grande estação de Campanhã
Por caminhos já d'outros percorridos
Sahiram certo dia de manhã;
E em folguedos ha muito apetecidos,
N'uma alegria louca, viva e sã,
Entre gente remota encommendaram
Um jantar que depois enguliparam;

E tambem as memorias gloriosas
Desses *pontos*, que foram emborcando
O verde, o fino; e as terras tão formosas
Dos arredores andaram devastando;
E aquelles que em partidas primorosas
Se vão homens de gosto patenteando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Trata-se de um jantar de quartanistas de medicina, em Ermezinde, uma dessas alegríssimas festas de rapazes que deixam sempre grata lembrança e são recordadas na velhice com funda saudade.

Nada tem de infeliz esta paródia a diversas estâncias dos *Lusíadas*.

*

Luziada contrafeita á bebedice por Bartholomeu Varella.

Esta composição herói-cómica, mencionada pelo

sr. Ramos Coelho, é a paródia ao canto primeiro dos *Lusíadas*, de que já falamos nêste mesmo artigo, e de que Bartolomeu Varela foi um dos colaboradores.

*

Francisco Duarte de Almeida e Araújo, homem de letras, que foi redactor da Câmara dos Pares (1857) compôs uma paródia aos *Lusíadas*. Deixou-a inédita e por morte do autor não sabemos o descaminho que levaria.

*

Parodia, sem pretensões aos «Lusiadas», do nosso fallecido collega e illustre thalassa, cidadão Luiz de Camões..

Esta paródia começou a ser publicada em o n.º 730, VIII ano do periódico *Os Ridículos* (18 de setembro de 1912).

Tem por assunto os acontecimentos políticos que resultaram da revolução de 5 de Outubro de 1910 e é assinada com o pseudónimo — *Marco António* (António Correia Pinto de Almeida).

Foi reïmpressa em livro.

*

Em 1916, o dr. Júlio de Vilhena revelou no vol. 1.º da sua obra *Antes da República* (*Notas autobiográ-*

ficas), pág. 130, que el-rei D. Luís compusera e lhe lêra uma paródia ao canto primeiro dos *Lusíadas*, tomando por herói um bacharel em direito, então muito conhecido.

Vide *Bôlha* e *Visão do herói.*

M

MACARRONEA LATINO-PORTUGUEZA. — Sob êste título andam encorporadas num volume todas as composições jocosas, que por diversos autores haviam sido publicadas em folhetos avulsos.

O núcleo inicial destas composições foi o *Palito métrico,* por António Duarte Ferrão, impresso a primeira vez em 1746 [1]. Depois se lhe foram agregando outras produções do mesmo género, em prosa e verso, até que numa edição feita no Pôrto em 1791 e na de Lisboa em 1792 se constituiu, muito aumentada, a *Macarronea latino-portugueza.*

A proximidade destas duas edições mostra bem quanto o género macarrónico merecera entre nós o agrado público.

1 Inocêncio, no tomo 4.º do Dicc. Bibl., pág. 37, diz ser êste o ano da 1.ª edição; mas no tomo 5, pág. 334, duvida se a edição de 1765 será a primeira ou a segunda. Foi lapso. O padre Silva Rebelo freqüentava a Universidade no tempo do reitor D. Francisco da Anunciação, isto é, entre 1745 e 1757.

E aquele género foi-se alargando a ponto de abranger alguns assuntos estranhos à vida escolástica, o que depõe mais uma prova do interêsse que conquistara.

Em verdade raro era o estudante que, principalmente em Coímbra, não sabia de cór trechos do *Palito métrico,* ainda nas primeiras gerações académicas do século XIX.

O autor do *Palito* adoptara o pseudónimo de António Duarte Ferrão, mas o seu verdadeiro nome era João da Silva Rebelo. Foi aluno da Universidade e depois reitor da real casa e igreja da Nazaré, na Extremadura, sua província natal, pois que êle tivera por bêrço um obscuro lugarejo [1] próximo da vila de Alcobaça.

Retirando-se da reitoria, faleceu, octogenário, no ano de 1790, pouco mais ou menos.

A graça das suas composições humorísticas, como das melhores que lhes foram adicionadas no volume da *Macarronea,* é espontânea e folgazã, desenfado espirituoso de rapazes alegres e trocistas.

É a graça de outro tempo, menos pretencioso do que o actual, mas que servia excelentemente para colorir a pintura de costumes, que hoje talvez nos pareçam ingénuos; graça que fornecia alguns cobres à magra algibeira dos estudantes talentosos, aliviando a de seus pais.

1 O lugar de Sortão, segundo Inocêncio; mas êste lugar é tão obscuro que não vem citado nas corografias portuguesas, nem até no *Dicionario Postal.*

Naquele tempo ainda se sabia tanto latim, que até era possível tomá-lo em brinco, sendo aliás a língua mais séria dêste mundo... especialmente quando se fazia exame dela.

Hoje não me parece fácil encontrar em Portugal seis estudantes que pudessem transitar sôbre a esteira macarrónica do padre Silva Rebelo.

A seu respeito diz Camilo que não teve na Europa rival naquela sua engenhosíssima especialidade [1].

Um dos colaboradores da *Macarronea* assinou-se António Castanha Neto Rua, mas foi o autor da *Mondegueida,* isto é, Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, o qual destilou prosa de bom conselho aos calouros intitulando-a *O sabio em mez e meio.*

Faço menção da *Macarronea* ùnicamente pelo facto de nela estarem compreendidas algumas espécies que, tais como *Bisnaga escolastica, Calouriados e Mendicanimachia,* poderão caber no género herói-cómico.

Por êste motivo as destacamos para os seus respectivos lugares nesta nossa resenha alfabética.

MAL (O) DA DELFINA, paródia á «Delfina do Mal», por um homem de bem (Guilherme Braga) Porto, 1869).

Guilherme Braga foi um dos três grandes poetas modernos do Pòrto, colocado cronològicamente entre Soares de Passos e António Nobre.

Mas no género — paródia — ficou inferior a si mes-

1 *Cousas leves e pesadas: O academico ambicioso.*

mo, conquanto fôsse um pujante satírico tal como se afirmou nos *Falsos Apostolos* e no *Bispo.*

Êle próprio reconheceu a sua inferioridade nesse género quando disse na carta-preambular do *Mal da Delfina:* «a paródia para mim fica sendo como Cascaes para o povo. Uma vez... e nunca mais! Quando me lembro de que escrevi este livro, imagino que tomei um suadouro».

A técnica do poema é excelente, porque Guilherme Braga metrificava a primor, e isso já não é pouco.

Mas a inspiração do autor — como a de todos os grandes poetas — não sofre peias nem itinerários obrigatórios.

Foi certamente numa aguda urgência de dinheiro que Guilherme Braga se lembrou de parodiar *A Delfina do mal,* de Tomás Ribeiro.

MALHOADA (A).

Êste poema, que ficou inédito, foi composto em verso solto e 5 cantos por Anacleto da Silva Morais, oficial maior do antigo tribunal da junta do comércio.

Em 1894 o dr. Rodrigo Veloso salvou da obscuridade a *Malhoada,* dando-a a público em Barcelos, e bem haja por fazê-lo, pois que ela é um dos nossos melhores poemas heroi-cómicos depois do *Hissope.*

Menos ampla na arquitectura e vitalizada por menor fôlego, merecia contudo as honras da impressão. Como sátira pessoal que é, de carácter principalmente literário, não desluz hoje, antes aviva, a memória do protagonista: António Gomes da Silveira Malhão.

Ainda que a existência de Anacleto de Morais haja excedido o primeiro quartel do século XIX, pode fixar-se com segurança a época da elaboração da *Malhoada;* foi anterior a 1786, ano em que faleceu António Malhão.

Êste rapaz era filho do bacharel Agostinho Gomes da Silveira, natural de Óbidos, e de uma senhora, da família Malhão, oriunda do Lumiar, têrmo de Lisboa.

Teve irmãs e irmãos: creio que, ao todo foram oito. Mas só António e Francisco adoptaram o apelido Malhão; os outros assinavam-se apenas Silveira.

Francisco nascêra um ano antes de António.

Ambos êstes irmãos cultivavam as Musas, e tiveram fama como repentistas, especialmente António, o qual morreu aos 28 anos.

Algumas das suas poesias líricas sairam póstumas com outras de Francisco Malhão num pequeno volume impresso em Coímbra no ano de 1787.

Mas a principal torrente da inspiração daquele malogrado moço malbaratou-se em improvisos, que tiveram uma hora de celebridade em Lisboa e Coímbra, e de que apenas restam hoje escassos fragmentos.

Um dêles conhecemos nós: é uma das glosas com que respondeu em Coímbra ao mote *O teu rosto encantador:*

Quiz um dia a natureza
Fazer uma cousa rara,
E consta que meditara
Mais de uma vez nesta empresa:
Da branca neve á beleza

Juntou do carmim a côr;
Poz-lhe fogo abrazador;
Tudo o que é belo lhe uniu,
E desta massa sahiu
O teu rosto encantador.

Esta amostra dá-nos a medida do seu mérito como apreciável improvisador que era.

Nas *Obras poéticas* de Francisco Dias Gomes, publicadas por Garção Stóckler, encontra-se a pag. 38 a seguinte nota:

«Antonio Gomes da Silveira Malhão, de quem o Author aqui falla, e que faleceu na flor da mocidade, foi dotado de hum muito grande talento poetico, e possui o dom de improvizar em gráo muito destincto. Aos dotes do espirito unia os do coração. E se a morte o não tivesse roubado tão cedo ás letras, teria sem duvida sido hum dos Poetas, de que a Nação Portuguesa poderia gloriar-se, etc.»

É um juízo desapaixonado e insuspeito.

Na edição da *Malhoada* feita em Barcelos sôbre uma cópia existente em Évora, falta o *Argumento*, que precede o poema noutra cópia que eu possuo, escrita em letra do século 18.º.

Por êste motivo, e porque deixa entrever as origens da *Malhoada*, transcrevo textualmente o

Argumento

«Antonio Gomes Malhão achando-se no Cirio da Nazareth a tempo em que no mesmo sitio se achava

huma grande parte da Nobreza desta Côrte, apareceu entre ela compondo ao som de huma Viola varias trovas, em que se notava mais a precipitada promptidão com que eram feitas, do que a beleza que deviam ter.

«Certo Cavalheiro desta Côrte, que escutava os seus improvisos, reconhecendo-lhe alguns talentos, e persuadindo-se que cultivados estes com hum serio estudo o poderião fazer feliz, mediante a sua Protecção, o trouxe na sua companhia para Lisboa. Elle abuzando deste favor, e afastando-se deste projecto, cerrou os Livros, e se negou a os Estudos, e enfunado dos Louvores de cabeças ôcas, se julgou perfeito e consumado Poeta, insultando até aquelles que no principio lhe emendarão os Versos, e prudentemente o aconselhavão. Este entusiasmo lhe quiz abafar o Autor desta Obra com huma Critica que intitulou = O Malhão = e estes sucessos constituem a acção do presente Poema.

«Espalhada por Lisboa a Critica, se levantárão a mal dizella os Apaixonados do nosso Heroe, fazendo-lhe alguns Córtes, a que se respondeo no Quinto Canto, que forma o Episodio de Marta Vaz.

«O breve espaço em que foi traçada esta Obra, pode servir de desculpa a alguns descuidos, que o Autor nella tivesse, e que não deixará de emendar para o futuro, e quando os nimiamente escrupulosos se não satisfação, ponhão em publico as suas objecções que sendo justas, serão gratamente abraçadas, e sendo tão futeis como as primeiras, se tratarão com o desprezo que estas merecem».

Para verificarmos os motivos que presidiram à elaboração da *Malhoada* não temos hoje melhor contraprova do que as breves notícias que da biografia de António Malhão encontramos na obra de seu irmão Francisco.

Referimo-nos à *Vida, e feitos de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão, escrita por elle mesmo.*

Não foi uma pessoa da côrte que trouxe António Malhão para Lisboa depois de o ter ouvido improvisar nas festas da Nazaré.

Êle saíra da casa paterna, em Ćbidos, para ir cursar humanidades nas aulas do convento de Mafra.

Diz Francisco Malhão:

«Meu Irmão, que igualmente se achava em Mafra, tinha hum geito decidido para a Poesia, e era acompanhado de huma facilidade summa em fazer os versos unindo a isto hum enthusiasmo extraordinario, que só quem o ouvio, e vio pode fazer delle hum ajustado conceito. Elle era de um temperamento colerico, sem ser em demasia, etc. [1]».

De Mafra fugiu para Lisboa, não sob o patronato de algum fidalgo, mas para esquivar-se à vontade do pai, que de mótu próprio resolvera fazê-lo seguir a vida monástica [2].

Ao passo que Francisco Malhão estava em Coímbra, no intuito de formar-se, vivendo da publicação de alguns opúsculos e principalmente do favor de

1 Tomo I, pág. 81-82.

2 Mesmo tomo, pag. 109.

estudantes, António sustentava-se em Lisboa do prestígio que lhe adviera do seu talento de poeta e de improvisador, graças à liberalidade de amigos e admiradores.

Assim viveram outros poetas no século XVIII: a mendicidade literária era costume do tempo, e não parecia abjecta como hoje se nos afigura.

Principalmente a nobreza prezava-se de proteger poetas: todos os fidalgos queriam imitar Mecenas e os Médicis.

Da casa paterna exíguos recursos podiam receber Francisco e António Malhão. O pai tinha meios, mas não se alargava com os dois filhos que aventurosamente haviam saído de casa.

A Francisco dissera muitas vezes: «Vai para onde quizeres, mas não me peças dinheiro nem cavalgadura».

Com António ainda seria menos indulgente, porque êste filho lhe fugira para evitar ser frade.

Mais tarde, a casa do pai dos Malhões sofreu um grande desfalque, e a vida de família, em Óbidos, tornou-se muito apertada.

Natural era que António Malhão, em Lisboa, adquirisse ruidosa fama, não só pela sua facilidade de improvisação, mas também pela espécie de fúria poética em que entrava quando compunha os improvisos.

A *Malhoada* descreve a vida de Malhão na capital, vida de poeta boémio e estúrdio, mal vestido e desgrenhado.

Anacleto de Morais, na sua qualidade de grave burocrata, não se bandeava nesta classe, e o seu talento literário era por isso menos celebrado.

Contudo parece que alguma vez tivera ocasião de aproximar-se do repentista obidense; e até se depreende do *Argumento* que lhe dera conselhos no sentido de aprimorar o estro e aplicar-se ao estudo.

Provàvelmente, António Malhão, na sua liberdade de boémio e com o seu génio fogoso, responderia tôrto, com sobranceria ou independência.

O que é certo é que Anacleto de Morais planeou a *Malhoada* para demolir o improvisador ovante.

Não o conseguiu, porque as sátiras nunca fizeram mal a ninguém; pelo contrário, chamam a atenção e a simpatia do público para as suas vítimas.

Malhão teve defensores fervorosos, que Morais classifica de suspeitos por *apaixonados*.

Não sei como o poeta se desagravaria em conformidade com o seu génio colérico ao ter conhecimento do poema por alguma cópia ou, quando menos, por atoarda. A resposta seria corporal ou literária? Eis o que até agora se não pôde averiguar ainda.

A *Malhoada*, sôbre não prejudicar a popularidade do protagonista, tem hoje o valor de fixar o seu tipo de poeta improvisador, que sem ela ficaria apagado.

Morais fornece-nos em caricatura o retrato de António Malhão:

> ...rapaz de pouca barba,
> Que pretende fazer soar seu nome

Nas espaçosas ruas de Lisboa.
Pende-lhe da cabeça ao vento ondeando
Hirsuta grenha nunca penteada,
Retostadas bochechas, nariz rombo,
Média estatura, gesto empavezado,
Annosas vestes os seus membros cobrem,
E tem nas longas pernas encaixadas
Botas alarves de rugosa pelle.

Está-se vendo o poeta errabundo e pobre, classe de que Bocage fôra mais tarde a figura primacial..

Não louvamos a Anacleto de Morais os sentimentos de emulação e despeito, que transparecem da *Malhoada.*

É porém, certo que Morais tinha evidente mérito literário, posto talvez lhe faltasse a faculdade de repentista, principal fonte da celebridade de António Malhão.

Alguns episódios do poema, descontada a azêda fantasia em que assentam, são reconhecidamente interessantes, e a disciplina académica da composição revela já a influência da Arcádia, especialmente de António Denis, como Anacleto de Morais confessa quando exclama invocando a Musa:

Se já nas margens do aprazivel Sena
Ao famoso Boileau tanto illustraste,
E se por teu influxo encheu de assombro
A lusitana gente o grande Elpino,
Benigna inflamma o temeroso vate,
Que a voz levanta ao ar desconhecido.

Era esta falta de disciplina literária que o irritava

em Malhão, aliás mais estimado e popular do que o seu émulo.

Alguns estudantes naturais de Coímbra *pescaram nas margens do Tejo,* António Malhão, como diz seu irmão Francisco, e levaram-no com êles para aquela cidade.

Aí reunidos, os dois irmãos fizeram as delícias da academia nos outeiros de Lorvão, nas funçanatas de Sendelgas, nos passeios às Tôrres, nas comemorações universitárias e nos serões coïmbrãos da rapaziada.

Falando da *república dos pescadores* de António Malhão, que era no bêco de S. Marcos, diz seu irmão Francisco que aquela casa «foi por quasi um anno, hum Parnaso urbano, povoado de musas machas, e de Apollos de batina».

Depois, reconhecendo a superioridade do irmão, acrescenta: «estro assim, promptidão similhante, occurencia de ideas poeticas tão facil, e verbosidade tão prompta, se algum outro a tem, eu não o conheço; e deste mesmo voto achei a quantos huma vez o ouvirão: e ralhem muito embora *os que forão seus émulos, que aquelle cabedal que dizião faltar-lhe,* podia, e estava a ponto de adquirir, etc. [1]».

É clara a alusão à *Malhoada.*

Os dois irmãos inventaram em Coímbra uma espécie de «canto amabeo [2]» sôbre qualquer mote, al-

1 *Vida e feitos,* tomo II, pág. 118.

2 O *canto amabeu* era originário da Grécia heróica, uma canção dançada, em que raparigas e rapazes formavam círculo à roda de um par, e representavam sucessivamente a expressão do amor, do ciume e da galantaria nupcial.

ternando-se na glosa, coisa de que a academia muito gostava.

António Malhão, nesses momentos, «ateava-se de maneira, que nem via, nem ouvia, e por fim de contas, e de hum improviso cantado, e outro de Decimas, que mal mediava, do que acabava ao que começava de novo, hum ápice; sahia da função com febre: se cuidão que isto he exaggeração, visto que nelle já se não pode fazer experiencia, pergunte-se a milhares de pessoas que o virão, e que o obrigavão a pôr termo a seus improvisos, doídos do estrago de sua saude [1]».

Efectivamente António Malhão principiava a ser apalpado pela doença, que suponho ter sido a tuberculose.

Mas ainda assim não evitava as ocasiões de improvisar, e continuava fazendo-o com grande exaltação.

Mas a doença cresceu, e o pobre moço teve de recolher-se a Óbidos, já crente no próximo termo de sua existência [2].

Faleceu em dezembro de 1786.

O irmão, ao regressar de Coímbra, teve conhecimento desse triste sucesso.

«Suave e unica consolação me forão as notícias da sua resignação, e conformidade, com que se desapegou de hum mundo, aonde achou estimação, e rega-

1 Mesmo tomo, pag. 20.

2 Tomo III, pág. 57-58.

los; podendo dizer-se delle, que viveo como quiz, e morreo como devia, *a pesar de trabalhos nascidos da emulação* [1]».

António Malhão, se bem que muito inferior a Bocage, pode comparar-se com êle na vida boémia, na facilidade de improvisação, e na morte cristã que ambos tiveram.

O irmão compôs dois sonetos pranteando o passamento de António. Destaco um terceto em que diz:

Quiz-te mal, quem atraz de ti voava,
Amou-te quem teus dons pezar sabia;
E tua Musa as bocas vis calava.

Êste último verso faz supor que Anacleto de Morais não ficaria sem resposta. Mas onde estará ela?

António Lobo de Carvalho, o Lobo da Madragôa, também foi émulo de António Malhão, a quem chamou poeta coxo num dos seu sonetos.

Francisco Malhão, depois da morte de António, concluiu a formatura em direito, casou em Óbidos, abriu aí banca de advogado, mas nunca deixou de cultivar a poesia e a improvisação, nem perdeu nunca, como os outros poetas da mesma época, o feitio de cantar pessoas que pudessem recompensá-lo.

A seu respeito vide *Mondegueida*.

1 Mesmo tomo, pág. 72.

MAQUINA (A) aerostatica, poema epico por João Robert du Fond dedicado a si mesmo. Lisboa: Na Offic. de Lino da Silva Godinho. Anno de M.DCC.LXXXVII. Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros. 52 pags.

Inocêncio diz que êste poema (de que apenas saiu o canto I) é raro, e supõe que o será por ter sido mandado recolher depois de haver sido autorizado pela Censura. Do autor, cujo apelido inculca origem estrangeira, menciona Inocêncio duas outras publicações.

Mas nada mais se sabe de sua vida e pessoa a não ser o que pode depreender-se das II e III oitavas do poema: que era baixo e de compleição fraca, e que gostava de vinho.

O assunto do poema, que parece envolver, em muitas alusões pessoais hoje indecifráveis, qualquer aventura aerostática, é assim proposto pelo autor:

Canto o valor, a força, o atrevimento
Desses Heroes, que atravessando os ares,
Prendendo o fumo, e sujeitando o vento
Vezitárão da Lua ilhas, e mares.
Façanhas taes, tão celebre portento,
Não podérão fazer os doze pares;
Nunca se achárão, digo, em igual dança
Bertoldo, Dom Quixote e Sancho Pança.

O autor remata o canto 1.º dizendo:

A Deos, boa noite. Eu me recolho em tanto
Para cismar no meu segundo Canto.

Mas do 2.º canto não há notícia alguma.

MARIOLADA (A): poema heroi-comico, dedicado á musa do reverendo José Agostinho de Macedo, a formosa estanqueira do Chiado; pelo seu auctor, o Gigante Voraz. Composto em 1813.

É de José Anselmo Correia Henriques.

Inocêncio viu uma cópia, que Ferreira da Costa possuia: diz que o poema consta de 3 cantos, precedidos de uma introdução em verso.

O ódio entre Correia Henriques e o Padre José Agostinho de Macedo vinha de longe: dos primeiros anos do século XIX, como se verifica pela data de 1813.

A *Mariolada* conjugar-se-ia com a *Correiada*, projectado poema de José Agostinho. (Vide *Correiada*).

MEDICA PALESTRA por Fredoal. Lisboa, 1895.— Talvez lhe possamos chamar um poema herói-cómico, cujo assunto são as mistificações e charlatanices da classe médica.

O seu autor, o sr. dr. Alfredo (de que Fredoal é anagrama exacto) Luís Lopes provou assim mais uma vez que não fazem dano as musas aos doutores, pois que êle próprio é medico.

O título da composição explica-o o autor dizendo que nos seus versos

> ....só existe o simples goso
> Da palestra entre amigos, em recreio.

MEETING (UM) NA PARVONIA, poema num canto. Lisbôa, 1881.

MENDICANIMACHIA ou batalha entre huns Pobres pedintes, e Cães, sôbre a pertença da carne de hum boi morto. Braz Dias Codea, que a presenceou, a escreveo em obsequio de seu Amigo e Compadre Pascoal o Cego. Nem lugar de impressão nem data.

É um poema escrito em verso pareado e sem a divisão do texto em cantos.

Tanto os mendigos como os cães se dispõem a comer uma rês morta, que é abandonada pelo dono em razão de não poder aproveitá-la para o consumo público.

Trava-se combate entre uns e outros, e são os mendigos que levam a melhor.

No dia seguinte, um galgo vai fazer queixa do resultado da contenda ao fidalgo seu dono, e, para o comover, confronta as condições de vida da raça canina com as da classe dos mendigos, acabando por pedir-lhe que nunca mais mande dar de comer a êstes.

O fidalgo responde que o dever de um cristão é matar a fome a quem quer que seja, cão ou homem; e, para compensar os cães, manda que só a êles pertença a primeira rês que morrer.

Reconhecidos ao galgo, a cujo discurso atribuem tão farta comesaina, os outros cães lisonjam-no servilmente, e nisto é que está a moralidade do conto:

Depois que sem rivaes se saciarão,
Davão mil carreirinhas, e no cabo
Lhe vinhão a cheirar todos o rabo;
E gratos á mercê, que tinha feito,

Lhe conservarão sempre tal respeito,
Que em quanto o seu focinho não mettia
No alguidar do comer, nenhum comia.

Êste exemplo de gratidão duradoira admite-se... por ser canina.

A *Mendicanimachia,* como outros folhêtos de literatura popular, passou para a *Macarronea latino-portugueza.* Na edição de 1791 ocupa lugar no *Contrapezo* da mesma *Macarronea* desde a pág. 257 até à pág. 277.

MINISTRADA (A) dada á luz por um amador da tranquillidade Lacobricense.

Apenas sei que êste poema existe, pois não tenho outra notícia dele se não a que diz respeito ao título.

Parece, a julgar pelos dizeres do frontispício, que o autor foi natural ou pelo menos habitante de Lagos.

MODERNOS (OS) lusos. poema em 1 canto por Cesar Augusto Falcão. Lisboa, 1867.

É uma sátira ao campo de manobras estabelecido na charneca de Tancos por Fontes Pereira de Melo, quando ministro da guerra em 1866.

MOMO.

O prestante bibliógrafo Inocêncio revelou, no *Archivo Pittoresco* (IV pág. 152), que o poeta da Nova Arcádia — Francisco Joaquim Bingre — geralmente designado *cisne do Vouga,* tinha deixado um poema herói-cómico sob o título de *Momo.*

Não diz claramente que êste poema ficasse inédito,

mas é provável que sim. As composições de Bingre não publicadas preencheriam o melhor de quatro volumes. Está neste número um poema de outro género (apologético) intitulado *As Mulheres,* de que possuí cópia integral, e do qual o sr. dr. Melo Freitas diz no seu livro *Violetas* (1878) que Bingre o não pôde aperfeiçoar.

Nunca vi cópia nenhuma do *Momo* nem sequer algum excerto, e por isso não posso senão repetir a vaga indicação bibliográfica fornecida por Inocêncio.

MONDEGUEIDA: poema estrambotico. 1788. Por Antonio Castanha Neto Rua.

É pseudónimo. O autor foi o então estudante de direito — Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, natural de Óbidos, e irmão do malogrado António Gomes da Silveira Malhão. (Vide *Malhoada*).

Não obstante aquele pseudónimo, o próprio autor se desmascarou quando no 3.º tômo da sua *Vida e feitos* (1793) incluiu a *Mondegueida.*

Êste poema, que se compõe de 4 cantos em quintilhas, celebra uma grande cheia do Mondego, em conseqüência da qual pôde o mesmo rio «deixar a nado a Cidade baixa; montar por cima da ponte, e arruiná-la; desmanchar os morros da Portela; arrancar estacadas, e finalmente pôr toda a gente huns em aperto, outros em pasmo, e admiração [1]».

1 *Vida, e feitos de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão, scrita por ele mesmo,* tom. III, pág. 138.

Francisco Malhão foi um dos mais estimados estudantes de Coímbra no século XVIII, e o talento poético serviu-lhe por vezes para acudir a dificuldades financeiras, de par com o favor de amigos.

Tal lhe sucedeu com a *Mondegueida*.

«Este Poemasinho — diz êle — teve acceitação, e rendeo seus tostões, que vierão a pedir de boca, em razão de vestuario, e de ir comprando alguns livros, de que tinha precisão, pois nenhum Official póde trabalhar sem ferramenta: daqui veio fazer trocas com Livreiros, de quem me persuado, que ainda não haveria, quem delles reportasse cómmodo: e com effeito foi o meu celleirinho, que fui mandando para casa, e com que me achei depois».

A *Mondegueida* tem, realmente, graça, e a metrificação das quintilhas é fluente.

O autor não pensou nunca em educar a sua vocação poética, mas dispunha de veia espontânea. Cultivou muito o improviso e, com a viola na mão, a cançonêta e a modinha.

Onde êle estava não havia tristeza; contudo diz-nos que às vezes era assaltado de «camarço» ou melancolia, a que foram sujeitos todos os seus parentes pela linha materna [1].

Êste paradoxo freqüentemente se observa nos actores e poetas cómicos.

Como improvisador, teve ensejo de concorrer com Bocage.

1 *Vida, e feitos,* tom. I, pág. 113.

Conta-se que encontrando-se ambos nas Caldas da Rainha, alguém lhes dera êste mote:

Um burro, um frade e uma freira.

Malhão respondeu ao mote com a seguinte quadra:

Sahiu um garoto á pressa
A buscar uma parteira,
Porque viu estarem juntos
Um burro, um frade e uma freira.

E Bocage glosou-o assim:

Casou um bonzo na China
Co'uma mulher feiticeira:
Nasceram três filhos gemeos,
Um burro, um frade e uma freira.

Uma noite, em casa de Pimentel Maldonado, certa dama, na presença de Bocage, deu mote ao Malhão, que se demorou um minuto em responder.

Bocage, insofrido, quis interpôr-se com uma glosa, mas a dama pediu-lhe que esperasse por o Malhão.

Ardendo sùbitamente em despeito, Bocage apostrofou:

— Ó Malhão, faze lá meia dúzia de *chançonetas*, que é pasto de tolos.

A dama soube conter-se, e, depois de Malhão ter recitado, voltou-se para Bocage a dizer-lhe graciosamente:

— Ora vamos, sr. Bocage; há pouco pintou-me tola; agora peço-lhe que faça o meu retrato.

Elmano, logo subjugado e macio, improvisou o belo soneto que principia:

Pode o tôsco pincel, que mal sustento, etc.

Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão foi pai do famoso orador sagrado Francisco Rafael da Silveira Malhão, honra do púlpito português.

MONOCLEA (A), poema de Frei Simão Antonio de Santa Catharina — 1.ª impressão. Barcelos, 1894.

Êste poema conservava-se inédito, e foi uma cópia existente na Biblioteca de Évora a que o benemérito bibliógrafo dr. Rodrigo Veloso aproveitou para a primeira impressão ou edição.

Moveu-o decerto a fazê-lo a notícia recomendatória que por Cunha Rivara foi publicada em 1840 no *Panorama* (vol. IV).

É certo, porém, que o único merecimento do poema está na originalidade do assunto; quanto a valor literário é um fiel espêlho da sua época — princípio do século XVIII — ainda eivada de influência gongorista e dominada pela grafomania, insulsa e prolixa, de frades jocosos ou galanteadores.

Frei Simão de Santa Catarina ou Simão Antunes Freire de Santa Quitéria — como diz a cópia de Évora — nasceu em Lisboa no ano de 1676, ou talvez antes, chamou-se no século Simão Lopes, professou no Ins-

tituto de S. Jerónimo em 1696, foi lente de teologia moral no convento de Belém, sócio de várias academias, e faleceu a 16 de maio de 1733.

Era cego de um ôlho e por isso se lembrou provàvelmente de celebrar num poema não só os cocles ou zarôlhos notáveis, mas até êle próprio; daqui o assunto e tíulo do poema — *A Monoclea.*

A partir do céu, que tem um só ôlho — o sol — frei Simão vai passando em revista na terra alguns monóculos da História e da Fábula, nem sempre dos mais conhecidos, e a si mesmo se mete na galeria acima de Camões, embora mostre querer fazê-lo por jocosidade.

Nas estâncias 25, 26, 27, 142; 143, 144 e 145 (o poema tem ao todo 151.ª) Frei Simão preconiza-se galhofando e numa delas sôlta esta empavesada apóstrofe:

> Tu que no metro foste mais avante
> que o famoso Camões, como elle disse,
> illustrado d'aquelle Apollo ovante,
> que ás vezes faz dizer muita parvoice;
> o soneto em que o diz está bastante,
> e porque pode ser que se não visse,
> no fim da Monoclea vae copiado,
> bem que já vezes mil anda estampado.

Alude a um soneto em que finge ser louvado por Camões e cujo remate sôa dêste modo:

> Mas tu, do ôlho do mundo na alta esphera,
> direito ficarás qual eras de antes,
> e eu torto ficarei qual dantes era.

Não se pode ser mais imodesto no gracejo.

O poema é seguido de notas, umas do próprio autor, outras do erudito editor: e de um feixe de composições métricas em elogio dos monóculos.

Costa e Silva, no *Ensaio biographico-critico* (tomo IX, pág. 292) dá notícia de outro poema joco-sério composto por Frei Simão e cujo assunto eram as eleições de prelados e preladas dentro dos conventos.

Foi pena que se perdesse êste poema — até hoje ainda não aparecido — porque êle, embora provàvelmente idêntico em valor literário à *Monoclea* — contaria episódios interessantes dessas renhidas lutas eleitorais de frades e freiras.

MONTEIROPEDES, fragmento heroi-comico por Felix Ramos. Porto, 1887.

Canta, em 30 páginas, os longos pés de um professor portuense de ensino livre, que foi meu condiscípulo no liceu nacional daquela cidade, e que ainda há poucos anos tive o prazer de encontrar ali no gozo de uma robustez salubérrima, firmado em mais sólidas bases do que os pés de barro de Nabucodonosor. Ainda bem que a sátira o não amofinou corrosivamente. Nem o caso era para tanto, porque não passou de uma galhofa hiperbólica, em que o autor revelou maiores faculdades poéticas do que sarcásticas.

Hoje, vinte e dois anos depois, o crítico e o criticado poderiam apertar-se a mão sem rancor.

Nesta composição herói-cómica (mais pròpriamente sátira) escrita em versos pareados, alexandrinos e de-

cassílabos, há algumas referências picantes a pessoas e costumes portuenses daquela época.

MURRAÇA (A) poema epico em 3 cantos. Porto, Typ. do Ecco Popular, Rua do Bomjardim n.º 650 —1848.

O autor foi Camilo Castelo Branco, e o assunto do poema, em oitava-rima, o conflito ocorrido no claustro da sé do Pôrto entre o cónego João Bernardo e o arcediago Francisco de Passos de Almeida Pimentel.

Deu causa a êste conflito ter o cónego acusado o arcediago de acumular o subsídio de deputado da nação com os benesses da sé.

Indo ao Pôrto no primeiro ano da legislatura, o arcediago encontrou o cónego na passagem do côro para a casa das murças e sovou-o a murros.

A primeira edição do poema é muito rara; mas em 1889 fez-se no Pôrto uma reïmpressão imitativa.

Consta a *Murraça* de 32 estâncias em 15 páginas.

A metrificação é menos imperfeita que a dos *Pundonores desaggravados* e *Juizo final,* mas ainda bastante desleixada. Contudo a graça dêste poema é já superior à dos outros dois que o precederam três anos. De uma e outra asserção faz prova a primeira estância:

Os conegos e os sôcos bem puchados
Que da Sé episcopal na sacristia,

Em queixos nunca d'antes soqueados
Ferveram com *rev'renda* valentia:
E aquelles que deverem ser cantados
Quaes filhos de sagaz patifaria,
Cantando, espalharei por todo o Porto.
Qual se espalha o fedor do cão já morto.

Fez-se 3.ª edição: Figueira da Foz, na Imprensa Lusitana, 1916. Ilustrada com uma carta inédita do autor e palavras do editor.

A carta, datada de 1875 e dirigida ao escritor António Francisco Barata, o grande romancista confessa-se pai do poemeto, que jovialmente classifica de ingénua frioleira.

O editor desta 3.ª edição foi o sr. Cardoso Mata, conhecido publicista.

Vide *Pundonores desaggravados* e *Juizo final.*

MUSICOGRAFIA (A) por Alfredo Carvalhaes; Porto, 1880.

É uma composição herói-cómica em paródia à *Judia* de Tomás Ribeiro.

O autor era natural do Pôrto e ali morreu prematuramente.

Uma cantora nascida em Lordêlo (do Ouro) transige com um boémio que desfazia nos seus méritos artísticos:

Eu fecho a boca ás cantigas,
Tu soffreia a troça obscena...
O negocio vale a pena...
Está fechada a sessão.

A acção passa-se no Pôrto;

Viu! Cruzei a extensa rede
Das calçadas da Parvonia!
Ài, desgraçada Laponia!
Ài patria de Manoel Zé! [1]
D'aqui o Douro; no cimo
Do Pilar a serra, em frente
O seminario potente...
E ao fundo, o largo da Sé!

Com o título *A almofada da rainha* publicou o sr. José de Freitas Costa (Pôrto, 1881) uma paródia à poesia de Tomás Ribeiro — *O tear da rainha,* mas esta paródia não se filia pròpriamente no género herói-cómico.

N

NA CIDADE DA VIRGEM, poema heroe-comico em tres cantos, por Antonio de Vasconcellos — Canto primeiro. Porto, 1884.

Apenas conheço êste primeiro canto, que constitui um opúsculo de 15 páginas, com dedicatória em prosa (a Camilo Castelo Branco) e um prólogo em

1 Célebre pelos carroções que fornecia aos portuenses.

decassílabos soltos, que é a metrificação seguida pelo autor.

Não sei se chegaram a publicar-se os outros dois prometidos cantos.

O primeiro mais parece uma sátira a costumes e usos portuenses, especialmente à procissão de *Corpus Cristi,* que largamente descreve, do que o início de qualquer acção integral que vá desenrolar-se num poema herói-cómico.

Êste nosso reparo conforma-se tanto com o título e texto do poema como também com a exposição do assunto feita no prólogo:

> Eu canto o Porto e mais particularmente
> Canto a rua Chã, rua do Bairro
> Primeiro da cidade: a Sé chamado, etc.

Os versos, como se vê, não são perfeitos nem bons; antes abundam os incorrectos e desleixados.

Pena é que seja assim, porque o autor quási sempre observa e descreve com verdade e justeza. Dêmos um exemplo:

> Ó Porto, ó terra de mulheres formosas,
> Martyres de sacrificio! — O amor n'ellas
> É um rei tão despotico e absoluto,
> Que, qual Miguel, aquelle amor envia
> Á forca a honra d'ellas, seu bem-estar,
> Sua felicidade; as portuenses
> Corajosas ás vezes mais que os homens
> Têm um defeito só: o ser ciumentas.

Quebram vidros, desmaiam, têm ataques
De raiva dominada, presentindo
Uma rival...

Já antes dêste poema herói-cómico, como se vê de um anúncio na capa do mesmo poema, tinha o autor publicado uma colecção de *Sonetos,* que inteiramente desconhecemos.

NARIGUEIDA. Não conheço êste poema senão de nome, pois o vejo mencionado por António Maria do Couto no — Preliminar — da sua tradução portuguesa da *Batrachomyomachia* (Lisboa, 1835).

NIVELEIDA (A).

Êste pequeno poema vem transcrito no livro de Trindade Coelho — *In illo tempore.*

É uma troça a determinado grupo de estudantes que, por hostilidade a outro, proclamava a necessidade de «elevar-se o *nivel* da academia coimbrã» para sua maior dignificação.

Foi composto em oitava-rima, na aula do dr. Pita, pelo académico António Cabral, que na monarquia foi ministro das obras públicas, e depois da marinha, sendo também autor de dois valiosos estudos sôbre Camilo e Eça.

Trindade Coelho anotou naquele livro êste chistoso improviso.

Em resposta à *Niveleida* saiu *A Bôlha,* que também chegou ao nosso conhecimento por intermédio do *In illo tempore.*

P

PADEIRA (A) de Aljubarrota, poema eroico-comico em cinco cantos, imitação da «Pucelle» de Voltaire por J. A. C. H. (José Anselmo Correia Henriques). Hamburgo, 1806. Em 4.º, 62 páginas, verso sôlto.

São indicações colhidas no *Dic.* de Inocêncio e no *Cat.* Fernandes Tomás.

Eu não encontrei exemplar algum dêste poema nem nas bibliotecas públicas de Lisboa, nem no mercado.

Com razão observa Pinheiro Chagas *(Dic. Pop.)* que o autor «era um *voltairiano,* mas não um liberal».

E não é esta a única antinomia a notar na vida de Correia Henriques. Também é saliente a de êle folgar com a restauração absolutista de 1823 e ser inimigo pessoal do Padre José Agostinho de Macedo. (Vide *Correiada* e *Mariolada*).

Suspeito que J. A. Correia Henriques, *imitando* Voltaire, meterá a ridículo a popular tradição portuguesa de Brites de Almeida. Pois se assim é, *imitou* Voltaire no que êle produziu de mais repugnante como francês e como homem de letras: *La Pucelle.* O ódio ao clericalismo levou o escritor francês a conspurcar uma das mais belas tradições da França; e foi impelido por idêntico móbil que êle traduziu um

trecho do 1.º canto do *Hudibras* de Samuel Butler. Não tolera a consciência humana que se escrevesse um poema obsceno a respeito de Jeanne d'Arc. Tem carradas de razão *Bruno* quando diz: «O poema de Voltaire é uma bestialidade, é; mas é, também, uma necedade [1]».

Filinto Elísio traduziu três cantos da *Pucelle*, e parou aí.

Mais lhe valêra não ter começado.

PAES (OS) da Mãe Patria, Lisboa, 1872.

Em XIX pequenos cantos celebra o autor as calinadas e bernardices de vários deputados da nação.

Eu canto, á lyra mofina,
Em versos mal acabados,
Uns patuscos papa fina,
À que chamam deputados.

O autor foi Gastão da Fonseca, 1.º oficial de taquigrafia na Câmara dos Deputados, e por largos anos redactor do *Diário Ilustrado*. Faleceu a 15 de Agosto de 1884.

Em rigor não cabe aos *Paes da Mãe Patria* a classificação de poema, porque lhes falta unidade de acção; mas pode admitir-se que os mencionemos nêste lugar, atendendo a que os heróis são tantos quantos os deputados calinos ali surpreendidos nas suas proezas contra a sintaxe e o senso-comum.

1 *A idéa de Deus*, pág. 167.

PALITO METRICO.
Vide *Macarronea.*

PARODIA do poema de M. Pinheiro Chagas, offerecido a A. F. de Castilho, auctor da Mnemonica, Arte de metrificação, Abc repentino, etc.

Esta paródia ao *Poema da Mocidade* é uma das muitas composições de vária espécie a que deu origem a carta de Castilho apensa àquele poema e dirigida ao editor António Maria Pereira.

Antero de Quental e Teófilo Braga foram atingidos de relance nessa notável carta literária por uma alusão às *Odes modernas* e *Tempestades sonoras,* que recentemente haviam publicado.

Rompeu o fogo contra Castilho, no folhêto *Bom senso e bom gosto,* Antero de Quental. Responderam-lhe Pinheiro Chagas, Manuel Roussado, Júlio de Castilho. Veio à carga Teófilo Braga com o folhêto *As Theocracias litterarias.* Engrossaram de uma e outra banda as hostes guerreiras e aguerridas. Na de Castilho também se enfileiraram Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão. Êste, por causa do seu opúsculo *Litteratura d'hoje,* teve um duelo no Pôrto com Antero de Quental.

Tal foi a chamada *questão coimbrã,* que literàriamente assinalou o ano de 1865 e transbordou ainda para o de 1866 numa diluviosa inundação de folhêtos, folhetins e artigos tanto em Portugal como no Brasil. (Veja-se no *Dic. Bibliographico* de Inocêncio o artigo *Bom senso e bom gosto,* do tomo 8.º).

Um dos folhêtos, sob o titulo *Os litteratos de Lisboa*, inculca-se «poemeto», mas não passa de uma infeliz sátira.

A paródia ao poema de Pinheiro Chagas foi publicada no n.º 289 e seguintes da *Liberdade*, jornal de Coímbra (1865 a 1866).

Nunca a pude vêr.

PENA DE TALIÃO, poema herói-comico em 5 cantos, por Alberto Pimentel. Famalicão, Tip. Minerva, 1913.

Juizos emitidos pela imprensa:

O *Seculo* em 1 de Abril de 1914:

«PENA DE TALIÃO» por
Alberto Pimentel.

«Iamos começar assim esta notícia: «Este velho escritor...» Mas teremos nós direito a chamar-lhe velho só porque encaneceu e quando a sua musa faceta nos aparece toucada de louçanias reveladoras de uma robusta mocidade? Não, não temos esse direito.

Barros Lobo disse um dia de Pinheiro Chagas: «velho não; é apenas o mais velho de nós, os rapazes». O mesmo se deve dizer de Alberto Pimentel. A velhice implica um certo numero de coisas que baldadamente procuraremos n'este escritor tão elegante como terso.

«N'uma epoca de rapazes rabugentos como a nossa, dá gosto ler um livro escrito por este homem

de cabelos brancos. Ele nunca perde a bonhomia, o feitio amavel. E representando a sua vasta obra um trabalho imenso de investigação e de estudo, Pimentel nunca teve o ar impertinente de ensinar á gente qualquer coisa. Comtudo poucos escritores portugueses terão prestado serviços de critica historica e de informação varia como Alberto Pimentel e nenhum o excedeu em probidade.

«Ele ministrou a duas gerações conhecimentos sôbre factos e pessoas, que só se obteriam, se se obtivessem, com o trabalho incessante de muitos anos. E condensou todo esse cabedal em volumes de uma linguagem soberba, amenisando, com as suas brilhantes qualidades de escritor elegante e antigo padre-mestre do folhetim, materia que teria feito adormecer o menos dorminhoco quando tratada por outros. É ver esse belo livro «As amantes de D. João V». É ver a «Vida mundana de um frade virtuoso». É... Mas para que insistir? Não se concebe que um português culto desconheça uma grande parte da obra de Albero Pimentel.

Ainda ha pouco registamos em poucas linhas o aparecimento de um livro seu, cujo titulo não nos ocorre, sobre a desventurada D. Ana Placido, a mulher de Camilo Castelo Branco. E já hoje nos aparece um outro, «Pena de Talião», poema heroe-comico.

«O heroe d'este poema é o ilustre Antonio Diniz da Cruz e Silva, autor do «Hissope». Como se sabe, Antonio Diniz satirizou no seu poema um conflito de etiqueta entre o bispo de Elvas, D. Lourenço de Len-

*

castre, e o respectivo deão, José Carlos de Lara. Ora, mais tarde, indo Diniz ao Brazil, em 1776, como desembargador da Relação do Rio de Janeiro, ali tomou parte, com outros seus colegas, contra o vice-rei Luiz de Vasconcelos e Sousa, n'uma analoga dissensão de etiqueta, qual foi a de precedencia de logares nas receções de grande gala.

«O facto, fundamentalmente autenticado em documentos irrecusaveis, deu azo ao novo trabalho de Alberto Pimentel.

«D'aqui o titulo «Pena de Talião».

«O poema, em cinco cantos, é atravessado por uma corrente de comunicativo bom humor, que leva o leitor até á última página sem interrupção. Tecnicamente é de absoluta perfeição. E da linguagem seria ocioso falar. Alberto Pimentel é daqueles escritores a quem o português não deve ofensas ou judiarias».

Diario de Noticias em 5 de abril de 1914:

«Pena de Talião» — Poema Herói-Comico, de *Alberto Pimentel:*

«Quando ha tempos lemos um interessante trabalho sobre Camillo, em que principalmente se punha em destaque a nobre e infortunada figura de D. Anna Placido, a companheira do genial autor do *Amor de Perdição,* trabalho firmado por Alberto Pimentel, que

tão de perto conheceu e apreciou o solitario de São Miguel de Seide, felicitamo-nos por ver restituido ao labor literario um escritor dos mais fecundos da nossa terra e que, como folhetinista, critico, romancista e investigador historico, afirmara durante largos anos os primores dum dos talentos dos mais ducteis e maleaveis que temos conhecido. Hoje cabe-nos o dever de consagrar algumas linhas a uma outra obra sua, que bem demonstra a facilidade com que as suas faculdades se ajustam e brilham nos mais diversos generos. Todos conhecem o precioso poema herói-comico de Antonio Diniz da Cruz e Silva, em que Elpino, vulto dos mais celebrados da Arcadia, contou as brigas do bispo de Elvas e do seu deão José Carlos de Lara, motivadas por uma ridicula questão de pragmatica. Pois o poeta satirico, que tanto ridiculo acarretou sobre as memorias do bispo e do deão, mais tarde, no Brasil, deixou-se dominar tambem por orgulhos e prosapias e provou que no melhor pano cai a nódoa. Sendo desembargador da Relação do Rio de Janeiro, tomou parte com outros seus colegas numa ruidosa divergencia com o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa. Essa divergencia, originada tambem por uma dissenção de etiqueta, está autenticada por documentos irrecusaveis e constitue o assunto do poema herói-comico do sr. Alberto Pimentel e a que o autor com felicidade e acerto poz o nome de *Pena de Talião*. Para mais o amenisar, o autor introduziu-lhe um verosimil trama galante, que justifica ostensivamente a causa do conflito e lhe permite assim reme-

diar o defeito do *Hissope*, que por falta de intriga amorosa é por vezes arido e frio.

«O distinto escritor, que dispõe duma fina e apurada sensibilidade literaria, escreveu o seu poema em versos rimados, não usando portanto o verso solto ou branco empregado na obra de Antonio Diniz. Justifica ele exuberantemente o seu proceder com as seguintes palavras: «Em primeiro lugar, eu não tive a louca pretensão de emparelhar com o *Hyssope*. Em segundo lugar, entendo que o verso branco só trabalhado magistralmente como o de Garrett, se podia aturar ha cincoenta anos, e que hoje, ainda quando feito em boas condições, que eu não possuo, de tecnica feliz, deixa no espirito do leitor uma desconsolada impressão de estética incompleta ou de monotona insuficiência melódica».

«E acrescenta, fundamentando ainda melhor o seu parecer, «que a rima é a chave sonora que fecha a linha ritmica do verso e contribue pela riqueza de euritmia para o brilho sinfonico da expressão metrificada».

«A *Pena de Talião* lê-se com indizivel prazer. A acção é graciosa, os personagens estão bem desenhados, a impressão de graça e a do ridiculo resultam naturalmente dos episodios e não do esforço ou exagero do autor e para mais se valorisar esse belo volume fecha com uma serie de notas muito interessantes, algumas das quais são suficientes para se avaliar do escrupulo com que o sr. Alberto Pimentel procede em todos os seus trabalhos e da sua larga erudição

e preciosos dotes de investigador. Oxalá que ele não esmoreça neste novo periodo dum verdadeiro resurgimento literario e nos continue a dar mais provas do seu estudo e solida ilustração».

A *Capital* em 5 de março de 1914:

«Alberto Pimentel, do *Instituto historico e geographico brazileiro,* publicou um poema heroe-comico, em cinco cantos — *Pena de talião* — que visa a applicar ao auctor do *Hissope* o mesmo tratamento que elle applicou, em verso mordaz, ao bispo de Elvas e ao seu deão. Não se pode dizer que a musa de Boileau o inspirasse. Todavia, lê-se facilmente, porque as rimas correm ligeiras e lepidas, como as arveloas em terra fresca. Para Alberto Pimentel nos poder dar uma replica digna do seu heroe seria necessario que possuisse o temperamento de um satirista. E como o não tem, o seu poema indica tão sómente um escriptor cheio de recursos que, embora n'um genero litterario ingrato, sabe aguentar-se».

PERODANA, ou o consiliabulo (sic) dos periódicos, poema herói-comico por José Anselmo Correia Henriques. Veneza, 1819.

Inocêncio apenas acrescenta a esta sucinta indicação bibliográfica — que o poema abrange 40 pág. em 8.º.

Mas o sr. capitão Ferreira de Lima possui uma cópia, que me facultou e eu examinei.

A cópia é manuscrita, talvez autógrafa, porque não suponho que outra pessoa, além do autor, tivesse a paciência precisa para caligrafar com esmêro uma tão enfadonha sensaboria.

Correia Henriques atira-se aos periodistas em geral, e a alguns em especial, como Santiago aos mouros.

> Canto da Inepcia o Reino tenebioso;
> Cantarei burrical, negra matilha
> De valentes, acérrimos Quixotes,
> Gentes, que sem moral e sem vergonha,
> À Sandice proclama em toda a parte;
> Egregios papelões de novidades.

E, para isto, pede êle à musa «sublimado metro» e «estilo novo».

A Musa fez ouvidos de mercador e não andou mal.

Toda a acção é froixa e difusa, e o verso solto... até por vezes na linguagem.

A deusa Perodana presidia ao concílio dos periodistas

> Num alto throno feito de palitos

e, para os glorificar, ordenou que trouxessem à sua presença o arquivo das sandices jornalísticas, a que seriam feitas jucundas saudações.

Mas Apolo, indignado, expediu do Olimpo um fatal raio,

Que o Archivo abrasou da papelada,
E subito transforma em labaredas
Os infames jornaes de vil leitura.

Suspeito que o arquivo já deve estar outra vez cheio.

Vide *Charlatanismo.*

PINHEIRADA poema historico-burlesco, etc. Braga, 1888.

O herói dêste poema era o professor do liceu de Braga Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo, e o autor foi o dr. Pereira Caldas, também professor do mesmo liceu.

As 19 pág. do folhêto compreendem apenas o 1.º canto, em 36 estâncias.

Pereira Caldas não continuou o poema, e fez bem.

Diz êle que o começara a compôr por solicitações de amigos. Mas tratava-se de um colega, embora pouco simpático, e melhor seria ter afastado da sua banca de erudito um assunto violentamente pessoal.

Conheci muito bem tanto o herói como o autor do poema.

Por isso acho exactíssimo êste retrato do protagonista da *Pinheirada,* desenhado por um seu antigo discípulo:

«Por esse tempo Manuel Pinheiro era o homem do Lyceu.

«De compleição rija e estatura elevada, se bem que

algo giboso e tramblazana, rosto magro e comprido, encaixilhado em farta marrafa de cabellos negros e barba de passa qualquer coisa, nariz adunco e traços energicos, vivaz, saccudido, importante, eminente, e sobretudo fallador inexgotável na cadeira e fóra.

«Era das bandas de Vizeu, e de lá veio para mestre de latim em Vianna, disciplina em que fôra muito versado, segunda corria fama. De Vianna passou ao Lyceu de Braga na qualidade de professor de philosophia racional e moral, como então se dizia. Deu a trabalhar com affinco, e a forragear por *Laromiguière* e *Victor Cousin* umas apostilas ao *Genuense*, que publicou mais tarde, refundiu e completou.

«Estas lucubrações, e um pouco tambem o seu humor acre e genio atrabiliário, valeram-lhe umas críticas e não poucos dissabores, com que grandemente se amofinava.

«Para maior quesilia, os criticos eram dois moços mal saidos dos bancos do Lyceu: José Marnoco, que morreu abbade de Souzellas, discutiu-lhe o valor da doutrina metaphysica; e Gabriel Pereira de Castro, depois jesuita, castigou-lhe a linguagem das «Apostilas», crivada de gallicismos.

«Outros, (e Deus tenha perdoado a todos, que já lá estão), martirisaram-no deshumanamente e durante annos, de modo indecoroso e por vezes cruel.

«Não obstante, luctando e trabalhando sempre, viu approvados para o ensino os seus livros e abertas as portas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, cuja farda agaloada e demais aprestos, espadim e chapeu

emplumado, ostentava com toda a correcção nos solemnes *Te-Deums* da Sé.

«Afinal com a jubilação e os achaques da velhice caiu de repente na obscuridade, a ponto da sua morte ter um dos mais pobres saimentos que tenho visto n'uma cidade!»

Com saudosa persistência fica sempre na memória dos discípulos a figura dos professores.

POEMETO HEROI-COMICO. Incompleto (apenas três cantos em oitava-rima) incluido nos *Ultimos versos,* — Porto, 1907 — livro póstumo de Augusto Luso da Silva.

O autor, que por largos anos exerceu o magistério no Liceu Nacional do Pôrto, ocupa-se nesta composição de assuntos e pessoas do mesmo liceu, então sob a reitoria do dr. Francisco Martins, lente da Universidade, cuja orientação lhe parecia reaccionária, posto que apoiada por alguns dos professores.

Àquele e a estes celebra no poemeto.

> Se os não posso louvar como convinha,
> Cantá-los-hei ao som de campainha.

Augusto Luso, espírito muito culto e professor insinuante, ia adiantado em anos, e esta composição é mais filha da amargura que lhe causara o ter sido afastado do magistério, que de qualquer tendência de combatividade cáustica em que aliás não estava exercitada a sua aptidão poética.

POLIFEMO E GALATEA por Jacinto Freire de Andrade no tomo 3.º da *Fenix Renascida.*

Mencionamos esta composição não porque seja pròpriamente um poema herói-cómico, mas porque foi escrita numa intenção de paródia a essa chilra inundação de *Polifemos* seiscentistas, que tiveram como pai o *Polifemo* de Gongora.

PORTUGAL, PEDRO, PEDREIRADA. Poema. Lusiada do avesso. Composto no ano de 1840. Manuscrito, que no catálogo da livraria Fernandes Tomás tem o n.º 6117, e a seguinte rubrica: *Muito curioso. Inédito.*

A indicação «Lusíada do avêsso» é o único fundamento que tenho para supôr que seja um poema herói-cómico.

PUNDONORES (OS) desagravados, poemeto em duas partes, offerecido aos Academicos Portuenses. — Porto, 1845.

Êste poema herói-cómico é de Camilo Castelo Branco.

Na 1.ª edição, hoje muito rara, saiu anónimo, mas foi reïmpresso no mesmo ano, conjuntamente com o *Juizo Final,* e então apareceram no frontispício as iniciais do autor — C. F. B. C. Branco (Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco).

É uma produção de estudante, escrita ao correr da pena para celebrar o duelo em que foram conten-

dores N (que julgo ser Novais Vieira ou *Novais dos óculos* e A (Arnaud).

Parece que por esse tempo houve no Pôrto outro duelo entre o marquês de Chardonnais e Passos Pimentel, o que deu causa a que Vieira de Castro, na *Biografia* de Camilo, se equivocasse identificando êste duelo com aquele.

Camilo não se limitou a satirizar em verso o duelo de A e N; também pôs a sátira em acção para ridicularizar a mania dos duelos, que ameaçava perturbar a vida pacìficamente burguesa do Pôrto.

Foi o caso que êle e o estudante Freitas Barros resolveram realizar no então solitário lugar da Tôrre da Marca um duelo-paródia, que teve hilariante notoriedade. Mas voltemos aos *Pundonores desagravados*, crónica metrificada do duelo entre N e A.

Camilo principia dizendo:

Eu canto dous heroes, cujas façanhas
Virgilio não cantou, nem inda Homero:
Legitimos heroes que o Porto habitam,
Aonde excelsos feitos, sempiternos,
Excedem os n'outr'ora praticados
Em Frigia, ou em Carthago, em Roma ou Grecia, etc.

Nem êste poemeto nem o *Juizo Final* faziam crer que estivesse no seu autor o embrião literário dum escritor eminente, tal como Camilo foi.

A Parceria António Maria Pereira fez uma reprodução zincográfica da 1.ª edição (1845) dos *Pundonores desagravados*, sendo de 60 exemplares a tiragem.

Q

QUERCULANAIDA, poema allegorico, por hum Vinagrista da terra dos vinagres. Lisboa, na Imprensa Nacional, 1822. 8.º de 64 paginas.

Inocêncio (no tomo 7.º, pág. 37 do *Dic. Bibl.*) dá as seguintes indicações:

«A fabula ou acção d'este, hoje pouco menos que ignorado, poema (com pretenções a heroi-comico, em quatro cantos de versos hendecasyllabos soltos) é o estabelecimento allegorisado da Companhia dos Vinhos do Alto-Douro, emprehendido, segundo diz o auctor, no *anno da hegira* 1134 (1757 da era vulgar) pelo visir *Querculano,* isto é, pelo depois marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho, cujo appellido em latim é *Quercus,* como se sabe. Creio não enganar-me affirmando que esta composição é de Antonio Lobo Teixeira Ferreira Girão (veja no *Diccionario,* tomo I, pag. 184) então e sempre um dos maiores adversarios da Companhia. Pelo menos é certo haver sido elle quem o mandou imprimir na Imprensa Nacional, e pagou a respectiva despeza, o que verifiquei por assento que d'isso existe no livro competente».

A pessoa acima indicada veio a ser, anos depois, 1.º visconde de Vilarinho de S. Romão, e o seu nome todo era António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão.

Adoptou no poema o criptónimo — Vinagrista — por ser esta a denominação irónica que a Companhia dava aos seus adversários.

No tomo 8.º do *Diccionario* (1.º do *Suppl.*) diz Inocêncio: «Creio que sem a minima duvida pode attribuir-se-lhe (a Girão) a composição do poema heroi-comico *Querculanaida*».

Contudo não devo omitir que na *Noticia biographica* daquele titular, escrita por seu sobrinho António Luís Ferreira Girão, e publicada pela casa Moré no Pôrto em 1870, se nos deparou a relação das suas obras «publicadas e inéditas» incluindo as traduções de Boileau, *Estante do côro* e *Satyra do homem*, sem que nela se faça menção alguma da *Querculanaida*.

Eu não concordo em que êste poema tenha pretenções a herói-cómico, e muito menos em que o seja.

É alegórico, não há dúvida: mas foi escrito para despertar indignação, e não hilaridade, contra a Companhia dos Vinhos do Alto Douro, pondo em relêvo — e até querendo atingir às vezes uma sentimentalidade trágica — os tumultos a que a sua fundação deu causa e foram severamente punidos por Sebastião José de Carvalho.

Esta nota final concorda com o diapasão geral do poema:

> Eis do protervo monstro [1] a sua origem:
> Do despotismo he filho e seu herdeiro,
> He dos demonios mimo e prenda cara,

[1] A Companhia.

He, finalmente, hum cancro terrivel
Que devemos curar com ferro e fogo.

E nós devemos dizer que todo o poema é uma sensaboria... alegórica.

QUIXOTADA ou vida de D. Fr. Caetano Brandão, arcebispo de Braga.

Êste título parece prometer um poema herói-cómico. Não é assim, porém. Trata-se de uma sátira violenta, revoltante, injustíssima contra aquele venerando prelado bracarense, de cujas virtudes há hoje pleno e certo conhecimento e cujo nome será eternamente abençoado pela memória dos povos e pelo consenso dos historiadores.

Mas D. Frei Caetano Brandão, constrangido a aceitar a mitra do Pará e depois o báculo do arcebispado primaz de Braga, foi perseguido durante a vida ùnicamente por aqueles que, inveterados em antigos abusos e escândalos, não queriam sofrer advertência nem correcção.

Estava nêste caso a classe eclesiástica, incluindo o próprio cabido da sé arquiepiscopal. Entre o clero, talvez entre as mesmas dignidades capitulares, deve ter vegetado anònimamente o miserável autor da sátira.

Não cabe ela no programa que nos propusemos. Por isso, e até pelo seu carácter odioso, a deixaríamos no escuro dos panfletos imundos, se não a conhecessemos por uma cópia manuscrita em que concorrem especiais circunstâncias bibliográficas.

A referida cópia é toda do punho de Inocêncio Francisco da Silva, que a concluiu e rubricou no dia 18 de Março de 1849.

Escrevendo uma série de artigos àcerca de D. Frei Caetano Brandão (*Archivo pittoresco*, vol. 8.º — 1868), Inocêncio refere-se às «satyras injuriosas e libellos infames», que eram clandestinamente espalhados contra o benemérito antístite, menciona aquela sátira e acrescenta por anotação: «Possuimos entre os nossos manuscriptos uma cópia da *Quixotada*, que é um aggregado de cincoenta e quatro decimas octosyllabas, em que se propalam contra o virtuoso prelado as mais atrozes calumnias».

A mesma cópia, que Inocêncio tirou e possuiu, pertence hoje ao nosso amigo sr. Henrique Marques, o qual obsequiosamente no-la facultou.

R

RAPHAELEIDA (A).

Trindade Coelho *(In illo tempore)* faz referência a êste poema, composto em 300 versos pelo estudante de direito Alfredo da Cunha, que depois foi proprietário e director do *Diário de Notícias*.

O herói era Rafael Rodrigues Correia, a quem os condiscípulos chamavam o *Avô do curso*, por ser o mais velho de todos êles.

RATOS (OS) da alfandega de Pantana, poema burlesco em 8 cantos, dedicado a todas as alfandegas do Universo, por J. M. P.—Pòrto, Typ. da Revista, 1849.

Aquelas três iniciais não correspondem à verdade do nome do autor, que foi Camilo Aureliano da Silva e Sousa, o qual eu ainda conheci procurador régio junto da Relação do Pôrto.

Era homem de inclinações literárias, traduziu alguns romances estrangeiros e foi o editor da *Anti-Catastrophe.*

Nos últimos anos da vida dedicava-se muito à floricultura e colaborou largamente no *Jornal de horticultura pratica.*

O assunto do poema são as irregularidades que, segundo corria, inquinavam a administração da alfândega do Pôrto, cujo director era o barão de S. Lourenço (de Asmes, concelho de Valongo).

A essas irregularidades se referia insistentemente a imprensa portuense designando-as pela expressão pipitoresca de — ratos da Alfândega.

Por decreto de 5 de outubro de 1849 foi nomeada uma comissão de inquérito à alfândega do Pôrto e do seu relatório se vê que não menos de 5:000 pipas de vinho sairam pela barra do Douro sem que os respectivos direitos aduaneiros fôssem pagos.

Segundo esta nota oficial, a voz do povo tinha razão, e o poeta também.

Explicando o título da sua obra diz o autor no prólogo: «Os Empregados da Alfândega de Pantana também são por consequência Ratos, Ratões, e Rata-

zanas: são as suas proezas, e a maneira por que ali fazem os despachos das mercadorias importadas, que formam o objecto do presente poema».

E no 1.º canto propõe o assunto dizendo:

Os Ratos e os Ratões assignalados
Da Alfandega famosa de Pantana;
(Que é covil de larapios e *quebrados*
E terra mui chegada à Lusitana),
Seus feitos até hoje não cantados,
Sua por oiro insaciavel gana,
Em verso levarei á luz do dia,
Deitando abaixo toda a livraria.

O poema tem graça, sobretudo para quem, como eu, pode penetrar o sentido de todas as alusões pessoais. Trata-se do Pôrto da minha infância, e de gente que eu ainda conheci — pelo menos de nome ou de vista.

Nos poemas herói-cómicos fazem muita falta as notas explicativas; mas neste compreende-se a ausência delas melhor que em nenhum outro.

Algumas das personagens que figuram nos *Ratos* entram também nas *Commendas*. (Vide esta palavra).

Ainda quero dizer, sôbre o assunto do poema, que uma página da escandalosa crónica dos roubos na alfândega do Pôrto pode ser lida no periódico *O Tripeiro* n.º 24 de 20 de fevereiro de 1909, pág. 82, col. 1.ª.

Quanto ao autor do poema, li no catálogo da biblioteca de António Moreira Cabral (2.ª parte, Porto, 1909, pág. 490) a seguinte nota bibliográfica a

*

respeito de *Os ratos da alfandega:* «Apenas há hoje dous homens que sabem do facto, de ser autor deste poema, o Dr. Camillo Aureliano da Silva e Souza, que morreu Desembargador do Porto; por terem sido da intimidade dele, e assistirem à revisão das provas».

Eu soube-o há já longos anos, porque mo disse o sr. D. António Aires, então bispo de Betesaida e depois arcebispo de Calcedónia.

De modo que se s. ex.ª não foi uma daquelas duas pessoas, eram três e não duas como afirma categòricamente a nota.

Não me contou o sr. D. António que tivesse assistido à revisão das provas, mas assegurou-me de sciência certa que o autor tinha sido Camilo Aureliano, seu patrício e seu amigo íntimo.

RATOS (OS) da inquisição, poema inedito do judeu portuguez Antonio Serrão de Crasto, prefaciado por Camillo Castello Branco. Porto, 1883.

O assunto dêste poema, composto em décimas no cárcere da Inquisição de Lisboa, são os ratos que infestavam a cela do autor.

«O poema de Serrão — diz Camilo — é monotono. Elle explora tudo o que os ratos lhe podiam fornecer de imagens comicas. Deram-lhe muitas, mas deficientes para colorirem variadamente a grande tela que desenrolou no seu calabouço. O desgraçado agarrava-se àquella idea burlesca para salvar-se de si mesmo».

É monótono, sim, e além disto, eivado de ressaibos do século XVII, o que lhe aumenta a monotonia; mas

tem o raro valor de ser um poema herói-cómico escrito com lágrimas entre as garras da Inquisição.

*REINO (O) da Estupidez, poema heroi-comico em quatro cantos, de ***.*

Atribui-se geralmente êste poema ao português-brasileiro Francisco de Melo Franco, natural de Peracatu, bispado de Pernambuco, onde nasceu em 1757.

Diz-se também que tivera por colaborador o seu patrício e amigo José Bonifácio de Andrade e Silva.

É esta a opinião de Teófilo Braga *(Hist. da Univ.)* que repele a hipótese da colaboração de Francisco José de Almeida, admitida aliás por José Agostinho de Macedo nos *Burros*.

Melo Franco veio à metrópole para cursar a faculdade de medicina em Coímbra e, quando estudante, foi denunciado à Inquisição como hereje: por êste motivo saíu no auto de fé que se realizou naquela cidade a 26 de agosto de 1781 e depois sofreu a pena de reclusão no convento de Rilhafoles, em Lisboa.

Conseguindo readquirir a liberdade, voltou a concluir o seu curso em Coímbra. Mas não ia alquebrado de ánimo; pelo contrário, procurou vingar-se dos seus perseguidores conimbricenses divulgando contra êles, por cópias manuscritas, um poema herói-cómico, em tão cauteloso mistério compôsto e espalhado [1], que a muitos foi atribuído, menos ao verdadeiro autor.

1 O poema foi compôsto em 15 dias, e subreptìciamente distribuído por ocasião duma solenidade universitária.

Os lentes e outras pessoas que o *Reino da Estupidez* atingia, quiseram por sua parte desafrontar-se: e daqui nasceram várias réplicas satíricas, as quais felizmente erraram o sobrescrito, pois ninguém suspeitava de Melo Franco nem de José Bonifácio. — Vide *Zêlo (O)*.

E enquanto os atingidos no poema barafustavam e queriam descobrir quem era o autor, êste, muito bem encapotado no seu impenetrável anonimato, ria dêles e ia-os de novo tosando num quinto canto, que se conserva ainda inédito, e cuja existência foi revelada por Teófilo Braga.

A 1.ª edição do poema viu a luz pública no ano de 1819, em Paris, onde também se estampou a 2.ª edição em 1821, assim como a 4.ª, que faz parte do tom. VI *(Satyricos Portuguezes)* do *Parnaso Lusitano* (1834); a 3.ª edição é de Lisboa (1833), impressa na oficina de João Nunes Esteves; a 5.ª é de Barcelos (1868) e saiu da tipografia da *Aurora do Cávado* por iniciativa e a expensas do dr. Rodrigo Veloso; a 6.ª é do Rio de Janeiro, (1910), na 2.ª edição dos *Satyricos Portuguezes* [1].

O *Reino da Estupidez*, escrito em verso sôlto, é um poema interessante: nisto sinto discordar de dois brasileiros ilustres: Silvio Romero e João Ribeiro.

A Estupidez, querendo fundar um reino, vai esta-

1 Ùltimamente o *Archivo do bibliôphilo* (n.º 19) denunciou a existência de mais uma edição, feita em 1822, mas com o título *A Estupidez em três cantos*.

belecer-se em Coímbra, onde logra ser recebida com grandes festas pelos doutores e pela cidade. A chegada da Estupidez e a sua recepção no meio de ruidosas aclamações e com solene pompa, constitui a matéria do último canto, seguramente o melhor.

Fica-se com pena de que o poema não seja mais extenso, quando fácil seria ao autor e ao seu auxiliar, se o teve, continuarem-no durante muitos outros cantos, pois que nem a matéria nem a graça lhes faltavam.

Assim, havemos de contentar-nos com vêr que a Estupidez, satisfeita da vassalagem entusiàsticamente prestada pelos capêlos mais caturras e improgressivos, os abençoou e prometeu não os abandonar no futuro:

> Eu gostosa vos lanço a minha benção;
> Continuai, como sois, a ser bons Filhos,
> Que a mesma, que hoje sou, hei-de ser sempre.

O escândalo produzido pela divulgação do *Reino da Estupidez* propagou-se de Coímbra a Lisboa, onde também as opiniões se dividiram.

O Lobo da Madragôa foi um dos poetas mordazes, que na capital mais violentamente investiram contra o poema. (Veja-se o soneto XCIX nas suas *Poesias*).

REVOLUÇÃO (A) poema heroi-comico em 6 cantos, e oitava-rima. Pariz, 1850.

Êste poema (que suponho não ter sido impresso em Paris, mas no Pôrto) canta a agitação revolucionária desta cidade depois do «golpe de Estado» de

1846 e o seu ali principal fautor, José da Silva Passos, que trata por — Zé de Bouças — pois que tanto êle como o irmão, Passos Manuel, nasceram em Bouças de Matozinhos.

O famoso varão, que aventureiro,
Sentindo d'Ambição a tesa espora,
Lidou por occupar alto poleiro,
No espaço imaginário, sem escóra;
E que infeliz tombou ao chão rasteiro,
Depois de trabalhar, como uma nóra;
Cantarei, como saiba, e como possa,
Segundo a minha Musa, fina, ou grossa.

José Passos foi, não há dúvida, um grande agitador político e poderoso auxiliar de seu irmão na revolução e na junta do Pôrto.

O poema atribui-lhe o fermento da revolução no Minho, como núcleo de propagação do movimento patulea, que aliás se não pode lançar ùnicamente à responsabilidade de José Passos.

Oh Maria da Fonte! Oh regateira!
Vã plebe! Que comeste a patarata,
De que a lei tributaria era uma asneira,
Que vos levava as casas, bois e mata,
Em venda ou hypotheca sorrateira,
Ao paiz da cerveja, e da batata!
Que entrastes faceis na loucura pessima
Que as tranças mulheris pagavão decima!
. . . . . .
Fui só eu [1], que mechi a tanto estulto
As molas, com que armei a contradança.

1 José Passos.

Um dos episódios mais interessantes da revolução do Pôrto foi a reclusão do Duque da Terceira no castelo da Foz.

A tradição diz ter sido António Navarro quem prendeu o Duque, e o poema duas vezes se refere a êste incidente na estância 55 do canto I e na estância 38 do canto VI.

Contudo, no livro *Traços de historia contemporanea* (Pôrto, 1880) que o sr. António Teixeira de Macedo escreveu sôbre notas deixadas por Manuel e José Passos, apenas se lê a êste respeito que tinha o patriota António Navarro, entrando na sala (do conde de Terena), «declarado ao duque, que o povo exigia que êle fosse preso para os paços do concelho».

Isto não significa o mesmo que ter-lhe dado, pessoalmente, voz de prisão.

Perante a atitude hostil do povo, o próprio Duque, que não pôde embarcar, conveio em se deixar conduzir ao castelo da Foz, para maior segurança de sua pessoa, que sempre José Passos protegera nobremente.

Eis aqui um caso a averiguar; apenas por incidente a êle me refiro.

O poema *A Revolução* é, pois, uma sátira política, de regular merecimento literário.

Tempo depois de escrito êste artigo li a seguinte passagem do discurso proferido pelo Duque de Terceira, na câmara dos Pares, em 5 de fevereiro de 1848:

«No entanto o povo continuava não só a aproximar-se da casa onde eu estava (*o palacio dos Terenas na Tôrre da Marca*), mas já muitos invadiam a mesma

casa, e nessa occasião um individuo, *pessoa muito capaz, e de uma particular educação,* um celebre Navarro, um famigerado *miguelista,* entrando sem decoro na sala onde eu estava, me disse gritando com insolencia: — Eu sou representante do povo, e em nome desse povo venho dizer a V. Ex.ª que saia já e quanto antes desta casa, e venha para as casas da Camara, onde será bem tratado, aliás irá para o Castelo da Foz — por unica resposta ordenei-lhe que se retirasse imediatamente, e voltei-lhe as costas.»

ROBERTO ou a dominação dos agiotas, poema heroi-comico por Manoel Roussado — Parodia ao notavel poema de Thomaz Ribeiro «D. Jayme ou a dominação de Castella» — Lisboa, 1862.

O autor — depois barão de Roussado [1], e residente no estrangeiro como cônsul de Portugal — já anteriormente tinha dado provas de humorismo no folhetim e no verso, de modo que estava muito mais à vontade do que Guilherme Braga no *Mal da Delfina,* posto Guilherme Braga fôsse, como poeta, muito superior a Roussado.

O poema é precedido por uma carta de Tomás Ribeiro, carta de aplauso, sim, mas lacónica e transparente: vê-se que o autor do *D. Jayme,* conquanto não gostasse muito de se vêr parodiado, se refugiava na ideia consoladora de que «não se parodiam senão as obras notaveis.»

1 Faleceu em Inglaterra no dia 22 de dezembro de 1909.

Todavia entre Tomás Ribeiro, Manuel Roussado e Guilherme Braga as relações pessoais foram sempre amistosas.

Nem havia motivo para o contrário.

RODRIGO (D.), poema epico (por antifrase). Lisboa, 1838 — 2.ª edição, Porto, 1852.

É uma sátira violenta contra Rodrigo da Fonseca Magalhães, que já então havia sido ministro pela primeira vez, e cuja vida é acompanhada passo a passo pelo autor do poema durante os únicos três cantos que foram impressos.

A forma estrófica é uniforme: uma seqüência ininterrupta de décimas.

A paternidade dêste poema foi atribuída ao barão de Ribeira de Sabrosa (Rodrigo Pinto Pizarro de Almeida Carvalhais), ao visconde de Almeida Garrett e ainda a outra pessoa, cujo nome Inocêncio não pôde recordar *(Dicc. Bibl.*, vol. 7.º, pág. 165).

Êste bibliógrafo inclina-se para a primeira hipótese.

Eu não posso asseverar que o autor fôsse Rodrigo Pizarro; mas o que assevero, com a maior convicção, é que não foi Garrett.

Nada, neste poema, revela a sua individualidade literária, ainda quando êle tivesse procurado disfarçá-la: «*chassez le naturel, il revient au galop.*»

Não obstante já vi num catálogo de livreiro atribuir-se *D. Rodrigo* a Garrett, por simples especulação.

O texto é ilustrado com 26 notas finais.

S

SALDANHEIDA (A).

Comunicação do meu ilustrado amigo sr. capitão de artilharia Henrique de Campos Ferreira Lima:

«Folheando um jornal da época da Patuleia *O Nacional* encontrei no n.º 98 de 1 de maio de 1847 a indicação d'um poema heroe-comico intitulado a *Saldanheida.* N'este numero reproduz-se um fragmento com o titulo — Ponte Monumental — e no fim vem a declaração — Transcrito da «Estrela do Norte». Teria ficado só n'este fragmento este poema ou ter-se-hia publicado mais? Sào perguntas a que não sei responder.

«As indicações do jornal sào as seguintes—A ponte monumental — Fragmento da Saldanheida (Poema heroe-comico inedito) — Cesse tudo o que a antiga musa canta. Camões. — É em verso sôlto e principia assim:

Já d'Oliveira nos extensos valles
Saldanhista clarim desperta os eccos,
Aos magotes, aos ranchos como as cabras
Chegando vem *as invenciveis* tropas;
E ás c'ronhadas, que é meio mui *cartista,*
Vão fazendo os quarteis, porque precisam
Uns dias repousar da *extensa* marcha,
Que das terras *longinquas* lá do Vouga,

Onde *apenas* dous mezes descançaram,
(Tanta era a pressa d'atacar o Porto)
As trouxera tê-li com grande custo.

Renovo aqui os meus agradecimentos por esta solícita comunicação.

SANTARENAIDA, poema eroi-comico de Francisco de Paula de Figueiredo. Coimbra, 1792.

O autor dêste poema foi natural de Aveiro, formou-se em cânones na Universidade de Coímbra, e exerceu o ministério do púlpito no Pôrto.

A *Santarenaida*, escrita (em ortografia sónica) aos 24 anos de idade, não lhe dá honra nem glória.

O herói do poema é um taberneiro de Coímbra chamado José Rodrigues Santareno, grande campeão de Baco nas guerras de predomínio travadas entre êste deus e Netuno.

Sendo invencível no campo de batalha, o Santareno sucumbe, por um ardil dos seus adversários, depois de ter bebido imprudentemente uma tarraçada de água, na romaria do Espírito Santo em Santo António dos Olivais.

O poema, compôsto em oito cantos e verso sôlto, é monótono, chega a ser cansativo, porque não sai das prolongadas contendas entre Baco e Netuno, assunto que Alexandre António de Lima tratou com mais animação na *Benteida*.

O único episódio de algum valor etológico é a descrição da romaria em Santo António dos Olivais.

SAPATOS DE SETIM AZUL FERRETE: Poema heroi-comico em 6 cantos, por um Hortelão do *Helicon. Dedicado á ex.ma sr.a D. Isabel Bernarda Xavier de Moura Latre, religiosa no convento de Santa Clara de Santarem — 1767.*

O autor é João Pedro Xavier do Monte. Veja-se o que dizemos a seu respeito no artigo *Chumacinho furtado.*

Cada um dos 6 cantos compreende 50 oitavas.

Proposição do assunto:

De uma distincta freira e engraçada
Medito, e canto as raras aventuras:
De Isabel, por qnem fôra excogitada
Decencia entre a reforma, e as loucuras:
D'essa, que por não ser mal reputada,
E para não seguir certas verduras,
Muitas vezes suou pelo topete,
Por calçar de setim azul-ferrete.

Vide *Logração da Prelasia.*

T

TABAQUINHO.

Era o título que José Baptista Gastão [1], antigo jornalista e redactor em chefe do *Diário da Câmara dos*

1 Pai de Gastão da Fonseca, a quem nos referimos sob a rubrica *Paes (Os) da Mãe Patria.*

Deputados, tencionava dar a um poema herói-cómico, do qual apenas chegou a compôr um canto.

J. B. Gastão nascera em 1791, no sítio da Nazaré, e faleceu em Lisboa no ano de 1879.

TOIROS (OS) poema heroe-comico, por Antonio Joaquim de Carvalho. Lisboa, 1796.

Em 1825 fez-se outra edição, também em 8.º.

Não deixa de causar estranheza que o seu autor, António Joaquim de Carvalho, o qual, se não era alfacinha, viveu em Lisboa, onde exerceu a profissão de cabeleireiro e depois a de mestre de dança, ousasse meter a ridículo — demais a mais com graça — a paixão tauromáquica dos lisboetas.

Bem sei que Lisboa gosta de rir, mais que a província; mas parece que sempre lhe ficou algum espinho, dêste poema, pois chegou até nós o boato, espalhado talvez num sentido depreciativo, de que o poema, por ser bom, fôra retocado por Curvo Semedo.

Eu não conheço todas as obras de Carvalho, aliás numerosas, mas quero crêr que êle não precisou de auxílio estranho, a julgar pelo bom conceito em que o tinham Castilho e até o padre José Agostinho, que nos *Burros* lhe faz um desconto honroso na burrice universal.

> E Antonio Joaquim, cantor dos *Toiros,*
> Cantor de *Galathea,* é menos Burro.

O poema, em quatro cantos e oitava-rima, com uma prefação em verso sôlto, vale realmente como sá-

tira de costumes, descreve com exactidão e chiste as toiradas, defendendo a causa dos toiros contra os homens, explora com felicidade o ridículo de alguns episódios tauromáquicos como por exemplo o do barbeiro *aficionado.*

Sendo bem lusitana a metrificação, não sei porque suposto efeito de originalidade jocosa foi que o autor acentuou à francesa [1], com desprazer dos nossos ouvidos portugueses, êstes dois esdruxulos finais:

> Hum louva em décimas lânguidas, frígidas;
> Tece outro Critico Sátyras rígidas.

V

VIAGEM MENTAL ao templo d'Apollo em Delphos, poema joco-serio por um clinico que vive por milagre. Lisboa, 1804.

Nunca vi exemplar algum dêste poema.

*VIAGENS (AS) a Leixões, ou a troca das Nereidas; poema heroi-comico, offerecido ás Senhoras Portuguezas, especialmente ás Ill.mas e Ex.mas Senhoras Cirnes por ***. Porto, 1855.*

Êste poema, em 12 cantos, é de Alexandre José

1 Refiro-me à acentuação dos decassilabos na 4.ª e na 7.ª, muito usada pelos franceses, mas que nós estranhamos.

da Silva de Almeida Garrett, irmão do visconde de Almeida Garrett.

O autor a si mesmo se denuncia quando, no canto 1.º, diz invocando o auxílio de doutores que possam advogar a sua causa:

E tu, Rodrigo Garrett,
Bem sabes quão rigoroso
É o dever que te força
A acudir-me pressuroso.

Refere-se ao dever filial: Rodrigo Garrett, bacharel em direito, era seu filho.

E no último canto, pedindo que o ajudem a rematar o poema, diz, referindo-se ao já então falecido visconde de Almeida Garrett:

Vem pois I.... [1] carinhoso
Ajudar-me a terminar,
Pois bem sabes que o rabinho
Mais custoso é de esfolar.

Estas citações mostram qual a métrica uniforme do poema, e o valor literário dêle.

Creio que Alexandre Garrett versejou por simples desenfado, tanto mais que a maior parte das suas publicações fôram de carácter religioso. Mas nesta acumulou facécias em linguagem sôlta, não obstante a obra ser oferecida às Senhoras Portuguesas, especialmente às Senhoras Cirnes, fidalgas do Pôço das Patas. Fá-las-ia rir? Eu sei lá! Decerto o autor não teve

1 Irmão.

outro fim em vista; e por modo nenhum pensaria em ombrear literàriamente com o Irmão, cuja superioridade reconhece no próprio poema.

A *Revista Peninsular* (tom. II, pág. 277) deu uma formidável tareia nas *Viagens a Leixões*, que classificou de «parto monstruoso». Seriam da mesma opinião as Senhoras Cirnes, e outras ilustres patrícias minhas? Talvez não fôssem. Naquele tempo, a sociedade do Pôrto vivia ainda numa simplicidade de costumes, que não excluía a chalaça portuguesa. As malícias claras, se faziam rir, não ofendiam ninguém; e se chegavam a ofender, ninguém quisesse estar na pele de quem as dizia.

O poema, cuja acção é inconsistente, e vive à custa de colóquios do autor com a deusa Tétis e com as Nereidas nos rochedos de Leixões, envolve a relances a crítica dos costumes — das modas e bailes do Pôrto, da vida balnear nas praias de Leça e Matozinhos, dos barões de fresca data, etc.

As notas finais, que são muitas, revelam que o autor tinha mais ilustração do que estro.

VIAGENS NO SYSTEMA PLANETARIO, poema satyrico em doze cantos pelo dr. Patrocinio da Costa. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1875.

Menciono êste poema, apesar de não ser pròpriamente herói-cómico.

Vem acompanhado de notas.

A sátira nêle desenvolvida é em grande parte atinente à organização dos estudos e ensino em Portugal, especialmente na Universidade de Coímbra.

Percorre o autor no poema alguns dos planetas principais.

Houve 2.ª edição das *Viagens* segundo se vê da capa de *Hero e Leandro,* tradução do mesmo dr. Patrocínio, feita também em Coímbra, em 1876; mas aí a designação de poema «satírico» foi substituída pela de «didactico».

O dr. Patrocínio da Costa, homem talentoso e excêntrico, regeu uma cadeira de matemática na Escola Politécnica de Lisboa.

Quando estudante em Coímbra, fôra auxiliado por um homem, cujo retrato conservava venerandamente na sua modesta sala de visitas já depois de ser professor.

Soube disto um estudante pouco aplicado e, porque na sala havia outros retratos, informou-se com segurança sôbre qual dêles era o do antigo protector do lente.

No fim do ado lectivo foi a casa do dr. Patrocínio, sendo recebido com má catadura.

— Venho implorar a protecção de v. ex.ª.

— Ora adeus, adeus. Eu nada posso fazer em seu favor. Não estudou nada, não sabe nada, queixe-se de si mesmo.

O rapaz, que já esperava esta reprimenda, pôs-se a olhar contemplativo para o retrato do protector benemérito.

E arranjou duas lágrimas *ad hoc.*

— Que tem o senhor que ver nêsse retrato?

— Estou a lembrar-me de que, se ainda fôsse vivo

êste santo homem, que foi amigo de meu pai, êle viria aqui pessoalmente interessar-se por mim junto de v. ex.ª.

— O que está dizendo!

— Digo que meu pai se lhe confessava muito devedor, porque nunca deixava de atender os seus pedidos. Que êle era uma bela alma, aquele senhor.

E apontava o retrato, soluçando.

— Está bém, está bem. A gratidão é um sentimento nobre e simpático. Vá para casa, reveja as matérias e vamos a ver o que o exame dará.

No exame, o dr. Patrocínio amparou com geito e carinho o rapaz, que ficou aprovado.

Mas o imprudente estudante contou, dias depois, no átrio da Escola, o modo como tinha engazupado o dr. Patrocínio.

Outro aluno, que lhe ouvira a irreflectida revelação, quis recorrer ao mesmo expediente.

Procurou em casa o professor, e contudo não se acautelara colhendo primeiro as devidas informações.

De modo que, ouvida a reprimenda, apontou para um retrato e disse:

— Nesta angustiosa ocasião só poderia interceder por mim aquele bom homem, que eu ainda conheci.

O dr. Patrocínio fez pé atrás e bradou:

— Ponha-se já no ôlho da rua, seu impostor. Êsse retrato é do meu avô quando tinha vinte e cinco anos. Eu já não cheguei a conhecê-lo. Rua, rua.

VIDA PICARESCA (Descrição da) por Diogo Camacho.

O autor é o mesmo da *Jornada às côrtes do Parnaso* (Vide *Jornada)*; isto é, Diogo de Sousa, aliás Diogo Camacho.

O poema de que tratamos agora apareceu originàriamente no 1.º tomo do *Postilhão de Apollo*, com o título *Vida de um estudante pobre* e sem nome de autor. É escrito em oitava-rima. Canta jovialmente, mas com brunido mérito literário, as amarguras e misérias da estúrdia académica, certamente porque o autor as experimentou.

No livro *Cavar em ruinas*, consagra Camilo Castelo Branco um artigo à *Vida picaresca*, de que reproduz vários trechos, e, referindo-se à destragada influência de Gôngora, pregunta se, na história da nossa literatura, o vulto apoucado de Diogo Camacho não deve ser posto na vanguarda da falange que resgatou as boas letras, ou, quando menos, tornou amáveis a locução lusitana e a fidalga simplicidade de António Ferreira e Camões.

VISÃO (A) do heroe da Ilha das Gallinhas. Fragmento publicado na *Gazeta do Povo* em 1 de novembro de 1872.

É paródia ao episódio do *Adamastor*.

Duas palavras sôbre o assunto:

D. Antónia Gertrudes Pusich nasceu na Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde em 1805 e faleceu na cidade de Lisboa em 1885.

Publicou prosa e verso; orou em público sôbre casos políticos e questões literárias.

Era filha de António Pusich, oficial dalmata que desde 1793 militou em Portugal e prestou bons serviços principalmente em Cabo Verde.

D. Antónia, quando viúva pela segunda vez, empenhou-se em fazer reconhecer o seu direito à posse da ilha das Galinhas, no mar da Guiné, a qual ilha havia sido outorgada a seu pai pelo respectivo régulo.

Não lhe foi reconhecido expressamente êsse direito, mas o govêrno, que era regenerador, concedeu-lhe uma pensão a título de indemnização pelos prejuízos que sofrera.

Êste facto deu origem a muitos ataques ao ministério, presidido por Fontes, e a *Visão do heroe* é um dêsses ataques... aliás ineficazes, porque ninguém pôde descobrir

> ...os segredos escondidos
> Desta perla gentil de Bijagoz.

X

XAROPE (D.) É pròpriamente uma sátira política, posto haja nela a permanência de um protagonista sob diversos aspectos biográficos.

É de Cláudio José Nunes, e vem incluída no

seu livro de versos — *Scenas contemporaneas*, Lisboa, 1873.

O protagonista — tanto a paixão política céga os homens! — era o boníssimo Pedro Augusto Franco, depois 1.º conde do Restêlo.

O título alude à sua profissão de farmacêutico.

Z

ZELO (O) poema offerecido aos adoradores da Estupidez, por Patricio Prudente Calado.

Avisado por Inocêncio (*Dic. Bibl.*, tom. 3.º, pág. 11) de que na livraria de Jesus — hoje da Academia das Sciências — havia uma cópia dêste poema, fui ali examiná-la.

O *Zêlo* tem 7 cantos, em sextilhas rimadas, e o seu fim é desafrontar a Universidade do ridículo que sôbre ela lançou outro poema do mesmo género — *O Reino da Estupidez.*

Transcrevo a proposição do assunto:

Canto o zelo do Genio, a quem Minerva
Deu a guarda da Athenas Lusitana.
Musa minha, tu desce, tu conserva
Em minha alma essa furia soberana,
Que ateaste na mente de Cervantes,
Que tanto pede a raça dos pedantes.

Fervia a papelada, que inspirava
O Rancor, e Inveja a vates pobres,
E sem rebuço impavida atacava
Illustres almas, e talentos nobres,
Das batinas, das becas, do Prelado
Querendo ver o crédito offuscado.

Teófilo Braga, no 3.º vol. da *Historia da Universidade de Coimbra,* fez largas transcrições dêste poema (pág. 685 e seg.).

Outras sátiras saíram por esse tempo com o mesmo fim que *O Zêlo* tinha em vista.

Vide *Reino da Estupidez.*

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pág. 17, em a nota, onde se lê «na Officina (sic)» deve ler-se «na Nfficina (sic)»

» 23, *Cabulogia*, lin. 3, deve ler-se «canto V do *Camões*, de Garrett»

» 34, lin. 11, onde se lê «espia» deve ler-se «cópia»

» 39, lin. 10-11, onde se lê «Chasseseau» deve ler-se «Chasserean»

» 50, lin. 14, onde se lê «Canzarões» deve ler-se «Canzarrões»

» 63, lin. 4, onde se lê «no *Hissope*» deve ler-se «no artigo *Hissope*»

» 67, lin. 1, deve grafar-se *Hyssope (O)*. Porque no título dos poemas conservamos a ortografia dos autores ou dos editores; acrescendo que neste caso só assim ficará certa a alfabetação.

» 67, lin. 19, onde se lê «Lecussam» deve ler-se «Lecusson»

» 94, lin. 24, onde se lê «hazards» deve grafar-se «hasards»

» 103, lin. 14, onde se lê «possui» deve ler-se «possuio»

» 114, lin. 24, onde se lê «lisonjam-no» deve ler-se «lisonjeiam-no»

» 115, lin. 25, onde se lê «cisne do Vomga» deve ler-se «cisne do Vouga»

» 146, lin. 19, suprima-se a última sílaba.

» 159, lin. 15, onde se lê «algum» deve ler-se «alguma» e na lin. 16, onde se lê «espinho» deve ler-se «espinha»

ÍNDICE

	Págs.
Ao leitor	7
Agostinheida	9
António Caro	12
Balão (O) aos habitantes da lua	12
Banheida (A)	14
Batóteida (A)	14
Benteida	17
Bisnaga escolastica	19
Bôlha (A)	19
Bravo (O) forneiro viajante	19
Burros (Os)	20
Cabulogia (A)	23
Cafre (O)	25
Calouríados	26
Calouro (O)	26
Camões em Coimbra	27
Campanha (A) do ôvo	27
Cartíada (A)	27
Casaqueida (A)	28
Caxorráda	29
Cebolíadas (Os)	29
Cerôto (O)	29
Chamorreida (A)	30
Charlatanismo (O)	30
Chelaida (A)	33
Chicote (O)	33
Chumacinho (O) furtado	34
Commendas (As)	35
Conquista (A) da cruz	39
Correiada (A)	39
Descida (A) de D. Miguel aos infernos a pedir auxilio	41
Desertor (O)	42
Diabo Coxo (O)	44
Dois Joões (Os)	44
Douri-Vinhada	44
Epiphaneida (A)	45
Escolíadas	45
Espantosas acções d'Antão Broega	46
Estoleida (A)	49
Farfuncia (A)	49
Festa (A) de Baldo	52

	Págs.
Filenaida	54
Foguetario (O)	54
Fradalhada (A)	58
Gaticanea	59
Genealogia paperifera	62
Graves nadas	62
Gregoreida	63
Herculeida (A)	65
Hostia (A) de oiio	66
Hyssope (O)	67
Jantareida (A)	76
Jericada (A)	76
Jornada ao Douro (Uma)	80
Jornada ás côrtes do Parnaso	83
Juizo (O) final e o sonho do inferno	85
Lazareto (O) de Lisboa	85
Lobinho (O) Philologico	86
Logração da prelasia regular de Santarem	87
Longuinheida (A)	88
Lusa (A) bambochata	89
Lusiadas (Parodias aos)	90
Macarronea latino-portugueza	98
Mal (O) da Delfina	100
Malhoada (A)	101
Máquina (A) aerostatica	112
Mariolada (A)	113
Medica Palestra	113
Meeting (Um) na Parvonia	113
Mendicanimachia	114
Ministrada (A)	115
Modernos (Os) Lusos	115
Momo	115
Mondegueida	116
Monoclea (A)	119
Monteiropedes	121
Murraça (A)	122
Musicografia (A)	123
Na cidade da Virgem	124
Narigueida	126
Niveleida (A)	126
Padeira (A) de Aljubarrota	127
Paes (Os) da Mãe Patria	128
Palito metrico	129
Parodia ao poema de M. Pinheiro Chagas	129
Pena de Talião	130
Perodana	135
Pinheirada	137
Poemeto heroi-comico	139
Polifemo e Galatea	140
Portugal, Pedro, Pedreirada	140
Pundonores (Os) desagravados	140
Querculanaida	142
Quixotada	144
Raphaeleida (A)	145
Ratos (Os) da alfandega de Pantana	146
Ratos (Os) da inquisição	148
Reino (O) da Estupidez	149
Revolução (A)	151
Roberto ou a dominação dos agiotas	154
Rodrigo (D.)	155
Saldanheida (A)	156

Págs.

Santarenaida. 157
Sapatos de setim azul ferrete 158
Tabaquinho 158
Toiros (Os) 159
Viagem mental ao templo d'Apollo em Delphos . 160
Viagens (As) a Leixões. . 160
Viagem no systema planetario 162
Vida picaresca (Descripção da). 165
Visão (A) do heroe da Ilha das Gallinhas 165
Xarope (D.) 166
Zelo (O) 167

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 25 DE SETEMBRO DE 1922.
PORTO.

PQ
9077
P55

Pimentel, Alberto
Poemas herói-cómicos portugueses

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 04 07 017 2